

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY**

**O CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (1973 – 1979): LUTAS
SIMBÓLICAS PARA CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E
CONSOLIDAÇÃO**

LAÍS DE MIRANDA CRISPIM COSTA

**Rio de Janeiro
2016**

LAÍS DE MIRANDA CRISPIM COSTA

**O CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (1973 – 1979): LUTAS
SIMBÓLICAS PARA CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E
CONSOLIDAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa **História da Enfermagem Brasileira**, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Enfermagem.

Orientadora: Prof. Dra. Tânia Cristina Franco Santos

**Rio de Janeiro
Dezembro – 2016**

**O CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (1973 – 1979): LUTAS SIMBÓLICAS PARA
CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO**

Laís de Miranda Crispim Costa

Orientadora: Prof. Dra. Tânia Cristina Franco Santos

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa **História da Enfermagem Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Enfermagem.**

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dra. Tânia Cristina Franco Santos (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/ EEAN- UFRJ) – Orientadora

Prof. Dr Luiz Otávio Ferreira (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ PPGHCS-COC-FIOCRUZ)

Prof. Dra. Mariangela Aparecida Gonçalves Figueiredo (Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora / HU-UFJF)

Prof. Dra. Regina Maria dos Santos (Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas / ESENFAR-UFAL)

Prof. Dr. Antônio José de Almeida Filho (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/ EEAN- UFRJ)

Suplentes:

Prof. Dra. Maria Angélica De Almeida Peres (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/ EEAN- UFRJ)

Prof. Dra Maria Cristina Frères de Souza (Enfermeira do Instituto Nacional de Câncer / INCA)

**Rio de Janeiro
Dezembro – 2016**

CIP – Catalogação na Publicação

C837c Costa, Laís de Miranda Crispim
O curso de graduação em enfermagem da
Universidade Federal de Alagoas (1973 – 1979):
lutas simbólicas para criação, implantação e
consolidação / Laís de Miranda Crispim Costa. --
Rio de Janeiro, 2016.
134 f.
Orientadora: Tânia Cristina Franco Santos.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2016.
1. História da Enfermagem. 2. Escolas de
Enfermagem. 3. Docentes de Enfermagem. 4.
Autonomia Profissional. 5. Enfermeiras e
Enfermeiros. I. Santos, Tânia Cristina Franco,
orient. II. Título

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Para Ramon e Pietro, vocês são a minha verdadeira riqueza.

Para Alexandre, “*por onde for quero ser seu par...*”

Para José Vieira Crispim (*in memoriam*), minha inspiração

Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma tese de doutorado requer, na maioria das vezes, um período de renúncias. No meu caso, tive que, literalmente, embarcar em uma viagem. Sozinha rumo ao Rio de Janeiro, para uma tarefa solitária, que precisou de muita persistência e disciplina. Por outro lado, esta fase da minha vida me proporcionou o prazer de conhecer outro universo, outras pessoas, outra cultura, outra forma de ser e estar neste mundo. Assim, aproveitei este espaço para prestar meus sinceros agradecimentos:

A **Deus**, minha luz, meu refúgio. É o Único que sabe o propósito de tudo.

À minha sogra, **Delma**, que me substituiu todo o tempo que precisei me afastar dos meus filhos. Foram três longos anos!

À **Universidade Federal do Rio Janeiro** e a **Escola de Enfermagem Anna Nery**, por me proporcionar um ensino público e de qualidade. Me sinto privilegiada por ter a oportunidade de me qualificar nesta instituição.

A todos os **professores** e **pesquisadores** do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, por terem sido parte fundamental do meu processo de doutramento.

Ao **Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira**, por ter me acolhido. Todos os encontros às segundas-feiras significaram aprendizado e troca de experiência.

Aos membros da Banca Examinadora, Dr. **Luiz Otávio Ferreira**, Dra. **Mariangela Aparecida Gonçalves Figueiredo**, Dr. **Antônio José de Almeida Filho**, Dra. **Maria Angélica De Almeida Peres** e Dra. **Maria Cristina Frères de Souza**, por terem aceitado o convite. É uma honra para mim tê-los neste momento. Em especial, quero agradecer à minha eterna mestre, Dra. **Regina Maria dos Santos**, uma mãe “científica” que a academia me proporcionou.

À minha querida orientadora, Dra. **Tânia Cristina Franco Santos**, que, com seu jeito manso, me convidou para fazer a seleção de doutorado na Escola de Enfermagem Anna Nery. A minha primeira reação foi inusitada, acreditava que era muita pretensão da minha parte encarar esta empreitada, sobretudo considerando que a prova de proficiência seria em língua francesa. Uma pessoa que mal sabia falar “*bonjour*”. Mas enfim, estou aqui! E só posso agradecer à esta orientadora que sempre acreditou no meu potencial.

À **Universidade Federal de Alagoas** e a **Escola de Enfermagem e Farmácia**, por terem autorizado meu afastamento para realizar este mergulho teórico profundo.

Aos **depoentes** desta pesquisa, por terem permitido que eu adentrasse em seus espaços para rememorar algumas passagens de suas vidas. Suas contribuições foram valiosas.

Aos **funcionários** do Arquivo Central e do CONSUNI da UFAL, por terem me recebido com tanta presteza.

Aos meus colegas de turma, **Gizele, Cássia, Joseph, Isis, Priscila, Maciane, Rita, Raquel, Riany** e **Ingrid**. Nossa convivência foi maravilhosa. Em especial, faço um agradecimento à parte para **Danielle Costa**, uma amiga-irmã que o doutorado me deu e que providenciou até um quarto para mim em sua residência. Que a conclusão desta etapa não se configure como um fim, mas sim o começo de uma linda amizade. Obrigada por tudo!

Meu agradecimento final e mais caloroso é para a minha família. Minha base, meu tudo, minha vida, meus amores. Meus meninos: **Alexandre, Ramon e Pietro**. Eu não sei mais viver sem vocês.

“Uma prática científica que se esquece de se pôr a si mesma em causa
não sabe, propriamente falando, o que faz”

Pierre Bourdieu

RESUMO

O foco deste estudo abarca as lutas, estratégias e repercussões simbólicas de enfermeiras para a criação e institucionalização do curso de Enfermagem na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no recorte temporal de 1973 até 1979, o qual contempla a criação e o reconhecimento pelo Ministério de Educação e Cultura do curso referido. A tese defendida é de que o suporte de enfermeiras americanas no contexto das ações desenvolvidas no âmbito do Convênio celebrado entre a universidade, o governo do estado e um projeto norte-americano foi essencial para acelerar as condições de criação do curso e de que a mobilização de professoras e alunas pioneiras propiciaram avanços simbólicos e concretos, para visibilidade e reconhecimento do trabalho de enfermagem perante a sociedade local e no espaço acadêmico. Os objetivos da pesquisa foram: Descrever o processo de criação e implantação do Curso de Graduação em Enfermagem na UFAL; Analisar as estratégias de luta das docentes pelo reconhecimento acadêmico no espaço universitário; e Discutir os efeitos simbólicos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na Universidade Federal de Alagoas. A tese encontra suporte teórico nas contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu, quando aborda os conceitos de campo, *habitus*, capital, luta simbólica, poder simbólico e violência simbólica, que se mostraram fecundos para analisar aspectos explícitos e subjacentes aos achados da investigação. As fontes consultadas foram: depoimentos orais resultantes da transcrição de 24 entrevistas (13 professoras enfermeiras; 3 alunas da primeira turma que após a formatura ingressaram como docentes; 4 alunas da primeira turma; 2 enfermeiras norte-americanas; e 2 professores do curso de medicina), alguns destes depoimentos estavam arquivados no acervo do Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem – LADOPHE do curso de Enfermagem da UFAL; atas, portarias, declarações, boletins, memorandos e ofícios constantes em alguns setores da UFAL (Arquivo Central, Coordenação do Curso de Enfermagem, Conselho Universitário, Departamento de Registro e Controle Acadêmico); documentos arquivados no LADOPHE; documentos cedidos pelo projeto norte-americano; e documentos cedidos pelos depoentes. Estas fontes foram trianguladas com referências que abordam a História do Brasil, com ênfase na história da saúde pública, de Alagoas e da Enfermagem. Os resultados apontam para a confirmação da tese, eis que as estratégias empreendidas pelas professoras enfermeiras foram bem sucedidas: na luta com médicos na ocupação do espaço no cenário de cuidados aos pacientes, no intuito da implantação de um modelo de Enfermagem autônoma, como parte ativa da equipe de saúde; na ampliação da visibilidade e reconhecimento social do trabalho da enfermeira nos cuidados, na educação em saúde e na saúde pública; na produção científica, ao ponto de alunas terem conquistado prêmio pela qualidade de estudo exposto em evento científico nacional; na busca de algumas pioneiras por especialização em universidades de outros estados brasileiros; na contribuição com as Organizações Cívicas da Enfermagem (Associação Brasileira de Enfermagem e Conselho Regional de Enfermagem de Alagoas); na criação do Departamento de Enfermagem dentro da estrutura administrativa da UFAL com consequente reconhecimento do curso. Ao final, apresentam-se considerações as quais podem ser úteis para o resgate e compreensão do importante trabalho de enfermeiras, em diferentes espaços do solo pátrio, no intuito da implantação e consolidação de um modelo de Enfermagem autônomo e capacitado para cooperar com eficiência e responsabilidade na equipe de saúde, nos vários espaços de sua atuação. Esse conhecimento serve como ponto de reflexão para a análise, crítica e planejamento da formação contemporânea em Enfermagem.

Palavras chave: História da Enfermagem; Escolas de Enfermagem; Docentes de Enfermagem; Autonomia Profissional; Enfermeiras e Enfermeiros.

ABSTRACT

The focus of this study encompasses the struggles, symbolic strategies and repercussions of nurses for the creation and institutionalization of the Nursing Course at the Federal University of Alagoas (FUAL), on the time frame from 1973 to 1979, which includes the establishment and recognition by the Ministry of Education and Culture of that course. The argument put forward is that the support of American nurses in the context of the actions undertaken under the Agreement concluded between the university, the state government and a US project was essential to speed up the conditions of creation of the course and that the mobilization of teachers and students have provided pioneering symbolic and concrete progress, for visibility and recognition of nursing to the local society and the academic space. The research objectives were: Describe the process of creation and implementation of the Nursing Undergraduate Course at FUAL; Analyze the strategies of struggle of teachers for academic recognition in the university space; and discuss the symbolic effects resulting from the insertion of the undergraduate nursing course at the Federal University of Alagoas. The thesis is theoretical support by the contributions of sociologist Pierre Bourdieu, when discusses the concepts of field, *habitus*, capital, symbolic struggle, symbolic power and symbolic violence, that proved fruitful to analyze explicit aspects and underlying research findings. The sources consulted were: oral statements resulting from the 24 interviews transcription (13 nurses teachers, 3 students from the first class that after graduation joined as a teacher, 4 students from the first class, 2 North American nurses, and 2 medical school teachers), some of these statements were filed in the Laboratory of the collection of Documentation and Research in Nursing History (LADOPHE) of Nursing course of UFAL; minutes, ordinances, statements, reports, memos and letters contained in some sectors of UFAL (Central Archive, Nursing Course Coordination, University Council, Department of Registration and Academic Control); documents filed in LADOPHE; documents granted by the US project; and documents transferred by the deponents. These sources were triangulated with references that address the history of Brazil, with emphasis on the history of public health, Alagoas and Nursing. The results point to a confirmation of the thesis, behold, the strategies undertaken by nurses teachers were successful: in the struggle with doctors in the use of space in the patient care setting, in the aim of implementing an autonomous nursing model, as an active part health team; in increasing the visibility and social recognition of the nurse in the care, health education and public health; in scientific production, to the point that students have won award for quality exposed study in national scientific event; in search of some pioneers for specialization in universities in other Brazilian states; in contributing to the Civil Organizations of Nursing (Brazilian Nursing Association and Alagoas Regional Nursing Council); in the creation of the Department of Nursing within the administrative structure of UFAL with consequent recognition of the course. At the end, were presented considerations which may be useful to the rescue and understanding of the important work of nurses in different areas of the homeland, in order of implementation and consolidation of an autonomous and skilled nursing model to cooperate with efficiency and responsibility health staff in several areas of its operations. This knowledge serves as a point of reflection for analysis, review and planning of contemporary education in nursing.

Keywords: History of Nursing; Schools, Nursing; Faculty, Nursing; Professional Autonomy; Nurses.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn – Associação Brasileira de Enfermagem
CBEn – Congresso Brasileiro de Enfermagem
CCBi – Centro de Ciências Biológicas
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFEn – Conselho Federal de Enfermagem
DAU – Departamento de Assuntos Universitários
EAEA – Escola de Auxiliares de Enfermagem de Alagoas
EUA – Estados Unidos da América
GEDIM – Grupo de Estudos Dona Isabel Macintyre
IDA – Integração Docente-Assistencial
HOPE – Health Opportunity for People Everywhere
LADOPHE – Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem
NUPHEBRAS – Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira
REBEn – Revista Brasileira de Enfermagem
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCC – Unidade Curricular Comum
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFPe – Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro nº 1: Documentos arquivados no LADOPHE	11
Quadro nº 2: Pessoas entrevistadas nesta pesquisa	12
Quadro nº 3: Viagens realizadas pelo navio do Projeto HOPE.....	25
Quadro nº 4: Fotografias do acervo digital do projeto HOPE.....	32
Quadro nº 5: Relação das professoras (enfermeiras) que ingressaram no Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL no período de 1973 a 1978.....	40
Quadro nº 6: Chefias das clínicas do HU no ano de 1975.....	63
Quadro nº 7: Grade Curricular efetivamente implantada para a primeira turma do curso e que anulou a primeira grade proposta para o curso de 1974.1 a 1977.1.....	71
Quadro nº 8: Número de formados pelo curso de enfermagem entre 1977 a 1979.....	82
Quadro nº 9: Número de formados pelo curso de enfermagem entre 1977 a 1979.....	91

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Diagrama representativo da disposição dos agentes envolvidos no processo de criação, implantação e consolidação do curso de enfermagem da UFAL, Maceió, 2015.	19
<i>Fac símile 1</i> : Parte do relatório de 50 anos de atuação do projeto HOPE.....	28
Fotografia 1: Corredor térreo do Hospital Universitário da UFAL com o pessoal de enfermagem que iria trabalhar na instituição.....	30
<i>Fac símile 2</i> : Depoimento da enfermeira norte-americana Sheila Clarke, extraído do diário de bordo da enfermeira VeNeta Masson.....	31
<i>Fac símile 3</i> : Trecho do discurso da oradora da turma, Noraci Pedrosa Moreira, durante as comemorações da Formatura das pioneiras da UFAL, em junho de 1977.....	39
Figura 2: Diagrama representativo dos estados onde cada professora enfermeira graduou-se em enfermagem, Maceió, 2016.	42
<i>Fac símile 4</i> : Depoimento da enfermeira VeNeta Masson, extraído do seu diário de bordo.....	43
<i>Fac símile 5</i> : 1ª Grade curricular do Curso de Graduação em Enfermagem, aprovada em 24/09/74.....	44
<i>Fac símile 6</i> : Ofício nº01/75 do Centro de Ciências da Saúde – UFAL.....	47
<i>Fac símile 7</i> : Portaria nº 349 de 13 de junho de 1975.....	48
Figura 3: Capa da Revista <i>Scientia ad Sapientiam</i> , lançada em 1978.....	52
<i>Fac símile 8</i> : Depoimento da enfermeira norte-americana VeNeta Masson, extraído do seu diário de bordo.....	53

<i>Fac símile 9: Capa do trabalho publicado na REBEn (Ano XXX, nº 2, ABRIL/JUNHO de 1977).....</i>	<i>59</i>
<i>Fac símile 10: Certificado da enfermeira Maria das Graças Pereira Lima por sua participação no curso de Infecção Hospitalar, ocorrido no âmbito XXXVIII Congresso Brasileiro de Enfermagem / I Congresso Sul Americano do C.IC.I.A.M.S.....</i>	<i>60</i>
<i>Fac símile 11: Portaria CSAU.UFAL, Nº 13/75.....</i>	<i>62</i>
<i>Fac símile 12: Trecho do discurso da oradora da turma, Noraci Pedrosa Moreira, durante as comemorações da Formatura das pioneiras da UFAL, em junho de 1977.....</i>	<i>67</i>
<i>Fac símile 13: Trecho do discurso da oradora da turma, Noraci Pedrosa Moreira, durante as comemorações da Formatura das pioneiras da UFAL, em junho de 1977.....</i>	<i>70</i>
<i>Fac Símile 14: Trecho do discurso da formanda Maria Helena Brandão Vilela durante as solenidades de formatura da primeira turma em junho de 1977.....</i>	<i>73</i>
<i>Fac símile 15: Trecho do discurso de homenagem ao paciente proferido pela professora Lenir, durante as solenidades de formatura da primeira turma em junho de 1977.....</i>	<i>74</i>
<i>Fotografia 2: Solenidade da Aula da Saudade da formatura da primeira turma do Curso de Enfermagem da UFAL.....</i>	<i>75</i>
<i>Fac símile 16: Definição do perfil profissional descrito na primeira proposta curricular para o Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL.....</i>	<i>76</i>
<i>Fac símile 17: Certificado conferido pelo Instituto Nacional da Previdência Social em Parceria com o Projeto RONDON à aluna Maria das Graças Pereira Lima pela finalização de estágio remunerado.....</i>	<i>80</i>
<i>Fac símile 18: Declaração emitida pelo serviço de saúde denominado PRONTATEMD sobre o estágio realizado pela aluna Ivanilda de Albuquerque Alves.....</i>	<i>80</i>

<i>Fac símile</i> 19: Documento emitido pela UFAL declarando o período de atuação de Maria das Graças Pereira Lima como professora colaboradora.....	84
<i>Fac símile</i> 20: Certificado conferido à professora Maria das Graças Pereira Lima pela sua participação no Seminário intitulado “Desenvolvimento e Avaliação do Curso de Enfermagem”.....	94
<i>Fac símile</i> 21: Capa do trabalho desenvolvido por duas enfermeiras norte-americanas (Adele B. Campos e June S. Barreras) e todo o corpo docente do curso de enfermagem.....	97
<i>Fac símile</i> 22: Justificativa do estudo desenvolvido por duas enfermeiras norte-americanas (Adele B. Campos e June S. Barreras) e todo o corpo docente do curso de enfermagem.....	98
Fotografia 3: Solenidade de abertura das comemorações da 38ª Semana Brasileira de Enfermagem, Maio, 1977.....	101
<i>Fac símile</i> 23: Portaria de nomeação dos membros do CRUTAC da UFAL.....	103
<i>Fac símile</i> 24: Portaria de Reconhecimento do Curso de Enfermagem da UFAL pelo Ministério de Educação e Cultura, de 29 de agosto de 1979.....	108
<i>Fac símile</i> 25: Relação das pessoas que elaboraram o “Manual da Unidade de Enfermagem” do HU da UFAL.....	109
<i>Fac símile</i> 26: Agradecimento escrito no “Manual da Unidade de Enfermagem” do HU da UFAL.....	109
<i>Fac símile</i> 27: Organograma descrito no “Manual da Unidade de Enfermagem” do HU da UFAL.....	110
<i>Fac símile</i> 28: Ofício nº 280/70 HPR de 30 de novembro de 1979.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 – SUPORTE TEÓRICO-METOLÓGICO	7
1.1 Os Fundamentos Teóricos auferidos de Pierre Bourdieu	7
1.2 Tipo de Estudo	9
1.3 Recorte Espaço-temporal	10
1.4 Fontes	10
1.5 Critérios de Inclusão/Exclusão	14
1.6 Cenário	15
1.7 Técnica e instrumento de coleta de dados	15
1.8 Critérios Éticos	17
1.9 Análise dos dados e Referencial Teórico	17
Capítulo 2 – O Contexto social e acadêmico para criação e implantação do curso de graduação em Enfermagem na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	20
2.1 Delineamento da Conjuntura sócio-política	20
2.2 Os antecedentes à criação da Escola	25
2.3 A Criação do Curso de Enfermagem da UFAL	35
Capítulo 3 – As estratégias de luta dos agentes sociais para a conquista e reconhecimento sócio-profissional	38
3.1 A estrutura e funcionamento do curso	38
Capítulo 4 - Os efeitos simbólicos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na UFAL	78
4.1 A entrada das alunas no campo da Enfermagem	78
4.4 Repercussão das lutas simbólicas na visibilidade e reconhecimento social da Enfermagem	86
CONCLUSÃO	114
REFERÊNCIAS	119
Apêndice – A: Roteiro da entrevista	127
ANEXO – A: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	128

ANEXO – B: Instrumento para análise interna e externa de documentos.....	131
ANEXO – C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.).....	132
ANEXO – D: Termo de doação de depoimento.....	134

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objeto as lutas simbólicas para o processo de criação, implantação e consolidação do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. O interesse pelo tema decorre da vivência como professora de disciplina alusiva à história da enfermagem, quando identifiquei lacunas no conhecimento da História da Enfermagem alagoana e, ainda no Mestrado, dediquei-me a investigar a contribuição dos docentes para a configuração da identidade profissional das primeiras egressas do mencionado Curso. Agora, no Doutorado, considerei oportuno aprofundar o conhecimento de tão importante temática, dirigindo o olhar para momento anterior, que abarca a mobilização das colegas e outros parceiros, no intuito de institucionalização do processo de formação de enfermeiros naquela Universidade.

De pronto, cumpre registrar que o curso foi criado em 1973, alcançando autorização para funcionamento no dia 1º de novembro do mesmo ano, em reunião do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFAL. (FIGUEIREDO; MENDONÇA; SANTOS, 1987).

Para contextualizar o objeto, ressalta-se que, em fevereiro do ano referido, atracou no porto de Maceió o Navio-Escola HOPE (Health Opportunity for People Everywhere). A vinda do navio ocorreu no âmbito de um convênio celebrado em 1972 entre o governo do Estado de Alagoas (mandato do governador Afrânio Lages), o Projeto HOPE e a UFAL. Entre os objetivos do convênio, ressalta-se o ensino das mais recentes técnicas da ciência médica norte-americana e a atuação dos profissionais no atendimento de casos especiais de saúde. (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009). As enfermeiras que faziam parte desse projeto permaneceram no município até novembro do mesmo ano.

Na oportunidade, a população de Alagoas teve contato com um modelo de enfermagem vigente nos Estados Unidos da América na década de 1970. Até então, a sociedade alagoana contava apenas com elementares cuidados, prestados por auxiliares e atendentes de enfermagem que trabalhavam nos serviços de saúde do Estado, restringindo-se à subordinação às ordens médicas (COSTA, 2012), por absoluto despreparo para o exercício profissional autônomo. Nos idos de 1973, Alagoas não dispunha de curso de graduação em enfermagem: a única iniciativa de ensino formal na área era a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Alagoas (EAEA), criada em 1952 (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

Apesar de o convênio (com suporte do navio HOPE) não ter como objetivo a criação de curso de enfermagem no Estado, seu desenvolvimento e, portanto, a cultura de enfermagem norte-americana exerceu influência marcante no movimento que estimulou a criação do curso de enfermagem na UFAL, seja por ter trazido à luz a escassez de enfermeiras no Estado seja por sua atuação junto ao corpo docente até a criação e consolidação do curso.

A esse respeito, é elucidativo que a composição do primeiro corpo docente estendeu-se para além da formatura da primeira turma, que aconteceu em junho de 1977, e contou com a atuação das enfermeiras do Projeto HOPE, as quais, mesmo após a partida do navio (em novembro de 1973), permaneceram em terra por mais cinco anos, cumprindo um programa integrado junto ao Governo de Alagoas e a UFAL. (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009)

Um fato que simboliza a parceria entre o projeto norte-americano e a UFAL foi a doação pelo HOPE de equipamentos e insumos para montagem do primeiro laboratório de enfermagem do curso recém-criado, ao Departamento de Enfermagem da Universidade. (FIGUEIREDO; MENDONÇA; SANTOS, 1987) É interessante acrescentar que este espaço recebeu o nome de “Laboratório de Enfermagem June Sessil Barrera”, em homenagem a uma das enfermeiras norte-americanas que permaneceu no Brasil dando prosseguimento ao projeto em terra. Dessa forma, colaborou com o desenvolvimento do curso de graduação em enfermagem da UFAL.

O processo de criação, implantação e consolidação do curso de enfermagem aconteceu na década de 1970, período mais intenso do regime militar no Brasil. No período, movido por uma ideologia de modernização conservadora, o governo central e, no caso, particularmente o Ministério de Educação e Cultura (MEC), reconhecia a necessidade de implantação de cursos universitários nas regiões Norte e Nordeste, por serem as mais pobres do país, sobretudo na região Norte. A rigor, essa prioridade se justificava, pois, das 15 escolas de enfermagem implantadas no Brasil na década de 1950, apenas uma se localizava no Norte (Escola de Enfermagem de Manaus – 1951). Com tais antecedentes, nas décadas de 1960 e 1970, prevalecia a necessidade de investimento na educação em enfermagem, principalmente no norte brasileiro, visto que o nordeste já contava com escolas nos estados de Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Levando em consideração o contexto delineado em largos traços, o recorte temporal da pesquisa compreende o período entre 1973 e 1979: o marco inicial refere-se

ao ano de criação e o marco final ao reconhecimento do curso pelo Conselho Federal de Educação.

Outro ponto a destacar na delimitação do objeto da Tese está relacionado às mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas na década de 1960 que tiveram reflexos na enfermagem, com ênfase na área de ensino. Ademais, é pertinente reconhecer que a década de 1970 representou marco do ensino superior de Enfermagem no Brasil: ampliaram-se em mais de 100% os cursos de graduação de formação de enfermeiros em 15 anos; em 1961 havia 32 cursos, evoluindo-se para 66, em 1976. (TEIXEIRA; VALE; FERNANDES; SORDI, 2006)

Como se pode depreender, foi nesse contexto que lideranças do Estado de Alagoas identificaram argumentos expressivos que justificavam a criação do primeiro curso de graduação em enfermagem: Estado com baixo índice de desenvolvimento, número insuficiente de profissionais de enfermagem e população padecendo com precárias condições de saúde. (SANTOS; TAVARES; CRUZ; TREZZA, 2010). Ademais, como aludido, a atuação das enfermeiras norte-americanas possibilitou nova visão do potencial do trabalho da enfermeira e a grande necessidade dessas profissionais para o Estado, bem como a compreensão do reitor (Professor Nabuco Lopes) em implantar o curso na UFAL à época. (SANTOS, LIRA, NASCIMENTO, 2009)

Após a criação do curso, era preciso cuidar da efetiva implantação. O primeiro vestibular ocorreu em janeiro de 1974: as aulas tiveram início em março e as ingressantes passaram a cursar as disciplinas do ciclo básico, a maioria ministrada por docentes formados em medicina. A formatura da primeira turma ocorreu em junho de 1977. A partir de intenso trabalho do corpo docente, o curso foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em 27 de agosto de 1979, através da Resolução CFE nº 825/1979.

Durante os primeiros anos de funcionamento, formaram-se basicamente quatro grupos distintos entre os protagonistas do curso: das alunas; das professoras enfermeiras; dos professores médicos; e das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE. Nessa trama de agentes sociais, cada qual desempenhou funções um tanto distintas, o que manifestou tendência a acentuar-se, à medida que se estabeleceram sinais de competição e de ampliação das atribuições de cada um. Dialeticamente, esse cenário fez emergir a noção de interdependência, formando um tecido social dinâmico. (COSTA; SANTOS; SANTOS; TREZZA; LEITE, 2014)

À medida que as professoras enfermeiras, provenientes de diversos estados brasileiros, tomaram posse como docentes, elas assumiram a direção do curso e também

passaram a participar das discussões que aconteciam na Universidade. Essas experiências fizeram emergir a consciência da necessidade de conquista de espaço na universidade e reconhecimento social do curso recém-criado.

Dessa visão panorâmica alusiva aos primórdios do curso, assento a Tese no pressuposto de que a estadia do navio-escola do projeto HOPE e as inovações empreendidas nos cuidados de Enfermagem no Estado de Alagoas conferiram visibilidade ao capital simbólico do trabalho da enfermeira, contribuindo sobremaneira para a criação do curso de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas. Ademais, a partir das lutas empreendidas por um grupo de enfermeiras docentes do citado curso, tornou-se possível consolidar o espaço de atuação da enfermagem alagoana.

Guardando coerência com o exposto, formulei as seguintes questões norteadoras da Tese: Como se desenvolveu a inserção do curso de enfermagem na UFAL? Como as docentes enfermeiras se organizaram para o funcionamento do curso? Que alianças estabeleceram? Como se relacionaram com o corpo discente? Como transcorreu a evolução do curso, desde os primeiros anos de funcionamento até sua consolidação?

A tese foi orientada pelos seguintes objetivos:

- Descrever o processo de criação e implantação do Curso de Graduação em Enfermagem na UFAL.
- Analisar as estratégias de luta das docentes pelo reconhecimento acadêmico no espaço universitário.
- Discutir os efeitos simbólicos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na UFAL.

Na definição de pressupostos e objetivos, busco sustentação em Sanfelice (2009), quando sublinha ser relevante a discussão entre o singular e o universal no que tange os estudos da História das Instituições escolares e/ou educativas no intento de contribuir com o conhecimento da história da educação, pois:

para se captar o que é a singularidade de uma instituição torna-se necessário olhar o universal (a totalidade). Se o singular não existe por si, uma vez que está contido no universal, o universal não se institui sem as contraditórias relações das múltiplas singularidades. Captar o movimento, a tensão entre o singular e o universal é o fundamental da pesquisa. Se o singular depende da sua materialidade única, o universal também não é uma abstração: é uma totalidade histórica determinada pelo seu modo de produção, pelas suas relações sociais, pelas suas práticas políticas, culturais, ideológicas e educativas, dentre outras. (SANFELICE, 2009, p. 198)

Partindo desse alicerce, desenvolvi estudo de natureza histórico-social, vertente que não se preocupa com a mera narrativa dos acontecimentos, eis que se orienta para a análise de estruturas, onde as experiências e opiniões das pessoas comuns podem trazer importantes esclarecimentos. Nessa perspectiva, é pertinente escolher, como fontes, além dos documentos oficiais da história tradicional, dados visuais e orais, comerciais, populacionais, dentre outros. (BURKE, 2011). Segundo essa linha investigativa, a história da sociedade e da respectiva cultura se organiza num conjunto de elementos coerentes complementares. A realidade é social e culturalmente constituída, sujeita a variações, no tempo e no espaço. (BOUDON, BOURRICAUD, 2004)

Ademais, a enfermagem brasileira busca resgatar sua história, onde, para além da preservação de recordações, a interpretação do passado é concebida como resposta a um conjunto de necessidades e circunstâncias sociais (SANTOS; BARREIRA; GOMES; BAPTISTA; PERES; ALMEIDA FILHO, 2011), pois a “construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico”. (BARREIRA, 1999, p. 90).

Nessa vertente de interpretação, o estudo da História da Enfermagem é libertador, pois permite compreender o contexto profissional e obter novo olhar sobre a profissão. Com essa percepção, os “acontecimentos, pessoas ou instituições que transformam paradigmas, geram tendências e influenciam a sociedade atual” (SANNA; CAGNACCI, 2010, p. 809), por isso merecem ser entendidos e explorados em suas diversas faces. Admitida essa premissa, a memória escrita, ilustrada ou falada preserva a história e deve ser valorizada porque as sociedades e as pessoas que preservam sua história se sustentam mais fortemente.

Sob a dimensão da relevância científica da Tese, vale sublinhar as lacunas na produção acadêmica sobre o tema. Cumpre ressaltar que alguns estudos histórico-sociais já foram desenvolvidos sobre o curso de graduação de enfermagem da UFAL ou relacionados a ele, a saber: 1) As circunstâncias de criação do Curso de Enfermagem da UFAL (trabalho de conclusão de curso); 2) O navio HOPE: um novo encontro entre a enfermagem brasileira e a norte-americana (livro publicado a partir de três pesquisas de Iniciação Científica); 3) Tessitura da identidade profissional da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL: contribuição do corpo docente– 1973/1977 (dissertação de mestrado, de minha autoria); e, 4) A luta das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas por melhores posições no campo da saúde – 1977/1979 (dissertação de mestrado).

Isso posto, a realização da presente tese de doutorado procurou preencher lacunas subsistentes quanto a fontes de consulta, bem como fortalecer dois espaços sociais de produção do conhecimento sobre a história da enfermagem brasileira, quais sejam: o Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira – NUPHEBRAS do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery: a pesquisa foi vinculada ao grupo de pesquisa “História da Enfermagem nas instituições brasileiras do século XX”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; e o Grupo de Estudos Dona Isabel Macintyre – GEDIM, vinculado à UFAL, também cadastrado no CNPq.

Em paralelo, orientou-se para contribuir para reflexão crítica sobre o desenvolvimento da Enfermagem em Alagoas e sobre a configuração da identidade profissional da enfermeira alagoana.

Sob o ângulo da relevância social, procurou-se contribuir para o registro e divulgação da História da Enfermagem Brasileira, em particular no contexto investigado, pois o ensino e a difusão de aspectos relevantes sobre a história propicia, entre outras contribuições, o desenvolvimento de um “compromisso perene com a profissão”. (BARREIRA, 1999, p. 87)

A Tese está organizada em três capítulos, cuja estrutura e conteúdo se resume a seguir:

- O Contexto social e acadêmico para criação e implantação do curso de graduação em Enfermagem na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
- As estratégias de luta dos agentes sociais para a conquista e reconhecimento sócio-profissional
- Os efeitos simbólicos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na UFAL

Capítulo 1 – SUPORTE TEÓRICO-METOLÓGICO

1.1 Os Fundamentos Teóricos auferidos de Pierre Bourdieu

O referencial teórico abarcou a noção de Mundo Social, tal como formulada por Pierre Bourdieu, quando esclarece que o poder simbólico é uma forma transformada e legitimada de outras formas de poder. (BOURDIEU, 2011)

O pensamento deste sociólogo, particularmente, quando trata das relações entre os agentes sociais e a sociedade, a partir dos conceitos de: campo, *habitus*, capital, luta simbólica, poder simbólico e violência simbólica, foi fecundo para conduzir a uma análise dialética do processo de implantação e consolidação do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas.

O autor em tela esclarece que o campo simbólico também é palco de lutas de poder, embora nem sempre se percebem com clareza as forças materiais que sustentam os agentes em disputa.

Ao tratar do conceito de campo, Bourdieu esclarece que uma sociedade diferenciada não forma uma totalidade exclusiva, mas sim um conjunto de espaços de jogos mais ou menos autônomos que não devem ser analisados a partir de uma lógica social única, pois cada espaço constitui um campo, que pode ser econômico, político, cultural, científico ou outro (BOURDIEU, 2011), ou seja, “um sistema estruturado de forças objetivas, uma configuração relacional que, à maneira de um campo magnético, é dotado de uma gravidade específica, capaz de impor sua lógica a todos os agentes que nele penetram”. (LOYOLA, 2002, p. 67)

Com esse alicerce teórico, situou-se o processo de criação, implantação e consolidação de um curso de graduação em enfermagem no nordeste brasileiro, na década de 1970, admitindo ser improvável saber sobre este objeto de investigação deslocando-o de seu contexto, pois ele não é nada fora das suas relações com o todo (BOURDIEU, 2011). Destarte, analisar e discutir este objeto requer um esforço para pensá-lo relacionalmente, considerando suas unidades sociais, bem como suas propriedades particulares, adquirindo, assim, significados nas relações com a realidade onde está inserido, justificando-se pela intercessão que estabelecem entre si os diversos campos.

A conformação do campo, a partir do *habitus* individual e coletivo, determinou a forma de atuação das docentes enfermeiras, em busca da efetiva implantação e posterior

consolidação do curso de enfermagem na universidade. Para Bourdieu, o *habitus* é um sistema de disposições, maneiras de perceber/fazer/pensar/sentir, que leva o indivíduo a agir de determinada forma, em determinada circunstância. Dessa forma, pode-se dizer que os resultados a longo prazo são praticamente inconscientes, visto que têm suas raízes calcadas em um processo maior, engendrado pela lógica do campo social.

Foi igualmente nesse campo de produção simbólica que se configurou um microcosmo da luta simbólica entre atores sociais, onde o grupo dominante (médicos) envidou esforços para impor a legitimidade da sua dominação por meio da própria produção simbólica.

Dialeticamente, os conceitos citados propiciaram a compreensão do processo de formação das primeiras enfermeiras alagoanas, pois a posição social dos indivíduos envolvidos, sejam docentes ou discentes, interfere em sua forma de pensar, ver e agir na mais variadas situações durante todo o movimento de criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem na Universidade Federal de Alagoas.

Assim concebido o processo, o acúmulo de bens culturais e simbólicos inscreve-se nas estruturas do pensamento e ação e conforma o *habitus*, a partir do qual os agentes realizam suas trajetórias e ratificam a reprodução social. Esta não aconteceria sem a sutileza da ação das pessoas e instituições que preservam as funções sociais através do exercício da violência simbólica sobre os indivíduos, não raro, com sua anuência. (BOURDIEU, 1999; BOURDIEU, 2015)

O *habitus* divide-se em primário e secundário. O primeiro é constituído no seio familiar, através das relações dos agentes da família (censuras, aprovações, lições de moral, recompensas, enaltecimentos, entre outras influências), por meio das quais os indivíduos constroem a autoimagem, compatível com a estrutura social e a posição social de origem no interior do próprio sujeito. Já o *habitus* secundário é consequência da inserção de um agente em outros espaços sociais (aqui poderíamos exemplificar a universidade). Ele é resultado da inculcação, percepção e apreciação promovida em algumas condições sociais. (BOURDIEU, 2011).

Bourdieu também confere ênfase ao capital econômico (é o poder do dinheiro que confere um poder sobre os dominados desprovidos) e amplia essa noção a outras formas de riqueza, “criando conceitos como de *capital cultural*, que designa uma relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar; de *capital social*, designando a rede de relações sociais que constitui uma das riquezas essenciais dos dominantes”. (LOYOLA, 2002, p. 66). O capital simbólico de qualquer espécie

(cultural, social, econômico, político, esportivo, artístico, etc.) é o capital propriamente dito, e o volume de capital eficiente num campo determina qual agente exerce, de maneira dominante, o poder simbólico sobre o dominado (BOURDIEU, 1999).

Outra noção que complementou a análise dos dados foi a de poder simbólico, que é um “poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 2011, p. 8) Esse poder impõe significações como legítimas e, obviamente, quanto maior o capital de determinado agente no campo, mais poder ele possui.

Por fim, é através do uso da noção de violência simbólica que Bourdieu deslinda o mecanismo pelo qual os indivíduos acatam as representações ou as ideias sociais dominantes. Trata-se de um tipo de violência sutil, que se concretiza pelas instituições e seus agentes e sustenta o discurso e o exercício da autoridade. (BOURDIEU, 2015) Assim compreendida a interação social, a violência simbólica atua para que os dominados aceitem a visão e divisão do mundo social que lhes apresentam os dominantes.

Os conceitos de *habitus* e campo compõem a espinha dorsal da teoria do Mundo Social de Pierre Bourdieu e seus desdobramentos (capital, poder simbólico e violência simbólica) são valiosos instrumentos teóricos para compreender as relações entre os condicionamentos sociais e as subjetividades dos agentes (ALVES, 2008).

No desenvolvimento da pesquisa, os conceitos supracitados foram utilizados para descortinar os bastidores em que ocorreu a criação, implantação e consolidação do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, com relevo às lutas empreendidas por um grupo de docentes de um curso recém-criado na cidade de Maceió para conquistar um espaço na universidade e para o reconhecimento social deste curso.

1.2 Tipo de Estudo

Trata-se de estudo de caráter histórico-social, definido como o que investiga grupos humanos no seu espaço temporal, discutindo os vários aspectos do cotidiano das diferentes classes e grupos sociais. (PADILHA, BORENSTEIN, 2005).

A história social considera que o homem, naturalmente social, constitui o objeto final da pesquisa histórica: propicia, por um lado a ampliação do campo de conhecimento e, por outro, a possibilidade/requisito de recorte de um conjunto

específico de problemas, sem ignorar sua relação dialética com o contexto. Assim entendida, a constituição da história social “prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivos – sociais – na explicação histórica”. (CASTRO, 1997). Nessa concepção, a história social pode dirigir sua atenção para um grupo profissional específico (BARROS, 2004); no caso presente, a inserção da formação superior da enfermagem no Estado de Alagoas, como resultado de lutas de determinado grupo social.

No método da pesquisa histórica, são importantes três passos: levantamento de fontes e informações que elucidam o passado; organização e avaliação crítica dos dados e apresentação e interpretação de inferências, segundo um referencial teórico e conclusões. Não se pode ter a ilusão onipotente da possibilidade de reconstrução completa e definitiva do passado, eis que o que se consegue é uma re-leitura em termos de referências disponíveis, com apoio em um arcabouço teórico-social. (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

1.3 Recorte Espaço-temporal

Por razões operacionais, a pesquisa restringiu-se aos atores sociais do Curso de Enfermagem da UFAL, no município de Maceió, no período compreendido entre 1973 e 1979. O marco inicial corresponde ao ano de criação do curso e o final ao reconhecimento do curso pelo Conselho Federal de Educação. Essa decisão encontra suporte nas considerações de Barros (2013), quando esclarece que, para a definição do recorte espaço-temporal, o desafio mais importante ao pesquisador é a delimitação adequada do período histórico a ser analisado.

1.4 Fontes

O uso das fontes históricas requer dedicação e sensibilidade do pesquisador, pois daí depende a construção convincente do seu discurso. Para a história social, não há limites quanto ao que pode ser tomado como fonte, admitindo-se a documentação de origem privada (produzidas ao nível das vidas individuais), até a documentação oficial. (BARROS, 2004) Assim definidas, todas as fontes têm historicidade; entretanto, o historiador precisa examinar igualmente o contexto de produção das fontes e

compreender que determinadas imprecisões podem demonstrar os interesses de quem as produziu. Por isso, no desenvolvimento de estudo de história se faz necessário “cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências”. (BACELLAR, p. 71, 2014)

Segundo Barros (2012, p. 134), “avaliar a posição da fonte em relação ao processo histórico a que ela dá acesso é, de fato, a primeira ação a ser encaminhada pelo historiador”.

Nessa linha de entendimento, o presente estudo teve vários grupos de **fontes primárias**, quais sejam:

- documentos oficiais: atas, portarias, declarações, boletins, memorandos, ofícios, etc, arquivados em alguns setores da UFAL (Arquivo Central, Coordenação do Curso de Enfermagem, Conselho Universitário, Departamento de Registro e Controle Acadêmico).
- documentos arquivados no Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem – LADOPHE, espaço gerido pelos membros do GEDIM. A seguir, apresenta-se quadro demonstrativo dos documentos localizados e selecionados nesse grupo de fontes da Tese:

Quadro nº 1: Documentos arquivados no LADOPHE

Descrição	Identificação
Discurso de formatura proferido pela aluna Noraci Pedrosa. Discurso de homenagem ao paciente proferido pela professora Lenir Nunes de Oliveira. Discurso de aposição da placa proferido pela aluna Maria Helena Quintella Brandão Vilela.	Armário 01, caixa 01. Documentos: formatura da primeira turma, 1977.
Avaliação do curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 1987. Autores: Maria Cristina Soares Figueiredo, Maria Rosa Almeida Mendonça e Regina Maria dos Santos.	Armário 01, caixa 02. Documentos: desenvolvimento do curso de enfermagem da UFAL.

Depoimento oral da professora Lenir Nunes.	Armário 01, caixa 03. Documentos: implantação e criação do curso de enfermagem UFAL ¹ .
Depoimento oral da professora Regina Santos.	
Depoimento oral da professora Zandra Candiotti.	
Depoimento oral da professora Cristina Trezza.	
Depoimento oral da professora Lígia Leite.	
Depoimento oral do professor Francisco Brandão.	
Depoimento oral da professora Heliana Lima.	
Depoimento oral da professora Violeta Dantas.	
Depoimento oral da enfermeira Bárbara Allen. (Projeto HOPE)	
Depoimento oral do professor Alberto Fontan (médico que fez parte da comissão para elaboração da primeira proposta curricular para o curso de enfermagem).	
Depoimento oral da professora Delza Gitai (médica que fez parte do primeiro colegiado do curso).	Armário 01, caixa 04. Documentos: Projeto HOPE em Alagoas
Livro: Masson, VeNeta. Internacional Nursing. Springer Publishing Company. 1981.	
Análise do regime de trabalho dos docentes do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (trabalho produzido por duas enfermeiras do projeto HOPE, especialistas em educação, em parceria com as professoras do curso de enfermagem da UFAL.	
Depoimento oral da professora Vera Lúcia Ferreira da Rocha ² .	
Plano de Extensão – 2ª etapa (outubro de 1978) – previsão de pessoal e material para o Hospital Universitário.	

Também constituíram fontes para a tese:

- documentos cedidos pelo Projeto HOPE (fotografias, Relatório de comemoração de 50 anos do projeto, Relatório da permanência do navio em Maceió).
- depoimentos orais, resultantes da transcrição das entrevistas de professores, discentes da primeira turma e enfermeiras do projeto HOPE¹. Foram realizadas 16 entrevistas, conforme o quadro 2, exposto a seguir:

Quadro nº 2: Pessoas entrevistadas para esta pesquisa

Nome	Função / situação atual
Regina Maria dos Santos	Docente enfermeira /em exercício
Lúcia Maria Leite	Docente enfermeira / aposentada

¹ Todos os depoimentos orais arquivados na caixa nº 3 do armário 01 foram coletados pela autora desta Tese, durante a realização da dissertação de mestrado intitulada “Tecitura da Identidade Profissional da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL: contribuição do corpo docente– 1973/1977”, defendida em dezembro de 2012.

² Este depoimento foi colhido no ano de 2006, durante uma pesquisa de iniciação científica com duas estudantes do curso de graduação em enfermagem da UFAL, que versava sobre a estada do navio HOPE em Alagoas.

Lenir Nunes da Silva Oliveira	Docente enfermeira / aposentada
Ivanilda de Albuquerque Alves	Aluna da primeira turma / trabalha como enfermeira da Estratégia Saúde da Família em um interior do estado de Alagoas
Maria Neide Santos Silva	Aluna da primeira turma – docente enfermeira / aposentada
Maria Helena Quintella Brandão Vilela	Aluna da primeira turma / trabalha como educadora sexual no estado de São Paulo
Zandra Maria Cardoso Candiotti	Docente enfermeira / aposentada
Ana Maria Oliveira Santos	Aluna da primeira turma / aposentada pelo Hospital Universitário da UFAL
Elzira de Macêdo Figueiredo	Aluna da primeira turma / aposentada pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maria das Graças Pereira Lima	Aluna da primeira turma – docente enfermeira / aposentada
Bárbara Allen Pinto de Campos	Enfermeira norte-americana do projeto HOPE / aposentada como professora da UFAL
Luiza de Almeida Santos	Aluna da primeira turma / aposentada pelo Hospital de Ipanema do Rio de Janeiro
Marcina Maria Barros	Docente enfermeira / aposentada
Maria Heliana de Lima e Silva	Docente enfermeira / aposentada
Agatha Lowe	Enfermeira norte-americana do projeto HOPE / aposentada (reside em Chicago – Illinois, nos Estados Unidos)
Rosa Maria Medeiros	Docente enfermeira / aposentada

- e por fim, documentos oficiais e não oficiais cedidos pelos depoentes acima descritos durante a realização das entrevistas, contribuindo para ampliação do acervo documental do LADOPHE.

Todas as fontes mencionadas compuseram o *corpus* documental da esquisa.

É relevante mencionar que a enfermeira Agatha Lowe foi localizada a partir de um contato feito junto ao Projeto HOPE nos Estados Unidos. De posse de seu e-mail foi possível estabelecer um contato e a mesma aceitou participar da pesquisa. Como estava impossibilitada de conceder a entrevista por vídeo-conferência por motivos de saúde, sugeriu receber roteiro de entrevista semiestruturada para que pudesse apresentar as respostas por escrito. O roteiro da entrevista semi-estruturada e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido foram encaminhados e respondidos por meio eletrônico. Esse depoimento foi colhido em inglês, língua natural da entrevistada; portanto, elaborou-se versão do roteiro em inglês, sob o título de *Guide Interview*.

Foi expressivo o número de entrevistas realizadas com as estudantes pioneiras: universo de nove enfermeiras formadas na primeira turma da UFAL; uma faleceu na década de 1980; ou seja, de um universo de oito enfermeiras, sete foram entrevistadas.

No que tange aos depoimentos das docentes enfermeiras, também se alcançou importante adesão. Reunindo-se os depoimentos orais arquivados no LADOPHE e aqueles colhidos especificamente para a Tese, totalizou-se 14, de um universo potencial de 16, número total de enfermeiras docentes que ingressaram no curso no recorte temporal de 1973 a 1979. Das 16 pessoas, duas faleceram, Vera Lúcia Ferreira da Rocha e Maria Celsa Franco. Ainda assim, foi possível utilizar o depoimento da primeira, colhido por ocasião de realização de pesquisa anterior vinculada ao GEDIM e arquivado no LADOPHE.

Ademais, foram colhidos 24 depoimentos orais, assim distribuídos: 13 de professoras enfermeiras; 3 de alunas da primeira turmas que, após a formatura ingressaram como docentes (no recorte temporal investigado, se enquadram como discente e como docente); 4 de alunas da primeira turma; 2 de enfermeiras norte-americanas do projeto HOPE; 1 professor médico que compôs a Comissão instituída pelo reitor para encaminhar proposta curricular para o curso de enfermagem; e, 1 de professora médica que fez parte do primeiro colegiado do curso.

Referindo-se a fontes primárias, Santos (2010, p. 441) afirma que “os documentos históricos, lugares de memória, devem ser interpretados conformes as conjunturas que determinam sua produção, veiculação e preservação, de modo a possibilitar a construção de uma versão histórica consistente e convincente”.

Por sua vez, as fontes secundárias, quando o objeto do estudo é elucidado de maneira indireta, foram compostas por referências que abordam a História do Brasil, com ênfase na história da saúde pública, de Alagoas e da Enfermagem. Além de favorecer a contextualização da pesquisa, em alguns casos, foi possível fazer a triangulação, combinando a análise de informações derivadas das fontes primárias e do referencial teórico escolhido para alcançar os objetivos propostos.

1.5 Critérios de Inclusão/Exclusão

Na definição dos participantes do estudo, adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: ter pertencido ao corpo docente/discente do curso no recorte temporal da pesquisa; ter participado da organização e funcionamento do curso; e/ou, ser citado por outro depoente como participante do acontecimento em estudo. Considerou-se apenas um critério exclusão: estar impossibilitado por qualquer razão de conceder entrevista. (doença, viagem, perda da memória, etc).

1.6 Cenário

Considerando o número de entrevistados (16) e a intenção de proporcionar-lhes conforto e condições apropriadas aos diálogos, o cenário de coleta das informações foi bem variado. Num primeiro momento, foi preciso superar compreensíveis dificuldades quanto a identificar o endereço de residência ou de trabalho dos possíveis depoentes para fazer o primeiro contato e verificar sua concordância em participar da pesquisa. Não houve qualquer resistência.

Na oportunidade, combinamos que a entrevista ocorreria no local mais adequado à disponibilidade dos mesmos. A maioria escolheu a residência, em Maceió, o que propiciou ambiente tranquilo e sem reservas de tempo. Uma enfermeira formada na primeira turma foi entrevistada na cidade do Rio de Janeiro, onde residia; outra fazia parte do plenário do COREn-AL e preferiu conceder a entrevista na sede do citado órgão.

O período de realização destas entrevistas ocorreu entre 06 de julho de 2015 a 09 de junho de 2016.

1.7 Técnica e instrumento de coleta de dados

A estratégia de coleta dos depoimentos foi a metodologia da História Oral. Vale notar que os relatos orais têm sido valorizados, eis que contribuem sobremaneira quando se pretende compreender fenômenos sociais que envolvem dimensões subjetivas, comportamentos, valores e emoções, impossíveis de abarcar somente com fundamento em dados estatísticos. (GONÇALVES; LISBOA, 2007)

Para alguns historiadores tradicionais, o texto escrito é soberano, de modo que as palavras faladas se tornam utilitárias e sem interesse. Por outro do lado, partindo do pressuposto de que toda história tem um propósito social, a história oral (evidência acumulada de uma pessoa viva) pode contribuir para reconstruir aspectos particulares da vida de pessoas comuns, com riqueza de detalhes que jamais poderiam ser evidenciados de outra forma. Com essa premissa, os historiadores sociais “utilizam os dados orais para dar voz àqueles que não se expressam no registro documental” (PRINS, 2011, p.

194). Além disso, a fonte oral abre espaço à manifestação de pessoas cujos pontos de vista e valores tendem a ser negligenciados pela história das elites (PRINS, 2011).

No presente estudo, as fontes orais foram consideradas em complemento com informações documentais; utilizaram-se múltiplas fontes, convergentes e independentes. Essa decisão encontra apoio na seguinte recomendação de PRINS (2011, p. 196): “A força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente. Vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitados para operar em harmonia”.

Durante as entrevistas, tive o cuidado de manter o foco do depoente no acontecimento em estudo, valorizando suas lembranças, estimulando a possibilidade de que estabelecesse associação entre ações e indivíduos, para que expressasse sua versão para os acontecimentos, relacionando-os com os cenários e as circunstâncias envolvidas no momento. Com essa estratégia, a História Oral Temática atendeu aos propósitos da investigação, pois as entrevistas foram utilizadas como fontes voltadas para descrição da atuação dos sujeitos no processo de criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas.

Nessa linha metodológica, os depoimentos foram colhidos através de uma entrevista, técnica que extrapola o simples diálogo, eis que consiste em discussão orientada por objetivos bem definidos. Através de um processo dialógico, o entrevistado foi estimulado a conversar sobre temas específicos relevantes para os propósitos da tese. Nessa etapa, procurei seguir as recomendações de Meihy e Holanda (2013), bem como de Turato (2010). Conforme Rosa e Arnoldi (2006), nesse âmbito, o pesquisador que atua como entrevistador, deve contextualizar o comportamento dos sujeitos, para permitir que se obtenham dados sobre o passado.

Em termos gerais, a entrevista pode ser classificada em três tipos: dirigida, semidirigida e não-dirigida. Para se adequar ao contexto da Tese, optei pela entrevista semidirigida, situação em que pesquisador e entrevistado têm oportunidade de se manifestar, o que facilitou o alcance dos objetivos propostos. Nessa modalidade, o entrevistador pode intervir em determinadas situações da fala do sujeito, sobretudo quando identifica elementos relevantes, mensagens incompletas ou obscuras nas falas do informante (TURATO, 2010).

1.8 Critérios Éticos

Em todo o percurso do trabalho, foram respeitados os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética na Plataforma Brasil e aprovado com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de número 42610215.7.0000.5238.

Nessa linha de orientação, todos os participantes foram esclarecidos sobre os propósitos e procedimentos do estudo, sendo garantida a preservação da sua identidade e autonomia e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Eles preferiram ser identificados pelo próprio nome, abrindo mão do uso de pseudônimo; por isso, os trechos utilizados na exposição e discussão dos resultados revelam o nome de quem se pronunciou. Essa circunstância é relevante para a pesquisa histórica, pois quem fala, assim o faz de um lugar e de uma posição.

Como exposto, eles puderam escolher o melhor local para realização da entrevista. Por outro lado, comentei que relembrar o passado, resgatar fatos e circunstâncias das suas memórias, poderia ser prazeroso, o que de fato ocorreu e foi inclusive verbalizado por vários entrevistados, que agradeceram pela oportunidade de conversar sobre período tão bonito de suas vidas.

Também pedi autorização para incluir os depoimentos transcritos no acervo do LADOPHE: aqueles que consentiram assinaram um **Termo de Doação do Depoimento**.

1.9 Análise dos dados e Referencial Teórico

Nesta fase da pesquisa, os documentos escritos foram submetidos à análise interna e externa. Inicialmente, foram separados em “documentos oficiais” e “documentos não oficiais”. Padilha e Borenstein (2005) recomendam cuidado no intuito de garantir a qualidade e relevância da informação através de uma análise cuidadosa dos dados, que servirão de apoio ao pesquisador na interpretação e eventual comprovação de suas hipóteses e pressupostos.

A análise externa volta-se ao exame da autenticidade do documento, verificando se o texto é original ou cópia, sua procedência ou autoria, excluindo-se qualquer fonte cuja legitimidade seja duvidosa. Por outro lado, a análise interna cuida da avaliação do

peso e valor das provas, sob o ponto de vista do conteúdo, buscando apreender o significado da informação contida no documento e determinar sua autenticidade e fidedignidade. (PADILHA; BORENSTEIN, 2005)

Por sua vez, as fontes orais foram lidas e, com base na interpretação dos achados, foram elaborados textos explicativos, a partir de análise da unidade de contexto, situando o acontecimento social (criação, implantação e consolidação do curso de graduação em enfermagem na UFAL) no contexto sociocultural, tendo em vista superar a mera descrição, para alcançar nível analítico.

Nesse intuito, procurou-se fazer a triangulação do contexto histórico, das estruturas sociais dominantes no campo e do universo simbólico do discurso em análise, com fundamento nas opções teóricas, escolhas temáticas e hipóteses de investigação, tal como proposto por Cardoso e Vainfas (1997).

Especificamente, a análise das lutas simbólicas empreendidas pelas enfermeiras docentes para criação, implantação e consolidação do curso de enfermagem da UFAL envolveu a triangulação entre o contexto histórico, as estratégias de luta empreendidas por elas, as estruturas e atores sociais da universidade e, do ponto de vista teórico, lançou-se mão de alguns conceitos propostos por Pierre Bourdieu, que contribuem para elucidar inclusive problemas não explícitos. Bourdieu foi um dos grandes sociólogos do século XX, que elaborou um conjunto de obras abarcando um sistema completo de leitura das relações sociais. Para ele “teoria e pesquisa devem estar permanentemente relacionadas entre si e a um projeto intelectual, ou seja, a uma proposta de explicar ou de compreender uma parte específica do mundo social” (LOYOLA, 2002, p. 64), onde a função do sociólogo é desvendar o que se passa “por detrás do pano” (VASCONCELOS, 2002).

Esse pressuposto é muito coerente com a proposta metodológica do presente estudo que se embasa na história vista por baixo, cujo objetivo é explorar as experiências históricas de homens e mulheres que geralmente são ignorados pela historiografia oficial.

No exame do objeto, considerou-se a Universidade Federal de Alagoas como campo estruturado e hierarquizado onde se travou luta de poder, tendo em mente a conquista de posições, de acordo com o capital específico de cada agente. A partir desse entendimento, tem-se um diagrama representativo da disposição dos agentes implicados no processo de implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em Enfermagem de Alagoas, criado na UFAL:

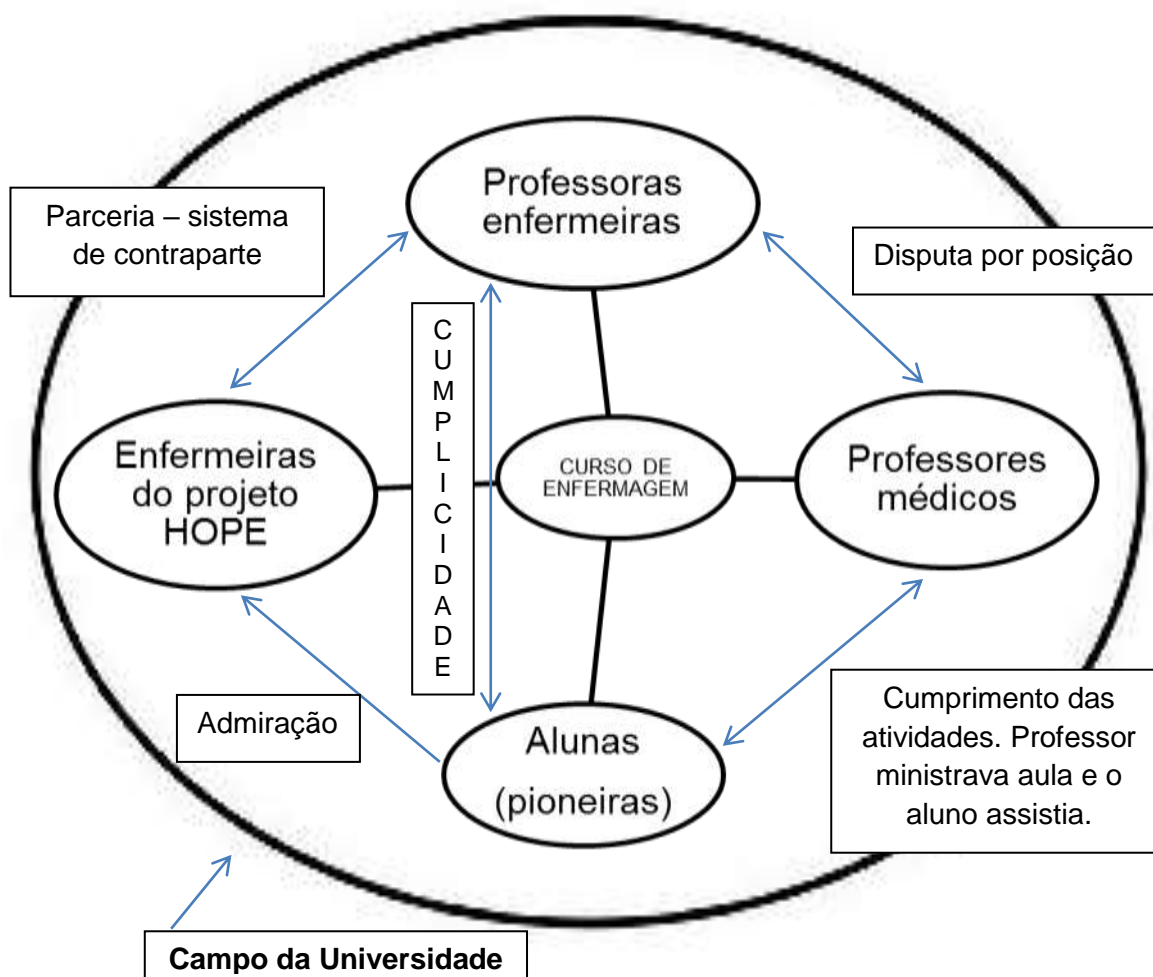


Figura 1: Diagrama representativo da disposição dos agentes envolvidos no processo de criação, implantação e consolidação do curso de enfermagem da UFAL, Maceió, 2016.

Foi neste espaço que ocorreu a interação entre os indivíduos, dominantes ou dominados, cuja inserção em determinado campo promoveu a aprendizagem de um saber agir, ou seja, um *habitus*. “O *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais; assim, transcende o indivíduo”. (LOYOLA, 2002, p. 69)

Capítulo 2 – O Contexto social e acadêmico para criação e implantação do curso de graduação em Enfermagem na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

2.1 Delineamento da Conjuntura sócio-política

Neste capítulo, apresenta-se a conjuntura em que ocorreu o processo social de criação e implantação do primeiro curso de graduação em Enfermagem de Alagoas à luz do referencial teórico escolhido. Como exposto, ele pressupõe uma teoria das estruturas sociais, que objetiva encontrar tramas lógicas ou problemáticas, que demonstrem a presença de uma estrutura subjacente ao social, na qual os agentes sociais constroem a realidade. Como ressaltado por Thiry-Cherques (2006), seu método se aplica à análise da produção das ideias, dos mecanismos de dominação e da gênese das condutas.

Para Bourdieu (2011), todo real é relacional: o particular não apenas faz parte do geral, eis que existe uma inter-relação funcional ou dialética entre ambos. A partir desse entendimento, a criação, implantação e consolidação do curso de enfermagem da UFAL não tem significado fora das suas relações com o todo.

Um dos pressupostos é de que, nos idos de 1970, houve em Alagoas um contexto favorável à criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem. Vale reiterar que o curso foi criado em 1973, quando aportou em Maceió o navio-escola HOPE, a partir de um convênio celebrado entre o governo do Estado, a UFAL e o referido projeto (Project HOPE – Health Opportunity for People Everywhere), que contava com a atuação de enfermeiras norte-americanas. De certa forma, esse evento trouxe à luz a escassez dessa categoria profissional, bem como as condições precárias de saúde da população residente na região.

Ademais, na década de 1970, havia um movimento nacional de ampliação do número de cursos de graduação em enfermagem no Brasil, sobretudo por recomendação do Ministério da Educação e Cultura que, através do Departamento de Assuntos Universitários (DAU), publicou documento intitulado “Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil”. A coordenação de Enfermagem era exercida pela enfermeira Lygia Paim, e contava com um grupo permanente de trabalho formado pelas enfermeiras Amália Corrêa de Carvalho (USP/COFEn), Maria Dolores Lins de Andrade (UFRJ), Maria Nilda de Andrade (UFPe), Maria Rosa de Souza Pinheiro (USP) e Maria Helena Neri (UFRGS) (MEC, 1979).

Neste documento, apresenta-se resultado de levantamento do ensino superior de enfermagem no ano de 1975; o fato mais destacado foi a insuficiência quantitativa de enfermeiros no país. Diante dessa evidência, recomendou-se a abertura de cursos, sobretudo nas instituições federais que ainda não ofereciam o mesmo.

Apesar de o curso de enfermagem da UFAL ter sido criado anteriormente à divulgação do relatório, pode-se supor que já existia um movimento de expansão do ensino de enfermagem. Além disso, a Associação Brasileira de Enfermagem, por meio de sua Comissão de Documentação e Estudos, apresentou, em 1969, um relatório intitulado “A Formação do Pessoal de Enfermagem do Brasil”, que mostrou a evolução dos cursos de graduação e de pós-graduação e de auxiliar de enfermagem, “tomando por base os dados apresentados pelo Levantamento de Recursos e Necessidade de Enfermagem do Brasil” (ABEn, 1969).

Adicionalmente, o General Nabuco Lopes, então reitor da UFAL na época de criação do curso de enfermagem, conseguiu dar celeridade a este processo. Em termos gerais, o trabalho das enfermeiras norte-americanas do Navio HOPE, o processo de expansão das universidades no país e a adesão do Reitor Nabuco Lopes combinaram-se para compor momento favorável à criação do curso de enfermagem da UFAL.

A respeito da organização sócio-profissional da enfermagem no Brasil, cabe ressaltar que a inserção da enfermagem moderna, com base nos princípios nightingaleanos, teve início em 1923, com a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), hoje denominada Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Até então, o ensino nessa área, sem base científica, era majoritariamente empreendido por instituições religiosas (CARLOS; PADILHA; VILLARINHO; BORENSTEIN; MAIA, 2014; SILVEIRA; PAIVA, 2001).

Outro dado significativo é que a EEAN foi idealizada para dar suporte à Reforma Sanitária, liderada por Carlos Chagas, num cenário em que epidemias de doenças infectocontagiosas assolavam a população no Brasil. Reconheceu-se, então a urgente a necessidade de mão de obra especializada para cooperar no controle de problema tão grave. Carlos Chagas, ao entrar em contato com o padrão nightingaleano das enfermeiras norte americanas, que aqui chegaram através da Missão Parsons, “acreditou ser este o profissional necessário para a estratégia sanitária do governo brasileiro e solicitou auxílio à *International Health Board* para criar serviço semelhante no Brasil” (SILVEIRA; PAIVA, 2001, pág. 179)

Nesse contexto, a EEAN foi estruturada a partir do modelo norte-americano de ensino de enfermagem (CARLOS; PADILHA; VILLARINHO; BORENSTEIN; MAIA, 2014). Estratégia semelhante ocorreu em Maceió, pois os primeiros anos de funcionamento do primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas contou com a expressiva colaboração de enfermeiras norte-americanas do projeto HOPE. Vale sublinhar que algumas permaneceram após a partida do navio, dando continuidade às atividades firmadas pelo convênio assinado pelo reitor da UFAL à época.

Quanto à administração universitária, o recorte temporal (1973-1979) do presente estudo abrange duas gestões no âmbito da UFAL, a do reitor Nabuco Lopes, que compreendeu o período de 1971 a 1975 e a gestão do reitor Manoel Ramalho, iniciada em 1975 com término em 1979. A UFAL foi criada em 1961, a partir da reunião de seis faculdades (Direito, Medicina, Engenharia, Odontologia, Filosofia e Ciências Econômicas), cujo primeiro reitor, o médico Aristóteles Calazans Simões, exerceu a gestão por três mandatos consecutivos (1961-1971).

Até meados dos anos de 1960, o Brasil vivia as consequências do surto desenvolvimentista advindo do Plano de Metas (“50 anos em 5”) de Juscelino Kubitschek (JK), que alavancou as áreas da indústria, transporte, energia e educação. No elenco desses avanços, destaca-se a criação de expressivo número de universidades públicas em todas as regiões do país. Ainda que tardiamente, quando comparada às regiões sul e sudeste, em 26 de janeiro de 1961, JK sancionou o documento de criação da Universidade de Alagoas. (FAUSTO, 2010; VERÇOSA; CAVALCANTE, 2013)

O General Nabuco Lopes foi o segundo reitor da UFAL, assumindo a reitoria em meados da Ditadura Militar no país. O regime autoritário perdurou de 1964, ano em que os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica baixaram o Ato Institucional – nº 1 (dando plenos poderes ao executivo, em detrimento dos demais), até 1985, quando teve início a transição do regime ditatorial-militar para um regime liberal-democrático (FAUSTO, 2010; CODATO, 2005).

A ditadura militar brasileira pode ser subdividida em quatro fases, a saber: 1) constituição do regime político ditatorial-militar (governos de Castello Branco e Costa e Silva – março de 1964 a dezembro de 1968); 2) consolidação do regime (governo Médici – 1969 a 1974); 3) transformação do regime (governo Geisel – 1974 a 1979); e 4) desagregação do regime (governo Figueiredo – 1979 a 1985). (CODATO, 2005). Portanto, no recorte temporal (1973/1977) do presente estudo, temos dois governos distintos, o do general Emílio Garrastazu Médici (fase 2) e o do general Ernesto Geisel, fase 3.

Associa-se a esta época a noção de autoritarismo; todavia, “há mesmo quem considere que, com exceção do período Médici, o Brasil pós-64 se caracterizou mais por uma situação autoritária do que por um regime autoritário” (FAUSTO, p. 513, 2010). Certamente, a classe operária, os estudantes e os camponeses perderam força nesse período; ainda assim, a ideologia de esquerda permaneceu predominante nas universidades, em alguns meios culturais e nos sindicatos, mesmo com as medidas de repressão aos seus dirigentes.

No governo Médici, o país viveu um dos seus momentos políticos mais tenebrosos (FAUSTO, 2010): intensificou-se a repressão política, com destaque à perseguição do movimento estudantil. No cenário alagoano, não foi diferente: houve indiciamento da diretoria do Diretório Central dos Estudantes – DCE da UFAL e, com a prisão dos líderes estudantis em 1973, o Reitor da UFAL à época, Professor General Nabuco Lopes, determinou o fechamento da sede do DCE. Tal medida constitui mais um indicador da forte censura e autoritarismo que vigorava no Brasil (QUEIROZ, 1999).

Em paralelo, nesse governo, verificou-se o milagre econômico, caracterizado por altas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), acompanhado de declínio da inflação e superávits no balanço de pagamentos. Apesar da gama de estudos sobre o tema, não há consenso entre os autores sobre os determinantes deste “milagre” (VELOSO, 2008).

Destarte, a passagem da década de 1960 para a de 1970 também acarretou mudanças estruturais no sistema nacional de educação, pois o regime instaurado, movido pelos ideais do dito “milagre”, estabeleceu clara vinculação entre a educação e o modelo autoritário de modernização das relações capitalistas de produção. Nessa linha administrativa, ao sistema educacional brasileiro foi atribuída a missão de cooperar com o acelerado crescimento do setor industrial, preparando mão-de-obra suficiente e qualificada.

Por outro lado, o processo que consubstanciou o “modelo econômico próprio do ciclo ditatorial teve objetivos e determinantes bem definidos, sujeitos e beneficiários nitidamente identificados e também enorme contingente de prejudicados suficientemente conhecidos” (NETTO, 2014, p. 147). Literalmente, a maior parte da população brasileira não foi contemplada com o atendimento das necessidades básicas, eis que o projeto de governo se orientava para um modelo forte militarmente.

Na verdade, a intensificação do processo de industrialização brasileiro ocorreu a partir da década de 1950 e, durante o período da ditadura militar, o Estado assumiu a

função de induzir transição dos incentivos fiscais e investimentos em vários setores econômicos do Sudeste para o Nordeste. Ainda assim, “devido ao seu desenvolvimento histórico, Alagoas continua submetida ao controle político das oligarquias rurais locais e a ação do Estado a serviço dos interesses dessas oligarquias ainda hegemônicas tem se mantido”. (LIRA, p. 16, 2014)

Acompanhando o desdobramento da economia nacional, Alagoas também foi beneficiada pelo ‘milagre’, com a instalação de algumas indústrias, como a Mecânica Pesada Continental, a Fives Lille-Cail e a Salgema Indústrias Químicas S/A, movimentando o Porto de Jaraguá, em 1974, considerado o segundo maior do Nordeste. Entretanto, o aludido surto desenvolvimentista não conseguiu absorver o exército de reserva do Estado. “Era, lamentavelmente, a outra face – a face oculta – de um sistema selvagem e desumano, que privilegia o capital em detrimento do trabalho”. (QUEIROZ, p. 125, 1999). Nesse sentido, cumpre levar em consideração as conclusões de Napolitano (2014), quando elucida que o desenvolvimento do país e a expansão capitalista, nessa fase, passou ao largo das necessidades da maior parcela da sociedade brasileira, excluída de um processo ‘sustentável’ e ‘equânime’.

Foi exatamente no referido Porto de Jaraguá, que aportou o navio-escola HOPE, no dia 15 de fevereiro de 1973 (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009). A iniciativa partia de uma organização internacional de cuidados à saúde fundada em 1958, a qual era encorajada pelo então presidente dos Estados Unidos, General Dwight Eisenhower, como também pela Fundação Rockefeller, que já havia financiado outras atividades no Brasil, algumas ligadas ao desenvolvimento de pessoal de enfermagem.

Nesse intuito, o Doutor Williams B. Walsh, cardiologista de Washington, planejou um programa de assistência médica aos povos menos desenvolvidos e foi líder da equipe do navio por 34 anos, motivo pelo qual foi homenageado com vários prêmios (PROJECT HOPE, 2007), inclusive na UFAL, onde recebeu o título de professor “*Honoris Causa*”. À época, os Estados Unidos eram superpotência em franca expansão, evidenciada pelo recorde de produção de suas indústrias, com ênfase no desenvolvimento armamentista.

O navio, denominado *USS Consolation*, que antes pertencia à Marinha estadunidense, precisou ser reparado para transformar-se em hospital-escola e propiciar infra-estrutura ao projeto, em suas viagens, que perduraram de 1960 a 1973, conforme quadro 3:

Quadro nº 3: Viagens realizadas pelo navio do Projeto HOPE, Rio de Janeiro, 2016.

Ordem	País	Ano
1 ^a	Indonésia e Vietnã	1960-1961
2 ^a	Peru	1962-1963
3 ^a	Equador	1963-1964
4 ^a	Guinéa	1964-1965
5 ^a	Nicarágua	1966
6 ^a	Colômbia	1967
7 ^a	Sri Lanka	1968-1969
8 ^a	Tunísia	1969-1970
9 ^a	Índias Ocidentais	1971
10 ^a	Brasil	1972
11 ^a	Brasil	1973

As informações evidenciam que o Brasil foi o único país visitado duas vezes pelo navio, sendo que a primeira viagem ocorreu em 1972, para Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte. Provavelmente por causa da experiência exitosa, o reitor Nabuco Lopes mobilizou-se no sentido de articular o deslocamento da nau também para Alagoas. Essa iniciativa sugere a visão prospectiva do reitor, que, de acordo com matéria publicada em 17 de outubro de 1972 no principal jornal do Estado – *Gazeta de Alagoas*, recém-regressado dos Estados Unidos, estabeleceu contato com o governador de Alagoas Afrânio Lages, para tratar da vinda da missão de assistência médico-hospitalar a partir de fevereiro do ano seguinte. (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009)

2.2 Os antecedentes à criação da Escola

A chegada do navio e a atuação de sua equipe na prestação de serviços de saúde e de ensino trouxeram ao Estado de Alagoas a influência do modelo nightingaleano vigente nos Estados Unidos, na década de 1970. A esse respeito, sublinha-se que o navio só contava com o trabalho de enfermeiras que exerciam a profissão com autonomia. (COSTA; SANTOS; SANTOS; TREZZA; LEITE, 2014)

Outro ponto digno de reflexão é que a capital do Estado contava com poucas instituições hospitalares, dentre as quais registra-se: *Hospital Dona Constança*, inaugurado em 1913 com o nome de *Hospital de Isolamento*; *Hospital do Açúcar*, inaugurado em 26 de janeiro de 1957, cujo serviço de enfermagem era comandado por religiosas da Ordem de São Vicente de Paula, fato que perdurou até 1977; *Hospital Colônia Portugal Ramalho*, criado em 1951, para doentes mentais (MONTEIRO, 2015); Hospital Santa Casa de Misericórdia de Maceió, local de apoio para as ações de saúde de maior complexidade, desenvolvidas pelos profissionais do projeto HOPE, que

à época era também campo de estágio para os alunos do curso de Medicina da UFAL; *Hospital de Pronto Socorro Municipal*, que funcionava no mesmo quarteirão do anterior; *Hospital e Maternidade Santa Mônica*, inaugurado em 24 de março de 1964; e *Hospital Sanatório Severiano da Fonseca*, inaugurado em 1945 e mantido pela Liga Alagoana Contra a Tuberculose.

Do quadro funcional dessas instituições, apenas o último contava com uma enfermeira, Dona Rosa Medeiros, depoente deste estudo, alagana, formada na Escola Luiza de Marilac no Rio de Janeiro, contratada para o *Hospital Sanatório Severiano da Fonseca* na década de 1960, onde trabalhou alguns anos e se desligou, após contrair matrimônio com um dos diretores do referido estabelecimento. Alguns anos depois (em 1978), prestou concurso público ao Curso de Enfermagem na UFAL, onde trabalhou até se aposentar.

Vale recordar que, historicamente a assistência aos enfermos no Brasil era prestada por religiosas, sobretudo das Irmandades das Santas de Casas de Misericórdia, numa atitude caritativa, as quais traziam altares, capelas e clausuras para o cenário dos hospitais (MONTEIRO, 2015). Essa característica foi lembrada por Bárbara Allen, enfermeira pertencente ao *staff* de enfermagem do navio HOPE, nos seguintes termos:

“Ah, eu me lembro até hoje, você acredita, eu estava dizendo que aquela área da Santa Casa que atualmente é a hemodinâmica era a clausura das freiras. Então, eu lembro como hoje, Ludmila, irmã Ludmila era a chefona, ela era atendente de enfermagem também, mas ela era a mãe, acredito que naquela roupa dela tinha até o chão bolsos cheios de chaves [...] nunca a vi atuando nos cuidados de enfermagem, mas ela administrava a Santa Casa, todas que administravam eram freiras da Santa Casa”. (Bárbara)

Mesmo com a existência de instituições hospitalares, serviços de saúde federais e estaduais e outros serviços médicos particulares, Alagoas ainda não contava com curso de graduação em enfermagem e, como exposto, a única instituição formal existente era a EAEA. Porém, o rigor excessivo adotado no processo de formação teve como consequência a lenta expansão de profissionais auxiliares de enfermagem nos serviços de saúde existentes à época. Como consequência, o fazer da enfermagem era implementado majoritariamente por pessoas destituídas de formação específica, como no caso das atendentes de enfermagem (COSTA, 2012).

Essa inferência encontra respaldo em informações prestadas por algumas entrevistadas, como transcrito a seguir:

“Naquela época ninguém sabia o que era ser enfermeira, todo mundo, atendente de enfermagem, auxiliar de enfermagem, todo mundo era enfermeiro”. (Lena)

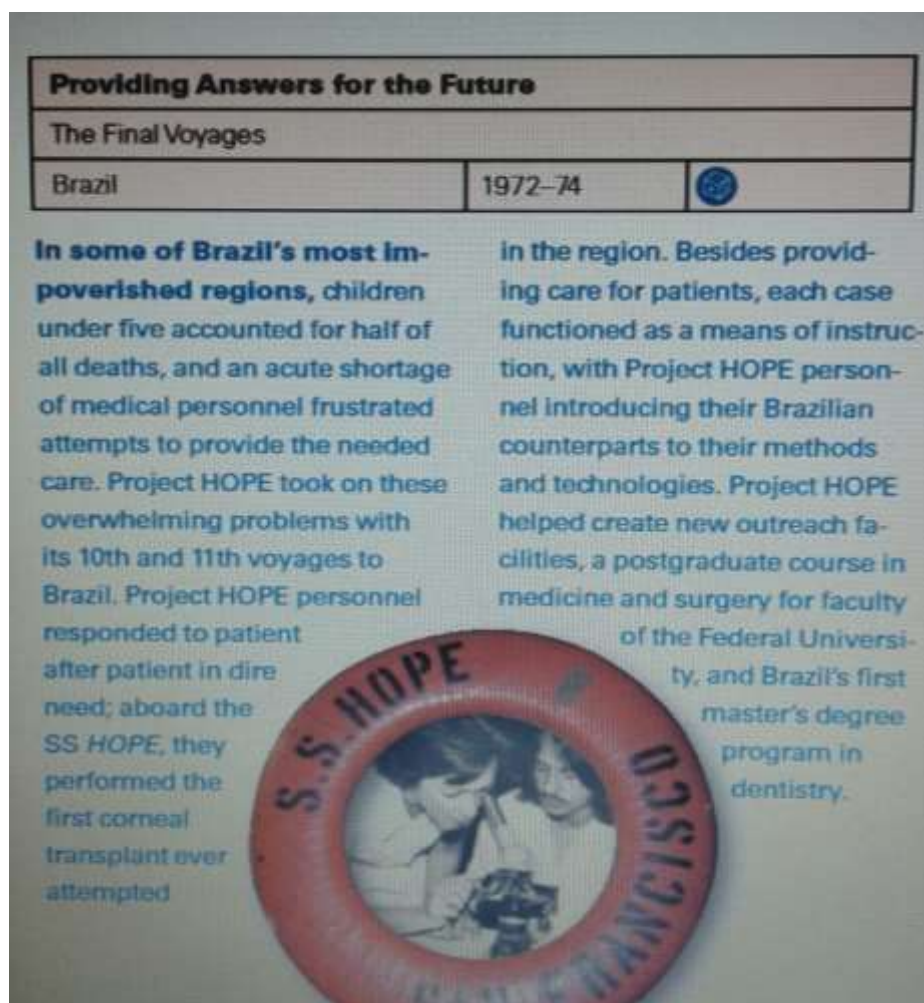
“Porque, antes as pessoas começavam a trabalhar em hospital até na limpeza e depois virava atendente de enfermagem, depois fazia um cursinho de auxiliar e essa era a enfermeira que se conhecia”. (Neide)

“Tinha muitos atendentes também, não era só auxiliar”. (Lúcia Leite)

“A minha formação como médica foi sem enfermeiro. Eu fiz sexto ano no IMIP, no Recife, que eu fazia pediatria, e lá também, a gente não contava com o enfermeiro”. (Delza Gitai)

“Então, não tinha uma enfermeira diplomada nos hospitais, todos os setores dos hospitais foram gerenciados pelos auxiliares de enfermagem, porque não tinha nem técnico e quem dava os cuidados eram os atendentes. Certo, essa aqui foi a realidade”. (Bárbara)

A precária assistência à saúde e os alarmantes indicadores sociais foram identificados pelos integrantes do navio, conforme trecho do relatório de 50 anos do projeto HOPE, apresentado a seguir:



*Fac símile 1: Parte do relatório de 50 anos de atuação do projeto HOPE³.
Fonte: Arquivo do Projeto HOPE.*

A fonte descreve Alagoas como um local muito pobre, sem recursos de saúde e com alta taxa de mortalidade infantil. Com esse diagnóstico, o projeto HOPE, além de prestar assistência à saúde, utilizava cada caso dos pacientes como estratégia de ensino de seus métodos e familiaridade com tecnologias, através de um sistema de contraparte, onde cada profissional americano de qualquer área era acompanhado por um brasileiro.

³ Tradução: Em algumas das regiões mais pobres do Brasil, crianças menores de cinco anos responsáveis por metade de todas as mortes, e uma escassez de pessoal médico que tentava fornecer os cuidados de saúde necessários. Projeto HOPE tocou nestes grandes problemas em sua décima e décima primeira viagem ao Brasil. O pessoal do projeto HOPE atendeu cada paciente em suas extremas necessidades. A bordo do navio eles realizaram o primeiro transplante de córnea, jamais realizado na região. Além de fornecer cuidados aos doentes, cada caso funcionava como meio de instrução, com o pessoal do projeto HOPE introduzindo seus métodos e tecnologias às suas contrapartes brasileiras. O projeto HOPE ajudou a criar novas instalações de atendimento, um curso de pós-graduação em medicina e cirurgia para o corpo docente da universidade federal, e o primeiro programa de mestrado em odontologia do Brasil.

No caso da enfermagem, devido à escassez de enfermeiras, tal interação ocorreu com auxiliares e atendentes de enfermagem de vários serviços de saúde, com ênfase na Santa Casa de Misericórdia de Maceió, instituição onde os profissionais do HOPE também atuaram durante a estadia do navio, pois era o local onde funcionava o HU, com base em convênio firmado com a Faculdade Medicina e a UFAL.

Tratando do sistema de contraparte, a enfermeira norte-americana Bárbara esclareceu:

“Mas a gente desde o início, até desde a época do navio, quando o navio veio aqui a gente sempre trabalhava, uma pessoa americana trabalhava com um brasileiro, a gente nunca trabalhou só”. (Bárbara)

O funcionamento do serviço de enfermagem na Santa Casa, como outras instituições do Estado, não contava com enfermeira: na prática, os atendentes, copeiros e serviçais, pessoal que realizava os cuidados de enfermagem aos pacientes internos, eram supervisionados por freiras. Para atenuar esta lacuna, a UFAL contratou enfermeira recém-formada em Recife para atuar em parceria com o serviço de enfermagem do navio, durante todo o período em que ficou atracado no porto de Maceió (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009). Os citados pesquisadores acrescentam o que segue:

“Em relação à Enfermagem, o funcionamento do Hospital Universitário na Santa Casa de Misericórdia tinha características peculiares, uma vez que o número de enfermeiros nas instituições de saúde do estado era quase inexistente e na Santa Casa não havia nenhuma enfermeira. A supervisão do serviço de enfermagem era feita por freiras que coordenavam todos os atendentes, copeiros e serviçais que se ocupavam com o cuidado de enfermagem aos pacientes internos. [...] Como atenuante, a Universidade contratou inicialmente por oito meses (período de estadia do navio em Maceió), uma enfermeira recém-formada em Recife para trabalhar como contraparte brasileira”. (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009)

A enfermeira contratada foi Vera Lúcia Ferreira da Rocha, que passou a trabalhar diretamente com a coordenadora de enfermagem do projeto, VeNeta Masson, materializando o sistema de contraparte.

Como não era objetivo do projeto a criação de escola para formar enfermeiras, as primeiras providências tomadas pela equipe de enfermagem do navio compreenderam: colaborar na transferência do HU para a cidade universitária, onde já havia um prédio em construção com essa finalidade; treinar pessoal de enfermagem para trabalhar no hospital após a mudança. Esses aspectos foram ressaltados pela enfermeira Bárbara nos seguintes termos:

“Nossa prioridade naquela época foi montar o serviço de enfermagem do HU, foi uma coisa, o curso, na verdade, só começou um pouco depois, em 74. [...] Então a primeira coisa que a gente fez foi, eu, Vera Rocha, VeNeta, Irene, a gente contratou os auxiliares de enfermagem para trabalhar no HU, fizemos todas as entrevistas, aula prática e nós selecionamos o pessoal de nível de médio. [...] A gente dava aulas, aulas e mais aulas, começando do absolutamente básico, como se tira a temperatura do paciente, como você tira todos os sinais vitais, banho no leito, tudo a gente começou, então quando o hospital abriu já estava com a equipe de enfermagem toda formada por nós”. (Bárbara)

A foto apresentada a seguir, onde aparece registro da primeira equipe de enfermagem selecionada para trabalhar no HU foi cedida pela própria depoente:

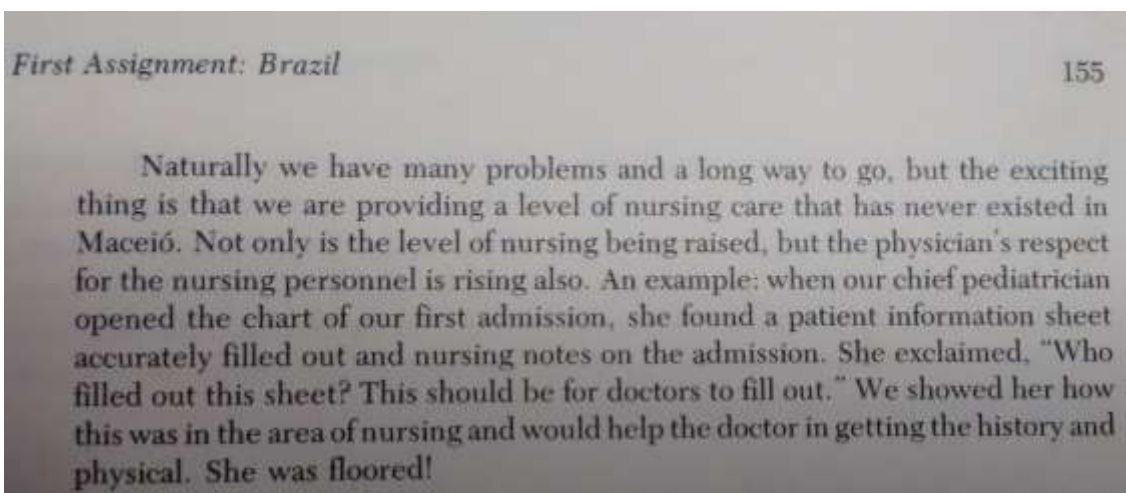


Fotografia 1: Registrada em um corredor térreo do Hospital Universitário da UFAL com o pessoal de enfermagem que iria trabalhar na instituição.

Fonte: Acervo pessoal da enfermeira norte-americana Bárbara Allen.

Certamente, o capital profissional das enfermeiras norte-americanas, possuidoras de conhecimentos científicos e detentoras da sistematização e de autonomia no exercício de seu processo de trabalho, propiciou visibilidade ao trabalho da enfermeira perante a sociedade alagoana, sobretudo no âmbito universidade, que só contava com dois cursos na área da saúde, medicina e odontologia. Sendo assim, a categoria médica, por compartilhar a atuação direta na assistência aos pacientes atendidos pelo projeto, pôde perceber essa “nova forma de fazer” [grifo meu] enfermagem que se inaugurava no Estado. Esse ponto foi esclarecido por uma das entrevistadas, que informou:

“Médicos aqui não sabiam nem o que era enfermagem, eles só sabiam que enfermagem era o quê: o auxiliar de enfermagem, que dizia ‘sim, senhor, não senhor’, pronto. Isso, só, não tinha ninguém para dizer ‘doutor, mas isso aqui eu acho que deve ser feito assim’.” (Bárbara)



Fac símile 2: Depoimento da enfermeira norte-americana Sheila, extraído do diário de bordo da enfermeira VeNeta Masson, publicado em forma de capítulo no livro intitulado “Internacional Nursing”. (Masson, VeNeta. *Internacional Nursing*. Springer Publishing Company. 1981)⁴

Fonte: Arquivo do LADOPHE

Este depoimento evidencia os embates provocados pelo exercício de uma enfermagem autônoma a partir da atuação de enfermeiras no campo da saúde em Alagoas. Eventos dessa natureza contribuíram para elevar o nível da profissão e, sobretudo, impôr respeito junto à categoria médica, até então, hegemônica e detentora de poder praticamente exclusivo na assistência à saúde no Estado. Esse registro é coerente com a fala da enfermeira Bárbara, que assim se expressou:

“Mais uma vez, o que foi uma das coisas que o projeto HOPE fez foi mostrar o que é enfermagem e como enfermagem e medicina podem trabalhar juntas. [...] Eles começaram a trabalhar com os enfermeiros americanos e teve uma nova visão, o que é enfermagem como profissão e como podia trabalhar no mote profissional.” (Bárbara)

⁴ Tradução: Naturalmente temos muitos problemas e um longo caminho a percorrer, mas o que é interessante é que nós estamos conseguindo ofertar um nível de cuidados de enfermagem que nunca existiu em Maceió. Não é apenas o nível da enfermagem que está se elevando, mas também o respeito do médico pelo pessoal de enfermagem. Por exemplo: quando a nossa chefe da pediatria viu nossa primeira admissão ela encontrou uma folha com informações precisas do paciente e anotações de enfermagem na admissão. Ela exclamou "Quem preencheu esta folha? Esta deve ser preenchida pelos médicos". Nós mostramos-lhe como acontece na área da enfermagem e como esta pode ajudar o médico na obtenção do histórico do paciente. Ela ficou sem ação.

É pertinente ressaltar a reação da médica chefe quando defendeu que o prontuário deveria ser preenchido pelo médico: nada aconteceu e a enfermeira realizou o registro de enfermagem corretamente... Analisando essa interação, na esteira do pensamento de Bourdieu, é plausível que qualquer ordem só obtém êxito, se a pessoa que fala tiver alguma autoridade sobre a quem se destina o chamamento. Segundo palavras literais do sociólogo mencionado, “a eficácia mágica destes *atos de instituição* é inseparável da existência de uma instituição capaz de definir as condições (em matéria de agente, de lugar ou de momento, etc.) a serem cumpridas para que a magia das palavras possa operar” (BOURDIEU, 1998, p. 60).

O cenário inaugurado, em que as enfermeiras norte-americanas desenvolviam o cuidado de enfermagem com independência, trabalhando como membro da equipe de saúde e não subordinado à categoria médica, preparou o cenário de lutas simbólicas, travadas no decorrer da implantação do curso de graduação em enfermagem na UFAL. Esse dado de realidade foi ressaltado pela enfermeira Bárbara, ao recordar que

“No início, quando o navio veio, que tinham 50 ou mais enfermeiras no navio... Foi uma ameaça, ameaça é a palavra, e até hoje ninguém vai me dizer outra coisa... Não são todos, claro, mas muitos médicos nessa época foram tão ameaçados pelas enfermeiras, pensando que as enfermeiras iam tirar o trabalho deles. Não tem nada a ver.” (Bárbara)

Algumas fotografias apresentadas em sequência, ilustram o trabalho realizado pela equipe de enfermagem a bordo do navio-hospital HOPE:

Quadro nº 4: Fac símile de fotografias do acervo digital do projeto HOPE.

Enfermeira Susan Stuart Miller com paciente.	Enfermeira Pediátrica Sheila Clarke com paciente (criança).
	

Palestra de enfermagem em sala de aula a bordo do HOPE.



Enfermeira Pediátrica Sheila Clarke com paciente (criança) e mãe.



Enfermeira Janet Lipp com paciente.



Enfermeira Pediátrica Marion Shuey com paciente (criança).

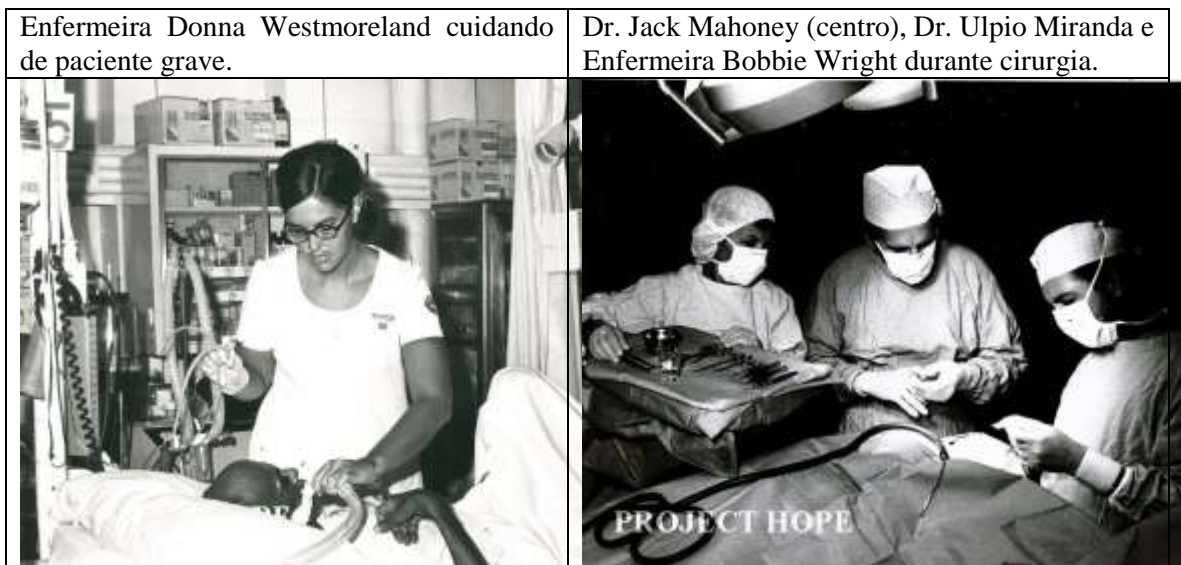


Enfermeira conversando com paciente e médicos observando.



Dr. William Walsh com Enfermeira Pediátrica cuidando.





As fotografias demonstram a enfermeira (pois, no navio, só havia enfermeiras) como protagonista do cuidado de enfermagem; em alguns casos, realizando procedimentos altamente complexos, em outros, fazendo exame físico, ladeada por médicos, promovendo educação em saúde com pacientes e familiares e educação continuada com pessoal de enfermagem.

Essas informações apontam para a inauguração do exercício de uma enfermagem autônoma, levando à dedução de que a atuação das enfermeiras estrangeiras foi imprescindível para acelerar o processo de criação do primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas. Ao mesmo tempo indicam que sua colaboração “foi quase compulsória já que demonstravam em suas atuações a grande necessidade de se ter enfermeiras no Estado” (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009, p. 166).

A esse respeito, são esclarecedoras as seguintes opiniões e impressões colhidas durante as entrevistas:

“Obviamente, a necessidade foi vista imediatamente, Maceió não tem faculdade, não escola de enfermagem de nível superior. Então, as enfermeiras são poucas aqui, e todo mundo tem que vir de fora. A gente tem que montar a escola de enfermagem”. (Bárbara)

“A criação de novos cursos na UFAL é uma de nossas preocupações. Cabe porém lembrar que, dentro da racionalização implantada no país, cometimentos dessa natureza têm que ser precedidos de estudos de viabilidade acurados, que levam em conta diversos fatores de ordem técnica. [...] dos cursos novos sugeridos: Veterinária, Farmácia, Enfermagem, Agronomia, o mais viável, de imediato, é o de Enfermagem”. (Ofício nº 250/73-GR, de 17 de maio de 1973, do reitor da UFAL, Nabuco Lopes, ao Presidente da Câmara Municipal de Maceió, José Figueiredo dos Santos)

“Ainda era uma fase que a Enfermagem estava desabrochando, vamos dizer, no país inteiro. Então, Dr. Nabuco era um homem de muita visão, muita visão, um homem que deu uma guinada à época na Universidade. Tinha muitas restrições, inclusive do movimento estudantil, mas a história é quem depois mostra o papel de Dr. Nabuco”. (Delza Gitai)

2.3 A Criação do Curso de Enfermagem da UFAL

Nesse contexto, foi criado o curso de Graduação em Enfermagem da UFAL; no dia 19 de julho de 1973, o reitor à época, Professor Nabuco Lopes, designou uma comissão formada por dois professores médicos e uma enfermeira, contratada pelo Hospital Universitário (a mesma que ficava como contraparte da enfermeira VeNeta Masson do projeto HOPE), através da Portaria nº 259, para propor um currículo para o curso que se pretendia implantar na UFAL no ano seguinte (FIGUEIREDO; MENDONÇA; SANTOS, 1987).

Uma das entrevistadas apresentou a seguinte narrativa alusiva a essa iniciativa:

“O professor Nabuco Lopes, doutor, na época diante do professor José Lima, que era o coordenador de ensino, porque não existiam pró-reitorias, disse o seguinte: não professor, professora não, você começa, você vai se preparar para isso, porque entra tudo no básico, tem dois anos e meio de básico [...] E fiquei muito assustada. Então, o professor na época convocou uma comissão para estudar a possibilidade da criação do curso de enfermagem. [...] Foi aí, uma ação efetiva já, um desdobramento. Criou-se essa comissão, dois médicos e eu para vermos a possibilidade de se conversar”. (Vera Rocha)

Dando prosseguimento às providências, pois, sem enfermeira, não haveria como ter um curso universitário de enfermagem, no dia 18 de setembro do mesmo ano ocorreu a seleção via concurso público para professor, sendo aprovadas duas enfermeiras: a mesma que fazia parte da comissão nomeada pelo reitor, Vera Lúcia Ferreira da Rocha e Lenir Nunes da Silva Oliveira, formada desde 1960, com vasta experiência, sobretudo na área de saúde pública. A esse respeito, uma das entrevistadas informou:

“Só entrou primeiro eu e ela. Nós fizemos a prova escrita, quando saiu o resultado nós fizemos a prova, a aula. [...] Pela ordem, primeiro foi a Vera e depois fui eu. E ficamos as duas”. (Lenir Nunes)

Ato contínuo, criou-se o Setor de Estudos de Enfermagem, vinculado ao Departamento de Medicina Interna, sob chefia do professor Osvaldo Brandão Vilela e, diante das circunstâncias, o reitor designou a professora Vera Rocha como primeira

coordenadora do Curso de Enfermagem, muito provavelmente pela estreita relação que a mesma mantinha com a Universidade e por fazer parte da Comissão, juntamente com dois médicos. (COSTA, 2012)

À época, o currículo mínimo de qualquer curso de Enfermagem e Obstetrícia deveria atender ao Parecer 163/72, como consta na Resolução N.º 04-72, de 25 de fevereiro de 1972, que estabelece a divisão do currículo em três troncos, quais sejam: pré-profissional, o qual incluía as matérias do 1.º ciclo comum a todos os cursos da instituição na área das Ciências da Saúde; tronco profissional comum, que contempla as disciplinas específicas da graduação em enfermagem e habilita o acesso à parte seguinte; e habilitações, que aborda matérias adequadas à formação do Enfermeiro Médico-Cirúrgico, da Enfermeira Obstétrica ou Obstetritz e do Enfermeiro de Saúde Pública.

Outros estudos não deixam claro o trabalho realizado por esta comissão, pois mencionam que a professora Vera Rocha precisou recorrer a outros cursos, mais especificamente à Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, para auxiliar na montagem da primeira grade curricular (COSTA, 2012; SANTOS; TAVARES; CRUZ; TREZZA, 2010). A própria professora Vera Rocha confirma que buscou auxílio na UFPE para organização da primeira grade curricular do curso e, quando retornou a Maceió, enfrentou críticas de um dos médicos que trabalhava junto à Reitoria.

“A grade curricular da escola, tinha, e quando eu trouxe isso da Universidade Federal de Pernambuco, comecei a discutir com o ‘Zé Lima’ [referindo-se ao coordenador dos cursos de graduação da PRASAC – Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da UFAL]. Zé Lima disse que queria um curso de meramente enfermeiras e não um curso com aquela grade curricular. Então, eu disse que para ser ‘meramente’ a gente já tinha um curso de auxiliares de enfermagem. Nunca esqueci essa expressão”. (Vera Rocha)

Analisando o contexto da época, quando Maceió só contava com uma escola de auxiliares de enfermagem, é compreensível a resistência por parte de representante dos médicos, em face da possibilidade de ser instituída e legitimada a enfermagem nos respectivos ambientes de trabalho. É muito expressivo o uso do termo ‘meramente’ supramencionado, o qual sugere uma prática de enfermagem elementar, subordinada à medicina. Com respaldo em Bourdieu (1989), não há palavras inocentes, a linguagem é sempre carregada de conotações sociais.

Provavelmente essa foi uma das primeiras manifestações de autonomia da enfermagem no processo de implantação do curso.

“Houve muita resistência. O cara olhava a enfermagem como uma coisa diferente [no sentido de rudimentar]. Mas não era isso”. (Alberto Fontan)

No interior desse campo, entendido aqui como a Universidade Federal de Alagoas, que se desenvolveu a dinâmica de implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem do Estado, cujos agentes (indivíduos ou grupos), eram detentores de disposições específicas de pensar, compreender o mundo e de agir; ou seja, um *habitus*. O mencionado espaço [curso de enfermagem da UFAL] mantém relação dialética (de mútua influência) com os valores ou formas de capital cultural e social de seus ocupantes, como se demonstrará no próximo capítulo.

Capítulo 3 – As estratégias de luta dos agentes sociais para a conquista e reconhecimento sócio-profissional.

3.1 A estrutura e funcionamento do curso

Muitos aspectos exerceram decisiva influência nos destinos do curso, precipuamente nas lutas das enfermeiras no sentido de conquistar um espaço na universidade. Entre outros, merecem destaque: a composição do corpo docente e a organização do primeiro currículo; o projeto HOPE em terra e o sistema de contraparte com as docentes enfermeiras; a ocupação do HU e a chefia das clínicas, processo de embate com os médicos; o compartilhamento dos cuidados de enfermagem com as atendentes e auxiliares de enfermagem e a formatura da primeira turma, rito de instituição das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas.

Traçando breve linha panorâmica do ensino universitário brasileiro à época, é oportuno assinalar que a divisão do curso de graduação em duas partes (ciclo básico e profissional) atendia a determinações da Lei n.º 5.540 de 28 de novembro de 1968, que também preconizava a extinção da cátedra, a introdução do regime de tempo integral e dedicação exclusiva dos professores, a consolidação da estrutura departamental, a criação do sistema de créditos por disciplinas e a instituição da periodicidade semestral. (BRASIL, 1968)

Baseada em concepção tecnicista de formação superior, própria do modelo econômico hegemônico no país, a lei da Reforma Universitária entrou em vigor no governo de Costa e Silva, sob a gestão de Tarso Dutra no Ministério da Educação e Cultura.

No cenário da UFAL, a autorização para funcionamento do curso aconteceu em novembro de 1973, em reunião do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFAL (VERÇOSA; CAVALCANTE, 2013). O primeiro vestibular ocorreu em janeiro de 1974, com 111 candidatos inscritos, concorrendo a 40 vagas. Foram aprovados 38 candidatas e 2 candidatos; conforme a lista de classificação, houve duas entradas, 20 alunos em 1974.1 e 20 em 1974.2. (FIGUEIREDO; MENDONÇA; SANTOS, 1987)

As aulas tiveram início em março. A entrada da primeira turma de enfermagem coincidiu com a implantação de projeto piloto da UFAL de sistema de créditos integrados, (sob orientação do Ministério da Educação e Cultura – MEC), segundo o

qual unificava-se o ciclo básico (pré-profissional) de áreas afins, neste caso, dos cursos da área da saúde. (COSTA, 2012)

Com essa diretriz, na UFAL as estudantes aprovadas passaram a frequentar as aulas em conjunto as turmas de Medicina, Odontologia e Enfermagem, durante todo o ciclo básico: as disciplinas eram lecionadas por professores do Centro de Ciências Biológicas – CCBi, a maioria médicos, como foi referido em algumas entrevistas.

“Enquanto a gente estava no CCBi, que, na época, era o ensino integrado e a gente estudava junto com as outras áreas da saúde, [...], todo mundo fez essa primeira fase todo mundo junto, todos os alunos juntos”. (Ivanilda)

“A gente fazia até a terceira unidade curricular juntos, medicina, enfermagem e odontologia. Então, era maravilhoso! Era um entrosamento, eu nunca vi uma coisa tão linda”. (Graça)

“O curso andou 1974, primeiro semestre com a UCC 1, que era a Unidade Curricular Comum 1, UCC 2, Unidade Curricular Comum 2 no segundo semestre”. (Regina)

“Aí era a UCC1 e UCC2. Essas turmas, o número de alunos ficava em torno de 100 e assistiam às aulas juntos, as práticas juntos e se reconheciam, e num primeiro momento, foi até mais impactante para o MEC, porque a gente foi uma Universidade que já propôs essa alteração no currículo acadêmico no conselho universitário”. (Delza Gitaí)

Em sentido oposto, algumas entrevistadas manifestaram reservas quanto ao regime integrado, como se depreende do transcrito a seguir:

Começamos a ser utilizadas como cobaias de um novo sistema de ensino, o famoso integrado: onde o ensino era "entregado" aos diversos alunos da área II. Até então nossa convivência foi um tanto restrita. Houve formação de vários grupos de estudos e de amizades, onde nos dispersamos sem nem / mesmo saber quais eram os alunos do curso de Enfermagem a não ser por alguns contactos. Da Bioquímica até a 3ª UC éramos somente mais um aluno do ensino integrado, nenhum contacto direto em termos de aplicação dos assuntos estudados com a Enfermagem propriamente dita. Ainda cursávamos a 3ª UC quando a Enfa Vera Rocha nos reuniu para o primeiro contacto com a profissão. Lembro-me perfeitamente do medo, vermelho, descabrido e inseguro diante da explanação de Vera sobre o curso profissional. Foi maravilhoso o /

Fac símile 3: Discurso da oradora da turma, Noraci Pedrosa Moreira, durante as comemorações da Formatura das pioneiras da UFAL, em junho de 1977.

Fonte: arquivo do LADOPHE.

Ademais, independente das mudanças de ordem organizacional, o curso precisaria de mais professores enfermeiros, para lecionar as disciplinas do segundo ciclo que se referiam à parte específica da profissão. A forma de composição do primeiro

corpo docente teve dinâmica interessante, que se estendeu para além da formatura da primeira turma. (COSTA, 2012) Segue um quadro demonstrativo da entrada dos docentes enfermeiros no curso.

Quadro nº 5: Relação das professoras (enfermeiras) que ingressaram no Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL no período de 1973 a 1978.

	Ano de ingresso	Nome	Um pouco da sua história antes de ingressar no curso.
1	1973	Vera Lúcia Ferreira da Rocha	Primeira enfermeira contratada pela UFAL para trabalhar como contraparte da coordenadora de Enfermagem do Navio HOPE, enfermeira VeNeta Masson. Formada em Recife. Acompanhou todo o percurso do Projeto HOPE. Fez o primeiro concurso para professor enfermeiro da UFAL
2	1973	Lenir Nunes da Silva Oliveira	Graduada pela Universidade Federal Fluminense. Trabalhou por muitos anos na FSESP e na Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas. Ingressou no curso no primeiro concurso para docente enfermeiro no ano de 1973, juntamente com Vera Rocha.
3	1975	Maria Cristina Soares Figueiredo	Graduada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em 21 de janeiro de 1975. Ingressou no curso como bolsista em 14 de fevereiro deste mesmo ano e fez concurso em abril para compor o corpo docente, sendo aprovada e nomeada em 8 de maio de 1975.
4	1975	Regina Maria dos Santos	Graduada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em 21 de janeiro de 1975. Ingressou no curso como bolsista em 14 de fevereiro deste mesmo ano e fez concurso em abril para compor o corpo docente, sendo aprovada e nomeada em 8 de maio de 1975.
5	1975	Zandra Maria Cardoso Candiotti	Graduada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em 21 de janeiro de 1975. Ingressou no curso como bolsista em 14 de fevereiro deste mesmo ano e fez concurso em abril para compor o corpo docente, sendo aprovada e nomeada em 8 de maio de 1975.
6	1975	Francisca Lúcia Sobral Leite	Graduada no ano de 1964 na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, onde já se definiu pela área de saúde pública. Trabalhou no Hospital Agamenon Magalhães, no Recife, por intermédio da ABEn. Fez um curso de Enfermagem Pediátrica no Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP, onde tomou conhecimento de um concurso para a Fundação SESP. Fez o concurso e trabalhou 10 anos nesta instituição, nos estados do Piauí e Alagoas, de onde se desligou para ingressar na UFAL. Fez concurso para a universidade no ano de 1975 e assim que foi admitida assumiu a coordenação do curso.
7	1975	Maria Violeta Dantas	Graduada pela Escola de Enfermagem Nossa Senhora das Graças, em Recife, remanescente da FSESP, trabalhou 10 anos em Paragominas – Pará, onde exerceu atividades de saúde pública. Ainda no Pará, por dois anos foi vice-coordenadora de um curso de graduação. Foi admitida por concurso em maio de 1975.
8	1977	Lúcia Maria Leite	Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal Fluminense – UFF no ano de 1968. Antes de se mudar para Maceió, trabalhou como enfermeira do Hospital Universitário Antônio Pedro da UFF na Clínica Pediátrica e na Unidade de

			Emergência onde exercia cargos de chefia. Também trabalhou no Hospital Estadual Sales Neto, no Rio de Janeiro, como chefe de Enfermagem e organizou uma clínica pediátrica em Jacarepaguá. Foi admitida por concurso público da UFAL no ano de 1977, juntamente com Heliana e Francisco.
9	1977	Francisco da Silva Brandão	Graduado pela Universidade Federal de Pernambuco. Antes de se mudar para Maceió trabalhou como enfermeiro do IMIP através de um convênio com a Escola de Ciências Médicas de Pernambuco, e também em uma clínica psiquiátrica particular do Recife por cerca de 6 meses. Soube da existência do curso de enfermagem da UFAL através da Professora Neide Ferraz, que na época era coordenadora do curso de enfermagem da UFPE. Ingressou no curso da UFAL no ano de 1977, através de concurso, período em que já estava se formando a primeira turma.
10	1977	Maria Heliana de Lima e Silva	Graduada pela Universidade Federal de Pernambuco. Seu primeiro emprego foi como professora colaboradora durante um semestre na UFPE. Também exerceu a atividade docente em um curso técnico de enfermagem no interior de Pernambuco, enquanto fazia a habilitação em Enfermagem Obstétrica. Soube da existência do curso de enfermagem da UFAL através da Professora Neide Ferraz que na época era coordenadora do curso de enfermagem da UFPE. Ingressou no curso da UFAL no ano de 1977, através de concurso, juntamente com o Prof. Francisco Brandão.
11	1978	Maria Neide Santos Silva	Antes de se graduar enfermeira era professora primária, pois havia feito o curso pedagógico. Formada na primeira turma da escola, ingressou como professora colaboradora vinculada ao Hospital Universitário, por intermédio da Professora Lenir Nunes, com o objetivo de dar suporte como professora do curso.
12	1978	Maria das Graças Pereira Lima	Formada na primeira turma da escola, ingressou como professora colaboradora vinculada ao Hospital Universitário, por intermédio da Professora Lenir Nunes, com o objetivo de dar suporte como professora do curso.
13	1978	Fátima Maria Fontan Silva	Formada na primeira turma da escola, ingressou como professora colaboradora com o objetivo de dar suporte como professora do curso.
14	1978	Marcina Maria Barros	Graduada pela Universidade Federal de Pernambuco no ano de 1976, fez habilitação no ano de 1977, e por intermédio da coordenadora do seu Curso de Enfermagem, Professora Maria Neide Freire Ferraz, ingressou como professora colaboradora em março de 1978.
15	1978	Maria Celsa Franco	Graduou-se em Enfermagem no ano de 1966 na Universidade Estadual do Ceará. Trabalhou como professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte de 1975 a 1977. Ingressou no curso de enfermagem da UFAL em 1978, pois o marido havia sido transferido para Alagoas. Solicitou transferência para a Universidade do Piauí em 1981.
16	1978	Rosa Maria da Silva Medeiros	Graduada pela Escola Luiza de Marilac no Rio de Janeiro, ingressou como professora colaboradora. Era casada com um médico, professor da UFAL e na época Diretor do Centro de Ciências Biológicas – CCBi. Ingressou no curso como professora colaboradora e posteriormente fez concurso para professor efetivo.

Com alicerce no pensamento de Bourdieu, a posição de cada agente no campo é determinada pelo volume e qualidade do capital que possui. Por certo, no caso em tela, um dos determinantes é o capital cultural herdado pela sua escola e/ou instituição de origem. Isso porque o capital cultural herdado, reconhecido como *chancela*, opera como ponte para a inserção e ocupação de espaços sociais, pois a posse de certos privilégios sociais é determinada por propriedades que não pertencem à ordem de mero projeto pessoal, mas que resultam de mecanismos distributivos bastante objetivos como escolaridade, renda e tradição familiar.

Tomando como parâmetro a escola de formação de cada docente enfermeira, aspecto que contribui sobremaneira para a conformação do *habitus* secundário, vê-se no diagrama abaixo que a influência nos primeiros anos de funcionamento do curso de enfermagem da UFAL ocorreu principalmente em instituições de ensino públicas do Nordeste do país:

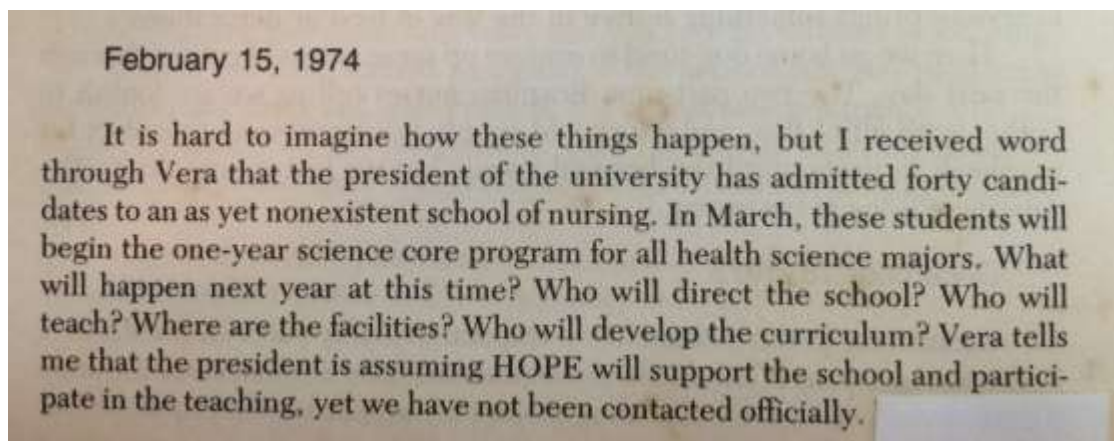


Figura 2: Diagrama representativo dos estados onde cada professora enfermeira graduou-se em enfermagem, Maceió, 2016.

Ademais, “em todo campo a distribuição de capital é desigual, o que implica que os campos vivam em permanente conflito, com os indivíduos e grupos dominantes procurando defender seus privilégios em face do inconformismo dos demais indivíduos e grupos”. (THIRY-CHERQUES, 2006, pág. 39)

Como referido no capítulo anterior, durante o primeiro ano de funcionamento, o curso só contava com duas professoras enfermeiras, Vera Rocha e Lenir Nunes. A primeira trabalhava diretamente com a coordenadora de enfermagem do projeto HOPE, VeNeta Masson, sobretudo nas dependências do Hospital Universitário, inaugurado em 15 de outubro de 1973, apenas com a parte térrea em funcionamento. Já a professora Lenir reclamava do ócio e preocupava-se com o destino da turma dos estudantes de enfermagem.

“Foi exatamente isso, a Vera ficava mais tempo no hospital, com o pessoal do Hope e eu praticamente sem ocupação. [...] A gente precisa fazer alguma coisa, porque o pessoal está no CCBI, mas eles vão ter que vir para aqui. Então aqui a gente precisa saber o que é que vai fazer, aonde vai ficar” (Lenir)



Fac símile 4: Depoimento da enfermeira VeNeta Masson, extraído do seu diário de bordo, publicado em forma de capítulo no livro intitulado “Internacional Nursing”. (Masson, VeNeta. *Internacional Nursing*. Springer Publishing Company. 1981)⁵

Fonte: Arquivo do LADOPHE

Pode-se depreender que o início do curso de enfermagem trouxe para os atores sociais o desafio da falta de estrutura mínima em termos de recursos materiais e pessoal. Criou-se o Setor de Estudos de Enfermagem vinculado ao Departamento de Medicina Interna, dispunha-se de duas professoras enfermeiras recém-admitidas por concurso e as alunas ingressaram no ciclo básico, cujas aulas eram ministradas por professores médicos.

⁵ Tradução: É difícil imaginar como essas coisas acontecem, mas Vera me deu a notícia que o reitor da universidade admitiu quarenta candidatas para uma escola de enfermagem ainda inexistente. Em março, essas alunas vão começar a estudar nas disciplinas básicas de todos os cursos da área de ciências da saúde. O que vai acontecer neste mesmo momento no próximo ano? Quem vai dirigir a escola? Quem vai ensinar? Onde estão as instalações? Quem vai construir o currículo? Vera me disse que o reitor está afirmando que o projeto HOPE vai apoiar a escola e participar no ensino, ainda que não tenhamos sido contatadas oficialmente.

Por consequência, a primeira grade curricular só foi aprovada em 24 de setembro de 1974, através da resolução nº 08/CCEP/74. Essa matriz seguia os princípios do Parecer 163/72 do Conselho Federal de Educação, o qual ajustava o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia em três partes sucessivas: a) pré-profissional; b) tronco profissional comum; c) habilitações.

<u>1º CICLO</u>	
<u>PARTE OBRIGATÓRIA</u>	
Elementos de Biologia	Ecologia I
Estatística	Ecologia II
Ciências Morfológicas	Física Geral
Ciências Fisiológicas I	Introdução à Antropologia
Ciências Fisiológicas II	<u>2º CICLO</u>
Patologia I	<u>PARTE OBRIGATÓRIA</u>
Patologia II	Introdução à Enfermagem
Introdução à Psicologia	Enfermagem Médico-Cirúrgica I
Introdução à Sociologia	Enfermagem Médico-Cirúrgica II
Introdução à Saúde Pública	Enfermagem Materno Infantil
E P B I	Enfermagem Psiquiátrica
E P B II	Enfermagem em Doenças Transmissíveis
E. F.	Exercício de Enfermagem
<u>PARTE OPTATIVA</u>	Didática Aplicada à Enfermagem
Introdução à Metodologia Científica	Administração Aplicada à Enfermagem
Inglês I	Estágio Supervisionado
Inglês II	<u>PARTE OPTATIVA</u>
Francês I	Enfermagem em Maternidade
Francês II	Enfermagem Obstétrica
Português	Enfermagem de Saúde Pública e Hospitalar
Química Geral	Enfermagem de Centro Cirúrgico
	Psicologia Aplicada à Enfermagem
	Noções de Primeiros Socorros

Fac símile 5: 1ª Grade curricular do Curso de Graduação em Enfermagem, aprovada em 24/09/74.

Fonte: Arquivo do CONSUNI/UFAL.

O planejamento do ensino da enfermagem seguiu as determinações da Reforma Universitária, no propósito da formação de maior número de profissionais e reestruturação de novo currículo mínimo, formalizado pelo Parecer nº 163/72 e Resolução 4/72 do, então, Conselho Federal de Educação. Estabelecia-se um currículo com visão tecnicista da saúde, o que dificultava a compreensão dos determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, pois estava totalmente voltado para o modelo biologicista, individualista e hospitalocêntrico (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2015).

Entretanto, cabe mencionar que a primeira grade nunca chegou a ser implantada, pois só foi aprovada quando a primeira turma cursava a UCC2 e acabara de ingressar a

segunda turma de estudantes de enfermagem para cursar a UCC1, justamente porque o primeiro vestibular do curso coincidiu com sistema de créditos integrado. Esse dado de realidade foi assim tratado em entrevista:

“Tanto é que quando se começou de fato o curso, a primeira turma não terminou com o primeiro currículo” [...] Esse currículo não foi implantado, ele serviu apenas para abrir o curso, na época do reconhecimento do curso já estava um outro currículo. Que depois foi modificado em pequenos ajustes”. (Lígia)

Desse modo, a implantação do primeiro currículo aconteceu à medida que o curso avançava e a necessidade dos alunos se apresentava. Vários depoimentos e a ausência de documento específico apresentando o currículo sustentam esta compreensão.

“Por que a gente começou e a gente não tinha nem o plano para o curso, nada foi feito, a gente fez isso aqui junto às duras penas”. (Bárbara – enfermeira do HOPE)

“Não tinha nada estruturado, nada, nós e nem ninguém. Quem tinha um pouco mais de experiência era Vera e Lenir, mais antigas”. (Violeta)

“É, porque a impressão que eu tinha, é uma impressão minha, é que o curso foi criado nesse primeiro ano que a gente ficou no curso básico, foi o tempo que elas [as professoras] tiveram para se organizar, porque eram muito poucas quando a gente entrou, na verdade só tinha a Lenir, a Vera e a Bárbara, que era do HOPE”. (Lena – aluna 1ª turma)

“Não tinha nem currículo, era grade curricular. Que a gente não tinha condições de formar um enfermeiro com aquilo que estava posto ali”. (Regina)

“Mas o daqui [currículo] foi construído o mínimo do mínimo, quer dizer, foi uma das primeiras coisas que a gente observou: que era só para atender a necessidade para criação do curso”. (Cristina)

“Porque a medida que o tempo ia passando, nós observávamos que algumas coisas precisavam ser mudadas, precisavam ser melhoradas, precisava se mexer no currículo. Porque a primeira grade curricular foi impossível a gente levá-la a frente, a gente teve que mudar, do jeito que ela estava não podia continuar, então a gente teve logo que entrar com estudo de mudança curricular, aí fomos atrás de quem poderia ajudar nesta questão”. (Lúcia Leite)

“Não foi apresentado a mim absolutamente nada, o que foi feito foi uma solicitação de dois programas de disciplina para amanhã. E a gente fez, a

gente saiu numa sexta, nós chegamos na segunda de manhã com os dois programas aqui. A gente não sabia o currículo qual era”. (Zandra)

Um trecho da primeira reunião do colegiado do curso, ocorrida em 18 de agosto de 1975, também confirma esta evidência:

“A seguir foram apresentados os programas de disciplinas a serem oferecidas no primeiro semestre do ano em curso, sendo, depois lidos e analisados, aprovados pelos professores presentes. Ainda nesta reunião foi lido e analisado o Currículo Mínimo do Curso de Enfermagem, para que pudesse ser reformulado para atender às necessidades atuais do ensino”. (1ª Reunião do Colegiado do Curso de Enfermagem, 18/08/1975)

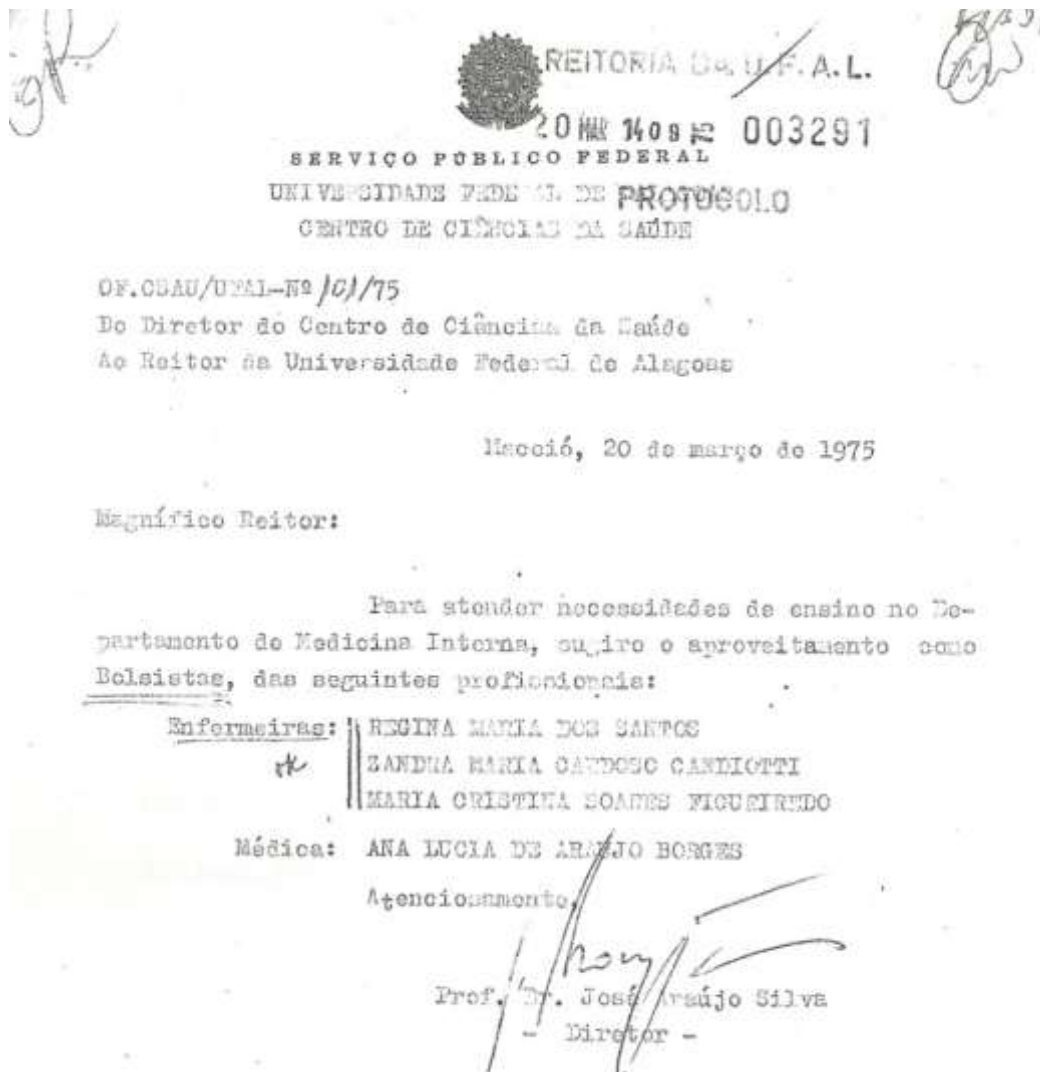
Portanto, ainda que contassem com o apoio das enfermeiras norte-americanas do projeto HOPE, certamente apenas as duas professoras enfermeiras não dariam conta de organizar todo o currículo do curso e muito menos conseguiriam atender à demanda das disciplinas teóricas e práticas do ciclo profissionalizante. Diante desse desafio, começou a ser travada luta pela ampliação do corpo docente, que perdurou até o final dos anos 1970.

Em janeiro de 1975, chegaram à UFAL três enfermeiras recém-formadas na Escola de Enfermagem da UFBA, Zandra Cardoso, Regina Santos e Cristina Figueiredo, que ingressaram como bolsistas do curso. A iniciativa de sua contratação, mesmo sem concurso, competiu ao Reitor Nabuco Lopes, que mantinha relações de amizade com o pai de uma delas, como se infere das manifestações transcritas a seguir:

“Desde muito pequena que meu pai me tirou para Salvador, naquela época ele dizia que a Bahia era um centro de excelência no ensino, e o sonho da vida dele era formar os filhos todos na Bahia e assim o fez. Nós todos fomos para Salvador, todos nós nos formamos em Salvador e eu voltei porque na época ele tinha um laço de amizade muito forte com o então reitor da Universidade Federal de Alagoas Professor Nabuco Lopes. Se encontraram por acaso: ‘Alfredo, quantos filhos você tem?’, ‘Eu tenho uma filha que está terminando enfermagem agora’, ‘Então essa tem que vir para cá, filha da terra e eu estou precisando de gente de extrema confiança que estou abrindo um curso de enfermagem’.” (Zandra)

“Então o professor Nabuco Lopes era amigo do pai de Zandra, seu Alfredo, que era rábula em União dos Palmares, ele era a pessoa que era dono do cartório e que resolvia todos os problemas, ele era uma pessoa eminente e uma pessoa conhecida, uma pessoa de influência e eles eram amigos, o Nabuco Lopes reitor da UFAL e o seu Alfredo. Quando eles conversaram aí o Nabuco perguntou pelos filhos dele, porque como amigos eles tinham aproximação e ele disse ‘Ah minha menina está fechando o curso de enfermagem na Bahia’, ele disse ‘Traga ela para cá que nós estamos precisando de professores’. Então foi assim, não é que a gente entrou pela indicação de um ou de outro, mas abriu o caminho, porque nós viemos e

fizemos seleção. Fizemos seleção, começamos a trabalhar como bolsistas ainda no primeiro semestre de 1975". (Regina)



*Fac símile 6: Ofício nº01/75 do Centro de Ciências da Saúde – UFAL.
Fonte: Arquivo Central da UFAL.*

“Porque a gente chegou, a gente era recém formada e Nabuco Lopes não quis perder a gente e não ia abrir concurso no momento, aí ele contratou a gente como bolsista do Departamento de Medicina Interna 3 meses”. (Regina)

Essas três professoras permaneceram como bolsistas de fevereiro a maio de 1975 e, logo em abril, fizeram concurso para professor efetivo da UFAL, sendo aprovadas juntamente a mais duas professoras. Assim, em 1975, além das professoras Vera Rocha e Lenir Nunes, o curso de graduação em enfermagem contava com mais cinco professoras, sendo três provenientes da UFBA, uma que deixou 10 anos de trabalho na FSESP (Lígia Leite) para ingressar no curso e outra (Violeta Dantas) que se formou na

Escola Nossa Senhora das Graças no Recife e detinha experiência de 10 anos na área de saúde pública em Paragominas – Pará (COSTA, 2012).

“E assim eu assinei contrato, eu assinei contrato com a universidade no dia oito de maio de 1975 e ainda tinha que cantar o hino nacional perfilada na frente do general, porque nós estávamos dentro de uma ditadura”. (Regina)

Desde então, foi possível constituir o primeiro colegiado do curso, como se depreende do documento transcrito a seguir:

BRASIL - FOMENTO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
REITORIA

CERTIDÃO
Certidão haver assinado e mantido em vigor até o dia 13 de junho de 1975.
Município de Maceió

Portaria nº 349 de 13 de junho de 1975.

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS,
no uso de suas atribuições legais e estatutárias, e tendo em vista o que consta do processo nº 02/1975, resolve:

RESOLVE:

Constituir o Colegiado do Curso de Enfermagem,
na forma a seguir:

MEMBROS - Profa. Francisca Lígia Sobral Leite
Profa. Maria Violeta Dantas
Profa. Vera Lúcia Ferreira da Rocha
Profa. Dolza Leite Goes Citai
Prof. Ernani Santana Santos

SUPLENTE - Profa. Lenir Nunes da Silva
Profa. Zandra Maria Cardoso Candiotti
Profa. Regina Maria dos Santos
Prof. Arnóbio Valente Filho.

II - Designar, na forma do art. 46 e seu parágrafo único, do Estatuto da UFAL, por um período de dois (2) anos relativamente ao Colegiado do Curso em questão:

Coordenador - Profa. Francisca Lígia Sobral Leite
Vice-Coodenador - Profa. Maria Violeta Dantas.

III - As atribuições do referido Colegiado e seu Coordenador e Vice-Coodenador estão definidas no Estatuto e Regimento Geral da UFAL.

Registro do e Cópia do

M.E.C. F.M.U.F.A.L.
RECEBIDO EM 04/07/75
PROCOLO 415

Prof. Nabuco Lopes
- Reitor -

Mod. 02 - UFAL
12 - UFAL - 8272

Fac símile 7: Portaria nº 349 de 13 de junho de 1975.
Fonte: Arquivo Central da UFAL.

O primeiro colegiado teve como membros titulares os seguintes professores: Francisca Lígia Sobral Leite (coordenadora), Maria Violeta Dantas (vice-coordenadora), Vera Lúcia Ferreira da Rocha, Delza Leite Góis Gitaí e Ernane Santana Santos: esses dois últimos eram médicos representantes do ciclo básico; e como membros suplentes: Lenir Nunes da Silva Oliveira, Zandra Maria Cardoso Candiotti, Regina Maria dos Santos, Arnóbio Valente Filho (médico) e Maria Cristina Soares Figueiredo.

Um fato chama bastante atenção nesse processo, qual seja: duas professoras recém-admitidas assumem de imediato a coordenação e a vice-coordenação do curso.

“Quando nós chegamos, logo depois Vera deixou a coordenação do curso e quem assumiu foi eu, logo depois que houve esse concurso eu já fui indicada como coordenadora, e Lenir era minha assistente direta” (Lígia)

Muito provavelmente Lígia se tornou coordenadora devido ao seu capital simbólico, com vasta experiência na área de enfermagem, sobretudo por ter trabalhado durante dez anos na FSESP, instituição que à época simbolizava a melhor enfermagem brasileira na área de Saúde Pública. Ademais, ainda denominou Lenir como sua assistente, cuja competência profissional em saúde era bem reconhecida em Alagoas.

“Lenir já tinha uma grande experiência na área de saúde pública aqui do estado, porque Lenir trabalhou aqui no hospital das fundadoras da enfermagem, no hospital pronto socorro da secretaria de saúde. Lenir era uma enfermeira do Estado, da saúde pública, inclusive se eu não me engano Lenir foi uma das que organizaram o curso do pronto socorro. [...] Lenir tinha a mesma formação que eu, então Lenir era uma aliada”. (Lígia)

Assim, a partir de 1975, o curso passa a ter um direcionamento, ainda que vinculado ao Departamento de Medicina Interna, pois passa a conferir à professora Lígia a condição de porta-voz autorizada, onde “sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato” e do qual ela, então, passa a ser a procuradora (BOURDIEU, 1998, p. 89). Os excertos abaixo evidenciam cabalmente que a detenção do capital simbólico da Professora Lígia é proporcional ao reconhecimento que recebe do grupo:

“Ela conduzia [Lígia], ela era uma referência para todo mundo”. (Francisco)

“E Lígia também, viu? Era outra que levava a gente para longe”. (Graça)

“E a coordenadora do curso era Lígia, Francisca Lígia Sobral Leite. Ela era coordenadora do curso, era uma pessoa muito inteligente que veio da Fundação SESP, era o máximo em termos de saúde pública, e Lígia era uma

peessoa que enxergava longe, ela procurava colocar os professores recém-formados, que eram quase todos, para fazer cursos, ir para frente. E a gente estudava, tinha muita oportunidade de fazer, estudar o currículo, fazer reforma do currículo. Francisca Lígia Sobral Leite, foi uma pessoa importantíssima, fundamental, porque ela era uma pessoa que enxergava para frente, entendeu? Passos na frente”. (Lúcia Leite)

“Líder no sentido que naquela época a gente viu, eu vejo Lígia Leite”. (Zandra)

“A primeira fase foi a Lígia, eu não peguei, mas a Lígia também era uma pessoa muito forte, tinha uma liderança muito grande. Eu gostava muito do jeito dela conduzir”. (Heliana)

“A coordenadora na época era a Ligia. Ligia era muito boa coordenadora, muito dinâmica, tinha uma experiência prática excelente, porque ela vinha da antiga, que acabou-se, Fundação SESP. Então ela tinha, na fundação SESP tinha uma filosofia muito boa em enfermagem do ponto de vista de saúde coletiva, de visão de mundo. Então a enfermagem desde o principio lutou por um currículo diferenciado”. (Delza Gitai)

“Mas existia uma figura de Francisca Lígia que foi realmente a mentora deste curso, ela foi a cabeça, ela que fez o que precisava ser feito e ela colocou o curso na direção que ele precisava ter. [...] Então veja só, a formação dela era de sanitaria, ela era enfermeira, naquela época se chamava de enfermeira de saúde pública, hoje a gente sabe que não é saúde pública é saúde coletiva [...] Então a Lígia é que foi a cabeça. [...] Na mesma hora que ela chega nós abdicamos de qualquer coisa, imediatamente nós nos apoiamos nela. Sabe, foi uma coisa tão natural que não houve assim, não foi um golpe, não foi uma articulação, não precisou nada disso, ela era de fato a pessoa que teria condições de conduzir aquele grupo, por causa da experiência de vida que ela tinha, da experiência profissional que ela trazia.”. (Regina)

Dando continuidade às providências para organização do primeiro currículo Lígia encaminhava as professoras para vários cursos oferecidos internamente e externamente à universidade. Ela própria, juntamente à sua vice-coordenadora, Violeta Dantas, viajou a Garanhuns para participar de um Seminário Nacional sobre Ensino Superior de Enfermagem, ocorrido nos dias 28 e 30 de agosto de 1975, no sentido de acompanhar as discussões que aconteciam no país sobre o ensino de graduação em enfermagem. (Ata da 2ª Reunião do Colegiado do Curso de Enfermagem, 01.09.1975) Fato que não passava despercebido:

“Então a enfermagem desde o principio lutou por um currículo diferenciado”. (Delza Gitai)

A delimitação do espaço da enfermagem na Universidade começava a tomar forma, mesmo funcionando dentro do Departamento de Medicina, as discussões referentes ao andamento do curso eram realizadas junto ao corpo docente da Enfermagem e não se permitia qualquer interferência, a não ser as formalidades burocráticas da instituição.

Nesse sentido, são esclarecedoras as seguintes manifestações das entrevistadas:

“Tudo que acontecia no curso era ao nível de coordenação de curso e não ao nível de chefia de Medicina Interna. Quando nós participávamos de reuniões de Departamento de Medicina Interna era quando se tratava de assuntos gerais da própria universidade. Certo, então eu não me lembro assim de reuniões para discutir questões específicas do curso após a formação do corpo docente do curso, de discussões a nível de medicina, departamento de medicina interna sobre o andamento do curso de enfermagem [...] Porque no momento que este corpo docente realmente assumiu o curso ele deu as normas, ele deu a direção do curso. Então sempre tivemos muita liberdade de nos estruturarmos enquanto curso”. (Lígia)

“Porque nós estávamos ligadas ao Departamento de Medicina Interna, não existia departamento de enfermagem, não tinha nem número para tal coisa”. (Lenir)

“Então nós ficamos vinculados como curso, nós ficamos vinculados ao Departamento de Medicina Interna. [...] Então nós ficamos vinculados a esse departamento até que nós tivéssemos condições de nos tornarmos departamento independente, Departamento de Enfermagem”. (Regina)

“E o Departamento de Medicina Interna era ligado ao Centro de Ciências de Saúde. Então era o nosso curso, o curso de medicina e o curso de enfermagem”. (Lúcia)

No final do segundo ano de funcionamento do curso, mudou a gestão da UFAL, assumindo como reitor o professor Manoel Ramalho (1975-1979). Nessa administração, estabeleceram-se como prioridades: a qualificação do corpo docente, melhores condições de funcionamento dos 22 cursos de graduação existentes, estímulo à produção e divulgação artísticas e culturais, bem como incentivo à pós-graduação e pesquisa, até então escassa na universidade.

Nesse contexto, ocorreu em 1978 o lançamento da revista científica e cultural *Scientia ad Sapientiam*, órgão oficial para divulgação das pesquisas realizadas no âmbito da UFAL. (VERÇOSA; CAVALCANTE, 2013)

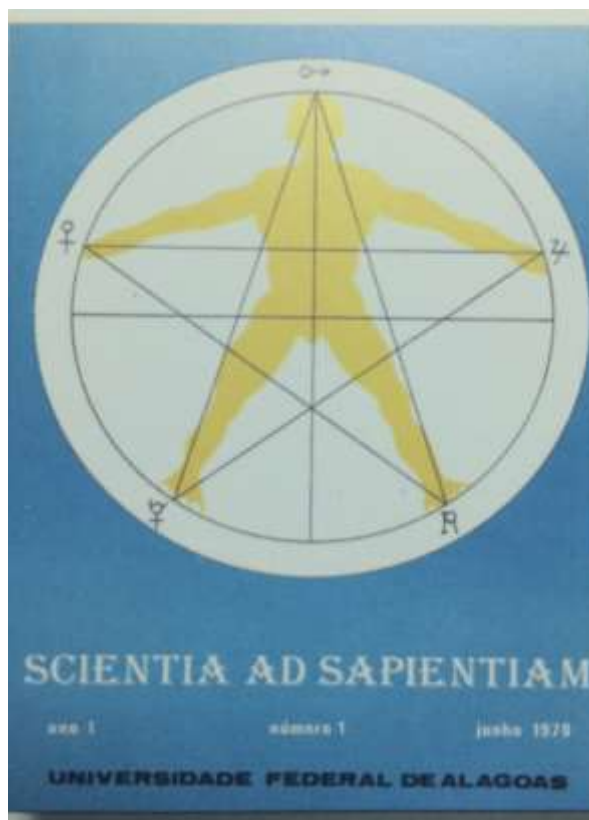


Figura 3: Capa da Revista *Scientia ad Sapientiam*, lançada em 1978.
 Fonte: VERÇOSA, E. G.; CAVALCANTE, S. (Orgs) Universidade Federal de Alagoas: o livro dos 50 anos. 2ª Ed. Maceió: EDUFAL, 2013.

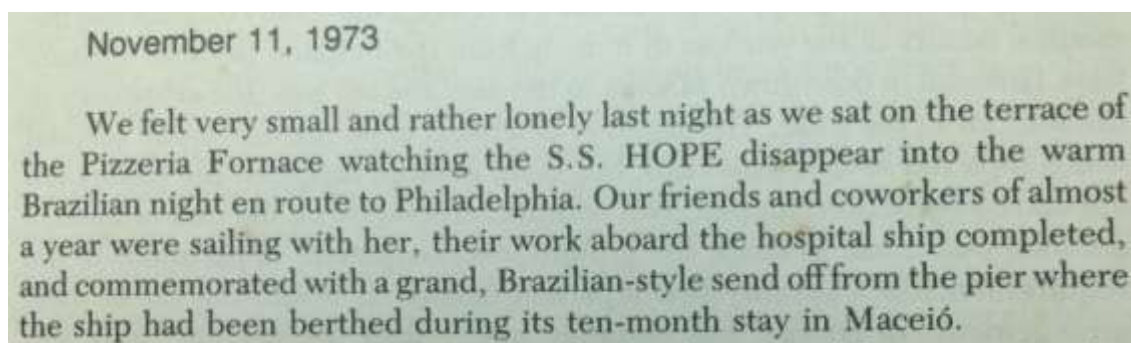
No âmbito político nacional, vivia-se a terceira fase da ditadura militar (época Geisel – 1974 a 1979), que promoveu um relaxamento dos controles políticos impostos à sociedade, apesar da oposição da extrema-direita militar. A censura prévia foi parcialmente suspensa e os protestos foram tolerados, ainda com reservas. (CODATO, 2005) Neste governo, ocorreu o início da abertura política, travando em seus bastidores uma luta contra a linha-dura, ainda que medidas repressivas com prática de tortura tenham se intensificado no ano de 1975. (FAUSTO, 2010; NAPOLITANO, 2014)

Em prosseguimento à ampliação dos quadros docentes da UFAL, em novembro de 1976, promoveu-se mais um concurso para auxiliar de ensino, com três vagas para o Setor de Estudos de Enfermagem do Departamento de Medicina Interna. Quatro candidatos participaram do processo seletivo, que constava de análise e avaliação de títulos dos seguintes elementos: currículo, referências e idoneidade. Apurados os resultados, foram aprovadas duas mulheres e um homem; portanto, o curso passou a ter o primeiro professor enfermeiro. A primeira colocada, Lúcia Leite, veio do Rio de Janeiro, onde atuava na área de pediatria e emergência, ao passo que os outros dois (Heliana e Francisco) eram recém-formados do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPE. Os três foram contratados efetivamente em 1977.

Agora com dez docentes enfermeiros, o curso estava em vias de formar a primeira turma e ainda contava com a parceria do projeto HOPE. Com a partida do navio, em novembro de 1973, um grupo de enfermeiras permaneceu no Estado com o projeto em terra, como de praxe em todos os lugares em que o navio aportou. Esse dado constou das informações das entrevistadas transcritas a seguir:

“O navio foi embora em novembro e em setembro de 1973 o pessoal da direção de enfermagem do próprio navio perguntou quem gostaria de ficar, se tinha alguém que gostaria de ficar”. (Bárbara)

“O navio retornou em novembro, mas um grupo ficou em terra. O grupo ficou em terra já pensando em improvisar o hospital universitário que era só aquela parte térrea, mas muito pouco, era só uma parte bem pequena”. (Lenir)



Fac símile 8: Depoimento da enfermeira norte-americana VeNeta Masson, extraído do seu diário de bordo, publicado em forma de capítulo no livro intitulado “Internacional Nursing”. (Masson, VeNeta. *Internacional Nursing*. Springer Publishing Company. 1981)⁶

Fonte: Arquivo do LADOPHE

Segundo VeNeta Masson, ela e mais sete enfermeiras permaneceram em Maceió após a partida do navio, para ajudar no desenvolvimento do novo hospital universitário, sendo que duas (Rosemary Zink, de Nevada, e Angela Lu Tena, do Peru) atuavam na área de saúde pública; as demais foram: a própria VeNeta, da Califórnia, que trabalhou em educação; Dorothea Kipfer, da Suíça, na sala de operações do HU; Bárbara Allen, de Minnessotta, na Unidade de Cuidados Intensivos e na Sala de Recuperação do HU; Sheila Clarke, da Flórida, na Pediatria; Irene Bolton, de Nevada, na Unidade Médico-cirúrgica; e, Ada Schoch, da Califórnia, cuidado a pacientes não-internos (MASSON, 1981).

⁶ Tradução: Sentimo-nos muito pequenas e bem solitárias durante a noite passada enquanto estávamos sentadas no terraço da pizzaria Fornace assistindo, em uma noite quente brasileira, o navio HOPE desaparecer na rota para Filadélfia. Nossos amigos e colegas de trabalho de quase um ano partiam com ele, o trabalho deles a bordo do navio-hospital estava concluído, e comemorado, em grande estilo brasileiro, no cais onde o navio ficou atracado durante estes dez meses em Maceió.

Desde a chegada do navio, a relação de Vera Rocha com o pessoal do HOPE era intensa, sobretudo com a sua contraparte, a enfermeira norte-americana VeNeta Masson, especialista na área de educação. Com esse contexto, justifica-se a instalação de um projeto curricular mais voltado para área hospitalar, o que foi abortado após a ampliação do corpo docente e, com a indicação da professora Lígia Leite para coordenação. Ela contou com o apoio da professora Lenir Nunes, também enfermeira de Saúde Pública, para redirecionar o currículo em construção.

“E após a formação desse grupo Vera Rocha não apitava muito lá não, porque ela ficava muito junta ao pessoal do HOPE, para lá no HU, para lá. Ela participava, lógico, das reuniões de departamento, dava as opiniões dela, mas Vera Rocha na época também não tinha uma formação tão abrangente”. (Lígia)

“De repente a coisa ficou diferente, aí passou a ser acompanhado muito mais por mim e Lígia, do que pelas outras”. (Lenir)

“A interação de Vera Rocha com o pessoal do HOPE era muito íntima e Vera Rocha parecia comungar com os projetos de saúde e de enfermagem que o projeto HOPE trazia e eu acredito que a professora Lenir não. Ela tinha uma visão de enfermagem muito mais parecida com a visão que Lígia trazia do que daquilo que Vera Rocha assumia, que ela colocava. E nós não tínhamos, nós não tínhamos, nós éramos muito meninas, o que é que nós éramos? Carregadores de piano”. (Regina)

Não há como negar a assessoria importante prestada pelo projeto HOPE, pois, como se tratava de um currículo que se construía à medida que o curso avançava, as enfermeiras que aqui ficaram por cerca de dois anos consecutivos trabalharam juntamente às professoras enfermeiras, no sentido de contribuir na construção do primeiro currículo e ajudar no processo de ensino-aprendizagem das alunas.

Como consta em ata de reunião do corpo docente, o projeto HOPE era acionado sempre que se verificava necessidade em termos de operacionalização das disciplinas do ciclo profissionalizante:

“Aos cinco dias do mês de agosto de mil novecentos e setenta e sete, em sala própria, realizou-se a terceira reunião do corpo docente do curso de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, estando presente os seguintes professores: Lenir Nunes Oliveira, coordenadora do curso, prof. Lígia Leite, profs. Lúcia Leite, Francisco Brandão, Cristina Figuerido, Zandra Candiotti, Heliana Silva, Bárbara Campos, Regina Santos e Irmã Mírian do projeto HOPE, mobilizada para cooperar na disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica”. (Trecho da ata da 3ª reunião do corpo docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 05.08.1977)

Como demonstrado no decorrer deste relato, foi marcante a influência da enfermagem norte-americana na estrutura e organização do curso. Por outro lado, aos poucos, também se verificou resistência a essa dominação. O resultado foi um curso de natureza híbrida: aproveitou o avanço tecnológico trazido pelos Estados Unidos, mas também construiu uma Enfermagem singular, ajustada aos desafios e peculiaridades do contexto local e regional.

Trata-se de circunstância compreensível, quando se considera as diferenças gigantescas entre as condições de trabalho e demandas de assistência dominante em um país desenvolvido, como os Estados Unidos da América e o Estado de Alagoas, onde quase tudo estava por fazer, quanto à implantação da enfermagem como profissão autônoma e fundamentada em bases científicas e sócio-culturais. Na interpretação de Bourdieu (1998, p. 118), a resistência simboliza “a suspensão da adesão originária à ordem estabelecida”. Não obstante, foram muito reconhecidas as contribuições das enfermeiras do navio HOPE, tanto nos bastidores da criação do curso, como na fase de sua consolidação e preparo das enfermeiras pioneiras, em profícua parceria (COSTA; SANTOS; SANTOS; TREZZA; LEITE, 2014).

“Esse pessoal do HOPE, na realidade quando nós chegamos as professoras estavam muito envolvidas com este assessoramento destas enfermeiras que eram do HOPE, Cristina, Regina e Zandra”. (Lígia)

“Eu trabalhei muito com a Bárbara, ela do HOPE [...] Mas eu trabalhei com ela e com uma outra, Irmã Mirian, que você já deve ter ouvido falar. Trabalhamos na mesma disciplina, foi muito importante, sobretudo com a Irmã Mirian, trabalho mais direto. Porque aprendi muita coisa com ela, claro que aquela coisa muito rígida dos Estados Unidos, do americano. [...] Mas assim, era freira, enfermeira, freira e americana, rígida até dizer basta. Aí tinha dificuldade com os alunos, então eu fazia essa ponte e aproveitei muito da experiência dela, do conhecimento, da prática principalmente, porque eu ia para prática com ela lá na Santa Casa, quando a emergência era lá na Santa Casa, aproveitei muito, aprendi muito com elas, entendeu?” (Francisco)

“Foi uma equipe, foram enfermeiras que eu tive um apoio muito grande, me deu uma sustentação muito grande, uma delas era a irmã Mirian. Irmã Mirian praticamente ela me adotou. Eu tive um acompanhamento até ela partir, ela voltar para os Estados Unidos ela me acompanhou. [...] A Bárbara Allen também nos ajudou e muito na parte de UTI, ela era uma pessoa muito preparada na área de UTI”. (Marcina)

“O quê que significava contraparte? Era a pessoa que trabalhava lado a lado com a enfermeira norte-americana, estadunidense, no sistema que eles chamam de troca. O que não era troca porque, inclusive aqui, pouco se tinha para trocar, o que tinha para trocar era o que existia no Brasil que os Estados Unidos não tinham, o que tinha em Alagoas que os Estados Unidos não tinham, que serviam muito de pesquisa, pesquisas de cirurgias mutiladoras,

das doenças infecto-parasitárias, das coisas que aconteciam aqui, então ela foi contraparte neste sentido. Era lado a lado, aquela pessoa que estaria desenvolvendo um trabalho de parceria”. (Regina)

“Quando eu assumi a chefia do HU, eu tinha uma contra-parte que era *Faith Garvel*. E ela era uma administradora mesmo, mestra em administração, e ela veio para me ensinar a administrar o HU. Era o HU porque era o Hospital Universitário, não é? Ficou um bom tempo aqui, foi um entrosamento muito bom da gente”. (Lúcia)

“Uma experiência fantástica na minha vida, foi mandada por Deus, *Agatha Lowe*. Ela veio para ficar com a parte de obstetrícia, era uma enfermeira, na época trabalhava muito bem a obstetrícia [...] era ótima, maravilha, eu devo tudo que eu fiz à *Agatha Lowe*”. (Zandra)

Pelos depoimentos expostos, vê-se que várias enfermeiras norte-americanas não coincidem com as mesmas que fizeram parte do navio: algumas eram acionadas pelo projeto HOPE nos Estados Unidos, conforme as necessidades práticas do curso ou devido à conclusão de prazo dos respectivos contratos.

“My main activity was with the Maternal and Child Health and Community Health Programs. The course was divided into theory and practice. During clinicals, students spent time in the maternity area at the hospital, at the health posts, and part making limited home visits. Students in the Health Posts focused on physical examinations of pregnant women and offered health teaching”⁷. (Agatha Lowe)

“O que aconteceu é que à medida que a gente montou o currículo de enfermagem o projeto HOPE buscou as pessoas nos Estados Unidos, por exemplo, com experiência em clínica médico-cirúrgica, saúde do adulto que a gente chama agora, então de acordo com as especializações dos americanos eles vieram”. (Bárbara)

A enfermeira estrangeira Bárbara enfatiza a participação das enfermeiras norte-americanas na construção do primeiro currículo do curso de enfermagem, o que é confirmado por Lígia, que detinha a prerrogativa do discurso autorizado em nome dos docentes enfermeiros.

“E aí o trabalho maior da gente foi tentar estruturar outro currículo. E, nesse ponto, a gente contou com a colaboração de June Barreras, numa linha mais direcionada para saúde mental, contamos com a colaboração de irmã Mírian, ela era enfermeira”. (Lígia)

⁷ Tradução: Minha atividade principal era com a Saúde Materno-Infantil e programas comunitários de saúde. O curso foi dividido em teoria e prática. Durante a parte clínica, os alunos passavam um tempo na área da maternidade no hospital, nos postos de saúde, e outra parte fazendo visitas domiciliares. Os alunos dos postos de saúde realizavam exames físicos de mulheres grávidas e faziam educação em saúde.

No âmbito da UFAL, a gestão do reitor Professor Manoel Ramalho conferiu prioridade ao incremento da pesquisa. Sob esse ângulo, a parceria com o projeto HOPE impulsionou a realização de estudos, como se identifica no relato de Agatha Lowe, enfermeira norte-americana que chegou a Maceió no ano 1978 para auxiliar na área de obstetrícia, em contraparte com a professora Zandra:

“We demonstrated the research process as a method of teaching and of evaluating clinical practice, and successfully used the method to change one procedure in the newborn nursery”⁸. (Agatha Lowe)

O relato diz respeito a uma pesquisa desenvolvida na UFAL em parceria com a professora Zandra, em que se comparavam cientificamente dois métodos de tratamento na cicatrização do cordão umbilical. Os resultados da investigação foram publicados em artigo no quarto volume do periódico *Enfermagem Atual*, do Estado de São Paulo, no ano de 1982.

“Agora o sistema de contrapartida, que é o que eu acho que deu mais peso à ação deles, a gente desenvolveu pesquisa, entendeu? Então trabalhei, fiz várias pesquisas com *Agatha Lowe*, todas as pesquisas extremamente sérias, não que as outras não sejam, mas é que para mim era assim tudo que eu queria, pesquisa experimental”. (Zandra)

Outra pesquisa desenvolvida pela enfermeira Agatha, em parceria com os médicos pediatras da Faculdade de Medicina, tratou de um projeto piloto para atender as necessidades de saúde de uma comunidade (Fernão Velho), cenário de prática dos alunos matriculados nos cursos de enfermagem e medicina. O relatório com os resultados foi publicado na revista da UFAL, *Scientia as Sapientiam*, no ano de 1981.

“In collaboration with Pediatricians from the University’s School of Medicine, we initiated and completed a community survey, using medical and nursing students to collect the data”⁹. (Agatha Lowe)

Apesar de a prática da pesquisa acadêmica ser ainda incipiente na UFAL, outros documentos demonstram a fecundidade da iniciativa das professoras enfermeiras na realização de estudos. Sobre o assunto, ressalta-se que os cursos de pós-graduação na modalidade *stricto sensu* foram criados em 1969 na América Latina, e no Brasil a Escola de Enfermagem Anna Nery foi responsável pela abertura do primeiro mestrado

⁸ Tradução: Nós demonstramos o processo de pesquisa como um método de ensino e de avaliação da prática clínica, e com sucesso utilizamos o método para alterar um procedimento com o recém-nascido.

⁹ Tradução: Em colaboração com pediatras da Escola de Medicina da Universidade, nós iniciamos e concluímos uma pesquisa na comunidade, usando estudantes de medicina e enfermagem para coletar os dados.

em Enfermagem em 1972, enquanto que o doutorado foi instituído em 1981, através de parceria entre a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto e a de São Paulo. (SCOCHI; MUNARI; GELBCKE; ERDMANN; GUTIÉRREZ; RODRIGUES, 2013)

Considerando esses dados contextuais, é inegável a realização de um curso recém-criado, que não tinha sequer formado a primeira turma, cujos atores sociais se mobilizaram desde logo à investigação científica e sua veiculação. Sem sombra de dúvidas, a influência das americanas foi decisiva no suporte às enfermeiras da universidade alagoana na demarcação do campo da profissão da enfermagem.

Além disso, não se pode ignorar o reflexo dessas iniciativas na formação dos estudantes, particularmente, quando se leva em conta a definição de Bourdieu (1996, p. 42), quando afirma: “o habitus é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação”.

Como amplamente reconhecido, o campo da ciência guarda semelhanças com critérios regentes do mundo econômico; ou seja, ambos envolvem relações de força, nas quais a concentração de capital (poder) determina a posição de cada agente no campo. (BOURDIEU, 1997). Esse dado de realidade interfere nas demandas por financiamento, no reconhecimento de cursos e até no espaço e autonomia reservados aos profissionais no mundo do trabalho, independente de sua formação.

Admitida essa premissa, não se pode deixar de referir o êxito da iniciativa para obter capital científico no campo da Enfermagem por parte de duas alunas da primeira turma, que conseguiram publicação de artigo na Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn no ano de 1977, provavelmente o veículo de maior prestígio para a enfermagem brasileira à época.

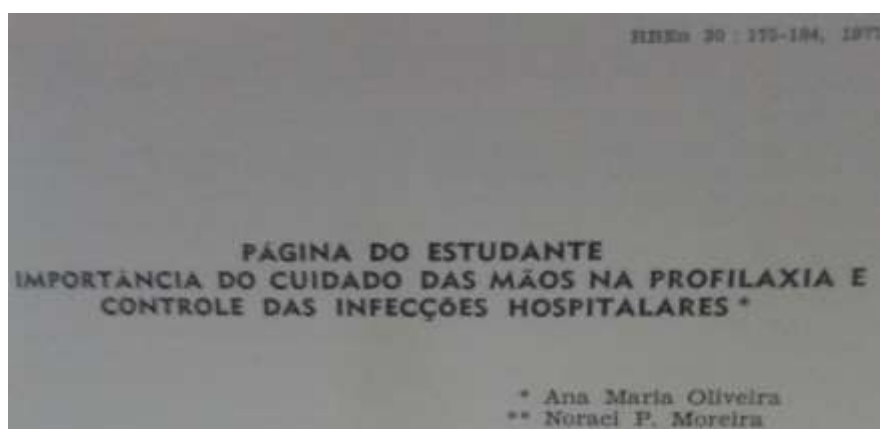
A REBEn, periódico mais antigo de publicação da produção científica da enfermagem brasileira, está vinculada à ABEn desde sua criação em 1932, quando era intitulada *Annaes de Enfermagem*, mudando sua designação para a atual em 1955. (GARCIA, 2013) Hoje “é referência no país para pesquisadores e para enfermeiros docentes e assistenciais, canalizando a divulgação das discussões técnico-científicas e das demandas políticas da categoria”. (GARCIA, 2011, pág. 807)

O estudo “Importância do cuidado das mãos na profilaxia e controle das infecções hospitalares”, desenvolvido pelas alunas, foi orientado por três professoras enfermeiras e contemplado com o prêmio de melhor trabalho na categoria estudante durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Enfermagem, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 1976.

A premiação de trabalho em evento científico trouxe consequências que merecem realce: por um lado, estimulou o incremento da produção científica; por outro, operou como dispositivo que valorizou o capital científico das enfermeiras em um cenário que reconhecia a importância da pesquisa para o desenvolvimento da Universidade de Alagoas e, no caso, da enfermagem brasileira. Em outras palavras: a visibilidade trouxe reflexo às alunas premiadas, bem como aos demais atores sociais da Enfermagem.

Não se pode ignorar, na esteira do pensamento de Bourdieu que o capital científico é uma espécie particular de capital simbólico (prestígio, boa reputação, fama) que consiste no reconhecimento ou crédito científico atribuído pelo conjunto de pares concorrentes no interior do campo científico. A premiação ao trabalho e a suas autoras conferiu prestígio ao outorgado, eis que tal distinção constitui ato de magia social capaz de criar diferenças, reconhecer competências, instituindo distinções sociais (BOURDIEU, 1998) O reconhecimento da importância da premiação de trabalho em evento científico pode ser apreendido do trecho do depoimento de uma das entrevistadas:

“Tanto que tem um trabalho que a gente apresentou no Congresso no Rio e a gente tirou em primeiro lugar e a orientadora foi Cristina, Regina e Zandra. [...] Então a gente terminou esse trabalho, tinha que chegar no Rio no dia 30 e a gente terminou no dia 29 e encaminhamos através do voo. A gente foi correndo para rua do comércio, a Varig era ali, para encaminhar para o Rio e quando a gente chegou lá tomou conhecimento que a gente tinha tirado em primeiro lugar do Brasil. E está aqui esse trabalho. E como estudante, para mim foi, assim, o máximo. [...] Falar em pesquisa e concorrer com o Brasil todo. Então a gente venciu tudo na raça, era na raça”. (Ana Maria)



Fac símile 9: Capa do trabalho publicado na REBEn (Ano XXX, nº 2, ABRIL/JUNHO DE 1977)

Fonte: Arquivo pessoal da enfermeira Ana Maria.

O estudo foi apresentado por duas alunas, mas praticamente todas da primeira turma compareceram ao evento, participando de outras atividades, conforme atesta o

certificado conferido à então aluna Maria das Graças, por sua frequência no curso de Infecção Hospitalar:



Fac símile 10: Certificado da enfermeira Maria da Graças Pereira por sua participação no curso de Infecção Hospitalar, ocorrido no âmbito XXXVIII Congresso Brasileiro de Enfermagem / I Congresso Sul Americano do Comitê Católico de Enfermeiras e Assistentes Médico-Sociais – C.I.C.I.A.M.S.

Fonte: arquivo pessoal da enfermeira Maria das Graças

Por várias décadas, tanto a REBEn como os Congressos Brasileiros de Enfermagem foram os principais, senão os únicos, espaços disponíveis para discussão e socialização das pesquisas no âmbito da enfermagem, pois a pós-graduação apenas teve início na década de 1970. (CARVALHO, 2008; MENDES; LEITE; LEITE; TREVIZAN, 2002)

O Congresso Brasileiro de Enfermagem – CBEn, patenteado pela ABEn, teve sua primeira edição em 1947, na cidade de São Paulo; desde então, até os dias atuais, é realizado anualmente, constituindo espaço de discussão política dos rumos da profissão no país¹⁰. (MANCIA; PADILHA; RAMOS; CORDOVA; AMARAL, 2009).

¹⁰ Em 68 anos de história, deixou de ocorrer apenas nos anos de 1953 e 1961.

A programação do Congresso de 1976, do qual participaram praticamente todas as alunas da primeira turma de Enfermagem da UFAL, teve como foco a formação filosófica e religiosa de enfermeiras; o sistema de registro de enfermagem; a projeção da ABEn na comunidade brasileira e as pesquisas em enfermagem. A participação no evento foi recordada por uma das participantes desta pesquisa, que informou:

“Foi o primeiro congresso, primeiro congresso que a gente foi como estudante, a Vera entusiasmadíssima; ela foi conosco, foi com a gente para o Rio de Janeiro [...] Pronto, fomos para esse congresso, que, na época, tinha no bojo do planejamento de tudo, tinha a ABEn, e a Vera entusiasmou a gente para a gente ir, só sei que fomos. Fui eu, foi Neide, foi Fátima, Luiza, Lena, Nora, só não foi uma. [...] E fomos embora para esse congresso e para ir para esse congresso tinha aquelas histórias de fazer trabalho para apresentar. Então a Nora e a Ana fizeram lá um trabalho, que era um trabalho de contaminação em manivelas de portas de hospital. E pronto, chegamos lá, além de ter ido assim com a cara e a coragem, todo mundo meio meninona, ainda em termos de visão das coisas, chega lá ganha o prêmio. Foram apresentar e tudo, foi muito legal, muito bom, a Vera foi quem ficou em uma felicidade louca, chegou de lá mais entusiasmada ainda. E foi assim, e isso foi dando mais crédito para a gente, foi muito bom porque foi dando mais crédito para a gente lá dentro do hospital universitário e tudo mais. (Ivanilda)

Essa manifestação fortalece a inferência de que o capital científico, conquistado mediante produção acadêmica, apresentação de trabalho e participação em atividades de congresso reconhecido no cenário nacional agregava valor ao lugar social profissional da enfermagem dentro do HU. Vale recordar que, até a chegada das professoras e das alunas, o HU só contava com atendentes e auxiliares de enfermagem. Acrescenta-se que, nos primeiros anos de funcionamento, o hospital contava com uma enfermaria médico-cirúrgica, um centro cirúrgico com duas salas operatórias, um ambulatório, uma clínica pediátrica e uma maternidade, tudo na parte térrea, pois os andares estavam em construção. Esse dado de realidade foi descrito como segue por algumas entrevistadas:

“A gente tinha muito problema, o hospital universitário era muito pequenininho, só tinha vinte leitos, dez de um lado que era clínica médica, dez do outro que era clínica cirúrgica, então era uma enfermaria de enfermagem médico-cirúrgica, uma pequena recuperação pós-operatória, um centro cirúrgico que tinha duas salas, com uma terceira sala que a gente chamava sala de biópsia que era de pequenas cirurgias, e o ambulatório, e uma pediatria”. (Regina)

“Então eu me lembro até a gente tinha aquele térreo do atual prédio do HU, então a gente começou no térreo entrando naquela porta que ainda é a porta de entrada no ambulatório, no lado esquerdo era um ambulatório pequeno, inclusive a gente tinha até pronto-socorro, como se fosse um atendimento de emergência, e no outro lado que a gente montou vários setores, clínica-cirúrgica, clínica-médica, pediatria e obstetrícia, isso foram os quatro que a gente montou do lado direito”. (Bárbara)

“Então o hospital universitário começou a funcionar naquela parte menor, para cá, tinha clínica médica, clínica cirúrgica, lá trás tinha umas duas salinhas que era pediatria e puericultura, e um outro pedaço menor bem lá para trás, nesse sentido do ambulatório, o ambulatório cá na frente e eles mais lá trás, era centro cirúrgico e maternidade, que também eram poucos leitos, que sempre viviam cheio”. (Lenir)

Por uma série de razões, a inserção das professoras enfermeiras no HU resultou em alguns embates, muito provavelmente, porque, a partir de então, tudo que se referisse à enfermagem seria decidido pelas professoras que passaram a chefiar as clínicas, como também a coordenação do trabalho dos auxiliares e atendentes de enfermagem. Tal forma de organização, na qual as professoras enfermeiras acumulavam a docência com a responsabilidade pelo atendimento nas clínicas do HU, passou a ser legítima dentro da universidade, conforme se depreende de Portaria assinada pelo diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFAL:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PORTARIA CSAU.UFAL Nº 13/75

Maceió, 15 de julho de 1975

O Diretor do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Alagoas, no uso de suas atribuições, RESOLVE:

designar REGINA MARIA DOS SANTOS, Auxiliar de Ensino do Centro de Ciências da Saúde/UFAL, para, sem prejuízo de suas atividades docentes, exercer as funções de Supervisora da Clínica Pediátrica do Hospital Universitário da UFAL a partir desta data e até ulterior deliberação. DÊ-SE CIÊNCIA, REGISTRE-SE E CUMPRE-SE.

Prof. Dr. José Araújo Silva
- Diretor -

NSA. 21 - UFAL
L. 11 - UFAL - 1975

A seguir, apresenta-se quadro demonstrativo das chefias das clínicas do HU no ano de 1975, logo após a chegada do grupo de professoras da Bahia e, em continuidade o depoimento de cada uma delas:

Quadro nº 6: Chefias das clínicas do HU no ano de 1975, Maceió, 2016.

Clínica	Professora enfermeira responsável
Centro Cirúrgico e Recuperação Pós-anestésica	Maria Cristina Soares Figueiredo
Pediatria	Regina Maria dos Santos
Clínica Médico-cirúrgica	Zandra Maria Cardoso Candiotti

“Porque, também eu acho que a gente não deixou espaço, nós éramos muito sérias, muito sérias mesmo. Nós fazíamos, nós estávamos trazendo da Bahia uma experiência que era única, que era a integração docente-assistencial, devo já ter falado sobre isso, que eu não esqueço. Então, o que era que a gente fazia, independente de ser uma coisa oficial ou não, nós estávamos no hospital universitário todas as manhãs, e é tanto que a gente assumiu clínicas no HU, e dava conta dessas clínicas”. (Zandra)

“A gente não tinha a simples função de ensinar. Então, nós, por exemplo, eu era chefe do centro cirúrgico e da sala de recuperação, Regina da Pediatria, Zandra, da Clínica Médico-cirúrgica. Quer dizer cada uma tinha uma função muito parecida com o que a gente viveu na época da graduação da gente, porque as nossas professoras eram nossas professoras e pela manhã chefiavam as clínicas, lá no Hospital das clínicas também, o que eu achei isso sempre muito interessante”. (Cristina)

“E inclusive para desenvolver as atividades que no nosso curso nós fazíamos, porque na Bahia, na Universidade Federal da Bahia havia uma integração docente-assistencial muito interessante e as professoras da escola eram as chefes de serviço do Hospital Professor Edgar Santos, nesse mesmo sistema nós fomos preparadas. Então nós viemos para cá e fomos também para o Hospital Universitário”. (Regina)

Com relação à integração docente-assistencial – IDA, aspecto bastante estudado a partir da Reforma Universitária de 1968, considerado muito importante para a qualificação profissional e melhoria da assistência, convém enfatizar que a enfermagem brasileira, sobretudo por meio da ABEn, tinha esta temática como ponto de pauta de discussão, tanto que o XX Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em 1968, recomendou a integração entre professores e enfermeiros, com vistas a aprimorar o relacionamento e conseqüentemente estabelecer padrões para os serviços de enfermagem de hospitais de ensino. (INTEGRAÇÃO DOCENTE-ASSISTENCIAL E A ENFERMAGEM, 1984)

Para além da IDA, a chefia das clínicas do HU pelas professoras determinou a inserção de uma enfermagem autônoma, inclusive com implementação do processo de enfermagem como conjunto de diretrizes e formas de organização sistematizada do

trabalho em Enfermagem. Nessa perspectiva, à medida que ocorreu a expansão do hospital, verificou-se correspondente ampliação do número de docentes, para atender às necessidades de enfermagem do HU.

Cumprir reiterar que o Processo de Enfermagem pressupõe uma série de ações profissionais, dinâmicas e interrelacionadas e coerentes com determinado método, que envolve a sistematização da assistência de enfermagem, fundamentado em um sistema de valores e crenças morais e no conhecimento técnico-científico da área. (GARCIA; NÓBREGA, 2009).

A atuação das docentes no Hospital Universitário agregava capital profissional à sua atuação como docente, ao tempo em que conferia poder como docente no espaço hospitalar (duplo empoderamento). Essa atuação também conferia a possibilidade de controle da equipe de enfermagem.

“porque eles viam as enfermeiras como enfermeiras, porque as enfermeiras todas trabalhavam no Hospital Universitário, todo mundo tinha um cargo de supervisão no Hospital Universitário. [...] Então todo mundo, todos os professores da escola eram responsáveis pelas clínicas do Hospital Universitário. Faziam o trabalho de docente e de chefia mesmo, de direção no Hospital Universitário”. (Lúcia)

“Por que o que é que a gente encontrava em todos os hospitais que a gente chegava, inclusive no HU? Que a não existência de uma enfermeira responsável por aquela área de trabalho deixava a desejar a assistência, porque por mais que o auxiliar de enfermagem fosse preparado, mas havia limitação nas ações, em um plano de trabalho, em um plano de cuidados, isso foi o que a gente mais pregou na época, era que o paciente tivesse um plano de cuidado, uma prescrição de enfermagem e isso só foi possível a partir do momento em que a enfermeira entrou no campo de trabalho”. (Marcina)

Talvez, a categoria dos médicos mais tenha sentido os impactos da mudança. Por um lado, já tinham contato com uma enfermagem altamente qualificada técnica e cientificamente, representada pelas enfermeiras estrangeiras do projeto HOPE, todavia, a partir de então passaram a dividir o espaço de atuação, com atribuições e competências bem delimitadas pelas próprias professoras enfermeiras.

“E o entrosamento era muito bom porque os médicos confiavam no trabalho das enfermeiras que estavam, aquele grupo pequeno, aquele grupo pequeno que eles viam o trabalho da enfermeira. Acredito também que isto tenha sido um respaldo do navio HOPE, onde eles conheceram as enfermeiras americanas, que eram as contrapartes das enfermeiras brasileiras, principalmente”. (Lúcia)

Até a chegada das docentes do curso de enfermagem existia uma ordem estabelecida de posições dos profissionais atuantes no HU. Sobre este aspecto, é pertinente refletir sobre as considerações de Bourdieu, ao mencionar que as estratégias dos agentes

“dependem da *posição* que eles ocupem na estrutura do campo, isto é, na distribuição do capital simbólico específico, institucionalizado ou não (reconhecido interno ou notoriedade externa), e que, através da mediação das disposições constitutivas de seus *habitus* (relativamente autônomos em relação à posição), inclina-os seja a conservar seja a transformar a estrutura dessa distribuição, logo, a perpetuar as regras do jogo ou a subvertê-las”. (BOURDIEU, 1996, p. 63-64).

Nessa vertente de análise, as docentes enfermeiras estavam imersas em um campo de lutas, onde tiveram que escolher conservar o que existia (o médico como detentor do poder do cuidado em saúde) ou transformar essas relações.

A fala da professora Regina esclarece alguns detalhes sobre o exercício da enfermagem no HU:

“Quem administrava o serviço de enfermagem eram as atendentes, e essas atendentes prestavam conta da enfermagem aos médicos. Então era uma cultura de uma enfermagem muito subsidiária. Existia um modelo de enfermagem, aquele modelo de enfermagem que garantia o sucesso do trabalho médico, as ações médicas. Então a enfermagem se delimitava, ela se restringia ao amparo do trabalho do médico. Preparar curativos, injeção, aplicação de medicamentos, mas a enfermagem em si, como a ciência que você sabe que ela é, aqui não existia”. (Regina)

Diante do exposto, é pertinente retornar a Bourdieu (1996, p. 65), quando interpreta o seguinte:

“A tensão entre as posições, constitutiva da estrutura do campo, é também o que determina sua mudança, através de lutas a propósito de alvos que são eles próprios produzidos por essas lutas; mas, por maior que seja a autonomia do campo, o resultado dessas lutas nunca é completamente independente de fatores externos”.

Portanto, as relações de forças entre os dois polos dependeram do estado das lutas externas e do auxílio a que cada grupo recorreu externamente. O contexto demonstra que a conjuntura favorável à abertura do curso, um grupo forte e coeso que estava se construindo, a visibilidade proporcionada pelo trabalho das enfermeiras do HOPE e o apoio institucional, inclusive do reitor, combinaram-se em favor das conquistas das docentes enfermeiras.

Por outro lado, apesar de os fatos indicarem certa subversão da ordem por parte das professoras; as mesmas tiveram que aceitar tacitamente as limitações e

possibilidades pertinentes às regras do jogo, e, portanto, abrir mão de várias estratégias para garantir o exercício da assistência de enfermagem com qualidade e competência.

“Então isso, a presença, a mão na massa, a forma de ver, de pensar e de agir, determinou o respeito que o grupo médico tinha com a gente”. (Zandra)

“Porque as professoras atuavam, então todo mundo conhecia as professoras porque elas atuavam junto com os alunos, não ficava lá no birô sentada, não, não ficava”. (Lúcia)

“Na hora de decidir que o cuidado precisava ser dado era uma guerra, era uma guerra, mas a gente conseguiu chegar lá. Agora engraçado que era uma guerra e depois todo mundo sentava para conversar, bater papo, ia para cantina, sentava junto, não havia uma discriminação a esse ponto. A discriminação era muito mais, talvez hoje a distância tenha me feito enxergar isso, era muito mais a guerra pelo poder de fazer, ou seja, enquanto eu fizesse o que você me mandasse estava tudo maravilhoso. Na hora que eu fizesse algo que você não mudou ou contrariasse a sua ordem aí o pau quebrava. Então isso para mim é guerra de poder, era um poder de espaço. O que nós estávamos fazendo era conquistando e estabelecendo o espaço de trabalho da enfermagem, ou melhor, da enfermeira, com a autonomia profissional que uma enfermeira tem que ter para decidir sobre as questões de cuidado”. (Regina)

Se uma das estratégias foi o exercício da profissão com competência e autonomia, efetivamente implementando o cuidado de enfermagem, a outra foi estabelecer alianças para garantir que as alunas pudessem também realizar as atividades práticas do curso. Na linha reflexiva proposta por (BOURDIEU, 1996) a direção das mudanças depende de um conjunto de possibilidades determinadas pela história e relações de poder. Desse modo, como é o campo que ordena “o que é possível e impossível de fazer e pensar em um dado momento do tempo” (BOURDIEU, 1996, p. 63), pode-se admitir que as docentes precisaram negociar com a categoria médica a autorização da entrada das alunas no espaço do cuidado em saúde e de enfermagem do HU.

“Na hora de entrar no centro cirúrgico, todo aquele cuidado de pedir ao médico para o aluno poder instrumentar, que era a minha área, a gente fazia o suporte do trabalho de circulação de sala e de instrumentação. Então era um trabalho que a gente tinha que ter todo um jogo de cintura para aquele médico reconhecer que a enfermagem precisava daquele espaço” (Marcina)

“Então tinha médico que não queria que a gente entrasse para aprender a instrumentar, é, que não entendia para quê que a gente tinha que está fazendo estágio dentro do hospital”. (Lena)

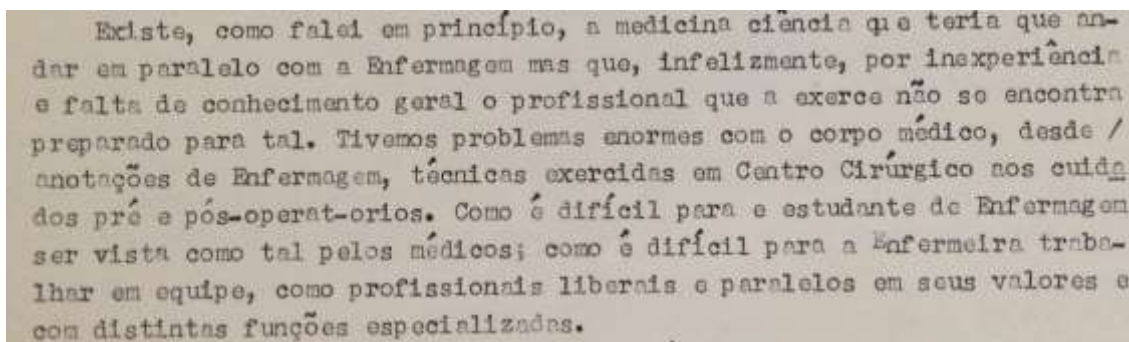
“É, teve essa da Pediatria, como eu lhe disse, do berçário da Santa Casa, que também a médica disse que estudante de enfermagem não entrava no berçário, foi preciso muita conversa, negociação e tal, das professoras com ela”. (Ivanilda)

“Olha, com os médicos, assim, era difícil também, sabe? [...] aí a gente não podia chegar perto dos pacientes dessa criatura”. (Graça)

E que apesar de ter algumas posturas difíceis de alguns profissionais da área de saúde, mas existiam tantos outros que sabia reconhecer o seu trabalho. (Elzira)

Tal como aponta Bourdieu, essa disputa por posição no campo se configura a partir de lutas simbólicas onde está em jogo a representação que cada agente tem do mundo social. Ademais, “os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas *posições relativas* neste espaço” (BOURDIEU, 2001, p. 134)

Um trecho do depoimento proferido pela aluna Noraci, durante as comemorações da formatura da primeira turma faz referência aos desafios a superar para conseguir sua entrada no campo da saúde:



Existe, como falei em princípio, a medicina ciência que teria que andar em paralelo com a Enfermagem mas que, infelizmente, por inexperiência e falta de conhecimento geral o profissional que a exerce não se encontra preparado para tal. Tivemos problemas enormes com o corpo médico, desde / anotações de Enfermagem, técnicas exercidas em Centro Cirúrgico nos cuidados pré e pós-operat-órios. Como é difícil para o estudante de Enfermagem ser vista como tal pelos médicos; como é difícil para a Enfermeira trabalhar em equipe, como profissionais liberais e paralelos em seus valores e com distintas funções especializadas.

Fac-símile 12: Discurso da oradora da turma, Noraci Pedrosa Moreira, durante as comemorações da Formatura das pioneiras da UFAL, em junho de 1977.

Fonte: arquivo do LADOPHE.

Outros depoimentos também evidenciam claramente a resistência, tanto da categoria médica, quanto da própria enfermagem, para entrada das alunas no campo prático da saúde:

“Eu lembro também quando a gente começou a fazer estágio no Pronto-Socorro, que ainda era o Pronto-Socorro velhinho ali perto da Santa Casa, teve também um professor lá, era neurologista, que ele também disse que não queria, eu não lembro exatamente o que foi que aconteceu, mas aconteceu alguma coisa que quando a gente chegou no outro dia para o estágio, tinha lá uma ordem dele que estudante de enfermagem não era para pegar em paciente dele [...] foram desafios que deu para a gente ir contornando no momento na época”. (Ivanilda)

“É claro que o pessoal de enfermagem estranhava, ‘agora vão chegar as enfermeiras, elas vão querer aqui mandar na gente’, não sei o quê, criavam muito conflito com as professoras, porque as professoras passavam uma rotina para a gente, que as vezes era diferente da rotina que as atendentes e auxiliares estavam acostumadas naquele hospital, e agente acabava assumindo muita coisa”. (Lena)

No caso em tela, a medicina e a enfermagem constituíam categorias profissionais distintas. Bourdieu (2000) elucida que as diferentes classes ou frações de classes estão imersas em uma luta simbólica para imporem uma visão de mundo conforme os seus interesses. Na circunstância em exame, as professoras conseguiram inculcar nas alunas um sentimento de pertença à profissão que as estimulou à luta para conquista de espaço, como atestam vários depoimentos:

“Assim, a gente comprou a ideia delas, então o nosso grupo foi um grupo que comprou a ideia de que ser enfermeira era a melhor coisa desse mundo e que a gente ia lá, e que a gente era guerreira, que ia desbravar, e a gente embarcou nessa luta”. (Lena)

“Mas na hora que a gente chegava no hospital para cuidar minha filha era uma batalha por dia, todo mundo, aluno e professor. E elas foram corajosas porque quando a gente dizia ‘faça’, elas não duvidavam não. Isso foi uma coisa interessante. O médico chegava lá e deixava escrito ‘Não mexer no paciente’, estava escrito lá, a gente entrava, eu dizia ‘Esse paciente é para ficar com você’, e ela ia e fazia, mexia, cuidava, fazia curativo, dava banho, conversava, virava para lá, virava para cá, fazia tudo que era recomendado fazer do ponto de vista da enfermagem e deixava ele todo arrumadinho”. (Regina)

“A gente preparava um doente para fazer uma cirurgia oncológica que ia deformar rosto, deformar corpo, a gente explicava com a orientação das professoras, a gente explicava, o doente terminava aceitando. Então quando o médico chegava, o doente dizia ‘olhe, doutor, a enfermeira disse que eu vou’... ‘O quê?’ Não vai acontecer nada disso com a senhora ou com o senhor. Elas não sabem nem o que estão falando. Seu médico sou eu ou são elas?”. Desse jeito, desse jeito! E aí, quando o doente voltava da cirurgia estava do jeito que a gente tinha dito. (Ana Maria)

“Mas a gente sentia que uma precisava se apoiar na outra porque a gente estava, quase, praticamente nas mesmas condições, com muito pouca diferença”. (Zandra)

“Até que a gente entrou no curso profissionalizante, aí no curso profissionalizante, aí sim, a gente criou um vínculo muito forte”. (Lena)

As alianças entre as professoras e as alunas da primeira turma foi estratégia marcante nos primeiros anos de funcionamento do curso, e se por um lado era preciso enfrentar a categoria médica, por outro, fez-se necessária habilidade para lidar com os próprios pares (atendentes e auxiliares de enfermagem).

Em 1973, foram criados o Conselho Federal de Enfermagem – COFEn e os Conselhos Regionais de Enfermagem – COREns, através da Lei nº 5.905. À época, ainda vigorava a Lei do Exercício Profissional nº 2.604 de 17 de setembro de 1955, que regulamentava o exercício da profissão em todo território nacional por enfermeiros,

obstetizes, auxiliares de enfermagem, parteiras, enfermeiros práticos ou práticos de enfermagem e parteiras práticas.

Portanto, na década de 1970, havia contingente considerável de pessoal não qualificado que exercia a enfermagem. Somente a partir de 1986, com a sanção da Lei nº 7.498, é que a legislação determinou a substituição dos atendentes de enfermagem por profissionais devidamente qualificados. Porém, à época do estágio foi majoritariamente com eles que as professoras e alunas precisaram compartilhar o trabalho nos cenários de prática. Tarefa nada fácil:

“Muito difícil, muito difícil! Primeiro eles, nós percebíamos que eles colocavam barreiras de acesso para algumas práticas, até porque já imaginavam: ‘vem agora um monte de adolescente para mandar na gente’”. (Marcina)

“Eu confesso a você que era difícil, sabe? A gente tinha que negociar, as meninas, as professoras, as meninas que eu falo são as duas viu? Cristina e Regina. Conversavam com elas, explicavam, pediam a colaboração. Eram lindas! Pediam a colaboração! Quer dizer, ia com humildade, está entendendo? Que era para gente ter acesso sem nada, a gente não conseguia fazer nada porque elas não percebiam aquilo. ‘Não, agora um curso de enfermagem, agora vem enfermeira chefe para cá’. E isso na cabecinha delas, minha filha, era terrível. Poucas auxiliares, não tinham muitas, a sua grande maioria eram atendentes e com essa mentalidade. Pessoas que muitas vezes eram ali o pessoal da limpeza, não que eu tenha preconceito, mas que não houve um estudo adequado para isso e ali estava cuidando e fazendo coisas que pelo amor de Deus! Não tinham nenhum preparo, tinham um cursinho básico e tudo mais, mas preparo científico para cuidar realmente e fazer certas intervenções não tinha condições”. (Graça)

Além das questões expostas até o momento, ainda era preciso conviver com as dificuldades estruturais de uma universidade com apenas 16 anos de existência. Quando da abertura do curso de enfermagem, as aulas eram ministradas em antigos galpões da Petrobrás, o HU encontrava-se em construção, apenas com a parte térrea funcionando e uma escassez de recursos assolava os diversos recônditos da UFAL.

“Nós funcionávamos nos galpões da Petrobrás, e não era só a enfermagem, era enfermagem, medicina, toda a área de saúde funcionava naquela estrutura improvisada e ali a direção do centro funcionava”. (Regina)

“A sede do curso era num galpão da Petrobrás que tinha ao lado do atual Hospital Universitário, árvores frondosas belíssimas, mangas, e a gente trabalhava debaixo das árvores, quando não tinha sala disponível, porque tinha a turma da medicina também que tinha aula lá”. (Lúcia)

“E eram os blocos da Petrobrás. Tudo isso, que a gente estudava ali embaixo das mangueiras. Era lindo”. (Graça)

“Apesar da escola naquela época funcionar de maneira bem precária, era nos galpões da Petrobrás, mas o curso era bom”. (Neide)

“Eram [as aulas] nos depósitos da Petrobrás na frente do HU e ali a gente se instalava em áreas com certo desconforto, mas as salas do pessoal do HOPE eram salas mais confortáveis, a gente ia para lá, tinha toda essa facilidade de mimeógrafo, de telefone, e eles tinham esse espaço. Então ficava junto das salas de nutrição, ali juntinho. A gente tinha uma convivência muito boa e o HOPE deu um apoio muito grande à gente”. (Marcina)

A manifestação da professora Marcina reitera a importância do apoio do projeto HOPE, pois, além do respaldo de cunho técnico, havia também um suporte logístico.

“E as dificuldades que a gente tinha não eram maiores por conta do projeto HOPE, porque a gente usava telefone do HOPE, a gente usava o mimeógrafo do HOPE que a gente não tinha mimeógrafo, era do HOPE, tudo, a dificuldade era sanada através do HOPE, entendeu? Ajudou muito nesse sentido, o laboratório nosso foi eles que deram. Apesar de improvisado veio muitas coisas dos Estados Unidos, os bonecos, foi muito importante”. (Francisco)

Noraci Pedrosa, em seu discurso como oradora da turma, por ocasião da formatura das pioneiras, conferiu ênfase às dificuldades:

Quantas dificuldades enfrentamos juntas, discentes e docentes, para se conseguir melhorar. Quanta burocracia, imposições encontramos e que vocês, professores, tiveram muita garra em enfrentar, superar.

Fac símile 13: Trecho do discurso da oradora da turma, Noraci Pedrosa Moreira, durante as comemorações da Formatura das pioneiras da UFAL, em junho de 1977.

Fonte: arquivo do LADOPHE.

O resultado do trabalho dos docentes culminou na apresentação pela professora Lígia, então coordenadora do curso, de um relatório sobre a análise do Currículo Mínimo e Estrutura Curricular do curso de Enfermagem, por ocasião do II Seminário de Ensino Superior, realizado em setembro de 1976 na UFAL, propondo mudanças desde a carga horária até a sua filosofia. (COSTA, 2012). A exposição do aludido documento em um evento dessa monta, configura poder e prestígio à enfermagem no cenário da UFAL, porque as palavras proferidas por uma docente reconhecida por seus pares-concorrentes simbolizam a estrutura e eficiência dos atores sociais envolvidos. Trata-se da “força ilocucionária” e eficácia simbólica das palavras, mediante a posição relativa do emissor e do receptor na hierarquia do volume e do peso dos diferentes capitais, bem como dos limites inscritos na própria relação (BOURDIEU, 1998).

Ademais, como desdobramento deste evento e também pelo resultado do rearranjo do projeto do curso, o corpo docente se reuniu em um grupo permanente de estudos, que produziu verdadeiro projeto curricular, onde se fez constar a descrição do perfil do profissional que se desejava formar, em coerência com a filosofia do curso, estrutura conceitual e teórica, norteadores dos objetivos terminais do trabalho docente na formação de enfermeiras em Alagoas.

Segue um quadro demonstrativo da primeira grade curricular efetivamente implantada para a primeira turma do curso:

Quadro nº 7: Grade Curricular efetivamente implantada para a primeira turma do curso e que anulou a primeira grade proposta para o curso de 1974.1 a 1977.1.

Período	Código	Denominação	CH	Créditos
74.1	EI – 0011107	1ª U.C.	270	18
	EI – 0020305	2ª U.C.	120	08
	MAT – 003-5	Elem. De Matemática e Estatística	75	05
	ELF – 0010002	Educação Física – Ginástica	30	02
74.2	EI – 0030814	3ª U.C.	330	22
75.1	EI – 0070611	4ª U.C.	255	17
	ENF – 0010405	Introdução à Enfermagem	135	09
	ENF – 0110004	Estágio Supervisionado I	60	04
75.2	ENF – 0020402	Enfermagem Médica-Cirúrgica	90	06
	ENF – 0140004	Estágio Supervisionado II	60	04
	ESO – 0010100	Est. De Prob. Brasileiros I	15	01
	ESO – 0020100	Est. De Prob. Brasileiros II	15	01
	ESO – 0010100	Sociologia	45	03
	ESO – 0010100	Introdução à Psicologia	60	04
	MSO – 0150200	Nutrição	30	02
	MSO – 0160200	Epidemiologia	30	02
	MSO – 0170300	Saneam. e Saúde da Comunidade	45	03
76.1	ENF – 0060202	Enfermagem Psiquiátrica	60	04
	ENF – 0070202	Enf. em Doenças Transmissíveis	60	04
	ENF – 0130304	Enf. em Centro Cirúrgico	105	07
	ENF – 0160004	Estágio Supervisionado IV	60	04
	ENF – 0170004	Estágio Supervisionado V	60	04
	ENF – 0210004	Estágio Supervisionado IX	60	04
76.2	ENF – 0040402	Enfermagem Materno-Infantil	90	06
	ENF – 0080400	Exercício da Enfermagem	60	04
	ENF – 0120302	Enfermagem em Emergência	75	05
	ENF – 0150004	Estágio Supervisionado III	60	04
	ENF – 0190004	Estágio Supervisionado VIII	60	04
	ESO – 0990200	Psicologia da Personalidade	30	02
77.1	ENF – 0030004	Estágio Supervisionado	60	04
	ENF – 0050202	Enfermagem Pediátrica	60	04
	ENF – 0090400	Didática Aplicada	60	04

	ENF – 0100306	Administração Aplic. à Enfermagem	135	09
	ENF – 0200206	Enf. em Unid. Recuper. Terap. Intensiva	120	08
TOTAL			2880	192

Fonte: Arquivo do Departamento de Registro e Cadastro Acadêmico –DRCA/UFAL.

A formatura das pioneiras aconteceu em junho de 1977, com rituais como: homenagem ao paciente, baile, missa, colação de grau e aula da saudade. A solenidade de formatura constituiu um rito de instituição, mediante seu efeito simbólico de consagrar um antes e um depois. As preocupações com os aspectos ritualísticos da cerimônia estão descritas no trecho extraído da ata de reunião do corpo docente do curso:

“Aos oito dias do mês de junho de mil novecentos e setenta e sete reuniram-se extraordinariamente o corpo docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, para discutir e distribuir entre o grupo as atividades relacionadas com a colação de grau da primeira turma, a realizar-se no dia vinte e cinco de junho de mil novecentos e setenta e sete. Essas atividades ficaram assim distribuídas: Prof. Violeta Dantas contribuiria com a flores para a ornamentação da igreja onde se celebraria uma missa em Ação de Graças; Prof. Regina ficou encarregada de coordenar a festa proposta e aceita pelo grupo, a realizar-se na residência da coordenadora, na praia de Paripueira no dia dezoito de junho de mil novecentos e setenta e sete. A festa seria patrocinada por todo o grupo. Em seguida, foi discutida a ordem das solenidades e o traje a ser usado pelo grupo. Determinou-se que na missa todos compareceriam em traje de passeio, a homenagem ao paciente e a aula da saudade, uniforme branco, e à colação de grau, beca”. (Trecho da ata da 1ª reunião extraordinária do corpo docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 08.06.1977)

A eficácia simbólica de um ritual de formatura reside no fato de agir sobre o real ao agir sobre a representação do real. Os rituais, ao instituírem diferenças, transformam a representação que os demais possuem da pessoa consagrada ao modificar, sobretudo, os comportamentos que adotam em relação a ela. (BOURDIEU, 1998)

Outro fato marcante no ritual de formatura da primeira turma foi a instituição do prêmio “Professor Nabuco Lopes”, doado por uma enfermeira do projeto HOPE, para ser entregue à melhor aluna:

“Após votação, obteve-se o seguinte resultado: Luiza de Almeida Santos – 432 pontos, sendo esta a merecedora do referido prêmio [...] Sendo este resultado entregue ao coordenador, determinou-se que o prêmio seria entregue no final da Aula da Saudade” (Trecho da ata da 1ª reunião extraordinária do corpo docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 08.06.1977)

“Foi, ganhei prêmio, ganhei até dinheiro, dólar. Então, elas queriam, acho que entre elas, a gente nem sabia também que ia ter concurso de

homenagem, de prêmio, a gente soube na hora mesmo e eu era muito estudiosa, realmente era, eu não era ‘CDF’ não, mas eu era boa, eu sempre gostei de estudar e é o que eu digo, enfermagem para mim era coisa fácil, não foi nada difícil”. (Luiza)

Buscando suporte em Bourdieu (1998), pode-se inferir que a premiação é importante para o outorgado; por outro lado, constitui um chamamento à orden, de tal forma que o receptor do prêmio era instado a manter comportamento alinhado ao que dele espera o segmento dominante no campo e na sociedade. No caso, essa aluna estaria estimulada a ser excelente enfermeira. Não obstante tudo isso, o prêmio ratifica o nome de um reitor, homem, médico e general, que se fez presente nas solenidades da formatura, sendo também ovacionado pelas graduandas, representadas por Helena Brandão Vilela, naquele ato público:

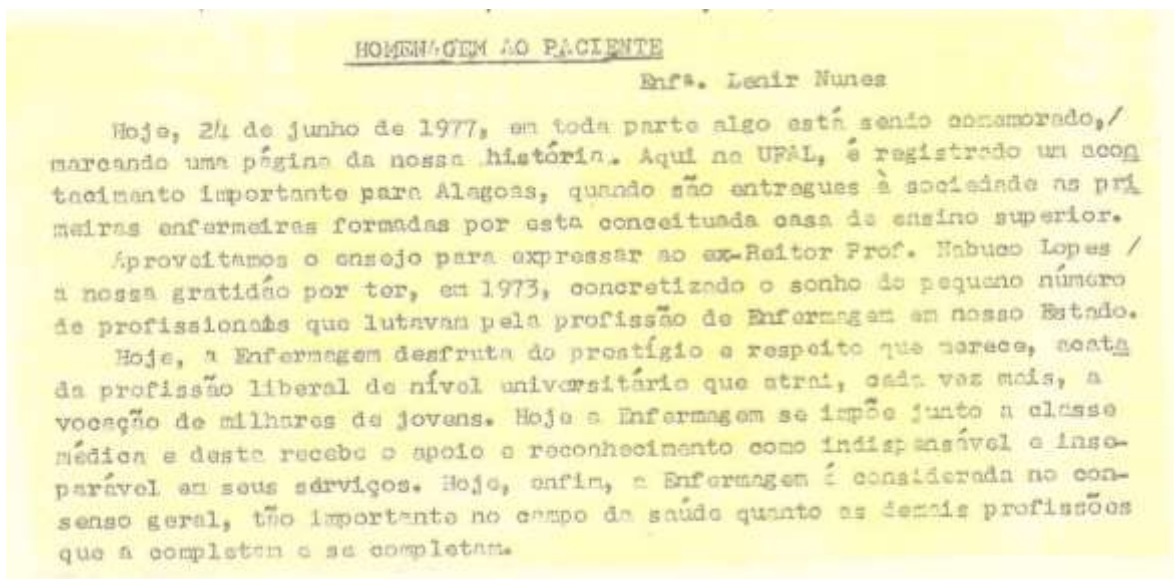
O nosso profundo agradecimento ao ex-Reitor, Dr. Nabuco Lopes, que fundou esse curso, nos oferecendo outra opção dentro da área de saúde e abriu o caminho da Enfermagem neste Estado, o que não é fácil!.. Principalmente para mostrar à população o que é a Enfermagem, quando esta nunca foi encarada a nível universitário.

Fac Símile 14: Trecho do discurso da formanda Helena Brandão Vilela durante as solenidades de formatura da primeira turma em junho de 1977.

Fonte: Arquivo do LADOPHE.

Assim, a investidura transforma a representação que a pessoa faz de si mesma, bem como os comportamentos que ela acredita estar obrigada a adotar para se ajustar a tal representação. Por isso, os rituais são responsáveis por reforçar os laços sociais entre os indivíduos e o grupo em que estão inseridos, produzindo como efeito uma espécie de reafirmação identitária de um grupo social (BOURDIEU, 1998)

Um trecho do depoimento da professora Lenir Nunes, proferido durante as solenidades da primeira formatura de enfermeiras da UFAL guarda coerência com as mencionadas reflexões de Bourdieu:



Fac Símile 15: Trecho do discurso de homenagem ao paciente proferido pela professora Lenir, durante as solenidades de formatura da primeira turma em junho de 1977.

Fonte: Arquivo do LADOPHE.

A professora Lenir, detentora de capital (social e simbólico) reconhecido, ocupava posição privilegiada, o que conferia ao seu discurso legitimidade para exaltar o capital social e simbólico (respeito e prestígio) da enfermagem. Na mesma linha de raciocínio, defendeu a necessidade de os profissionais ocuparem o devido espaço e receberem tratamento de isonomia em relação às demais profissões da saúde. (MACEDO, 2013)

Nessa ordem de pensamento, os rituais institucionais reafirmavam o compromisso da estudante com a profissão, porque representam atos de comunicação que notificam a alguém a sua identidade (BOURDIEU, 1998). Ademais, a diplomação em sessão solene impôs um direito e um dever ser coerente com a identidade instituída, que representava o aprendizado de um habitus adequado à nova posição social (SANTOS; BARREIRA; FONTE; OLIVEIRA, 2011).

Ademais, como em casos semelhantes, o ritual de formatura realizado em espaços privilegiados e com a presença de pessoas importantes da sociedade alagoana conferiu prestígio ao grupo de enfermeiras docentes que aspirava ao reconhecimento social. Sem sombra de dúvidas, a consagração do grupo foi impregnada do honroso prestígio conferido pelas autoridades presentes, o que tende a fortalecer as disposições dos destinatários para reconhecer a validade do título auferido e do correspondente status social e profissional.

A fotografia abaixo ilustra, da esquerda para direita: a enfermeira norte-americana Bárbara Allen (em pé, reponsável pela entrega do prêmio à melhor aluna da

turma); a professora enfermeira Vera Rocha; o professor Oswaldo Brandão Vilela, chefe do Departamento de Medicina Interna à época; a professora Lenir Nunes, então coordenadora do Curso de Enfermagem; o professor José Araújo Silva, diretor do Centro de Ciências da Saúde; e o professor Nabuco Lopes [homenageado com o nome do prêmio], acompanhado de sua esposa. Ao lado da esposa do homenageado, aparece parte do corpo de uma pessoa, não identificada. Na composição fotográfica figuram ainda, de costas para a objetiva da câmera fotográfica, oito pessoas sentadas.



Fotografia 2: Registrada na solenidade da Aula da Saudade da formatura da primeira turma do Curso de Enfermagem da UFAL.

Fonte: Acervo pessoal da enfermeira norte-americana Bárbara Allen.

Por fim, a celebração da formatura das pioneiras, concebida aqui como ritual de institucionalização do prestígio do grupo, consagra à UFAL a responsabilidade de dispor à sociedade alagoana enfermeiras graduadas, as quais, de acordo a proposta curricular do curso, deveriam ter o seguinte perfil:

1. Definição do Profissional

O enfermeiro é uma pessoa formada num programa de educação básica de Enfermagem, qualificada e autorizada no seu país a proporcionar serviços responsáveis e competentes, a fim de: promover a saúde, prevenir a doença, cuidar dos doentes e de sua reabilitação, objetivando um melhor nível de saúde (adaptado da definição do Comitê International de Nursing - ICN, maio, 1973).

Fac símile 16: Definição do profissional descrito na primeira proposta curricular para o Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL.

Fonte: Figueiredo MCS, Mendonça MRA, Santos RM. Avaliação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Alagoas. Maceió; 1987.

Em suma, todo enfermeiro formado pelo curso recém-criado deveria estar apto a: implementar o processo de enfermagem; identificar necessidades de ensino e treinamento em serviço; administrar serviços de enfermagem; integrar valores e ideais que o façam um cidadão; participar das associações de classe, bem como de sociedades científicas, políticas e culturais; analisar o processo saúde/doença em toda a trajetória da vida humana; sentir-se comprometido em participar na promoção, manutenção e recuperação de saúde do indivíduo/família/comunidade; interagir com indivíduos e grupos com eficiência; identificar a rede serviços de saúde existentes no país; e, participar de pesquisas em prol da ciência da enfermagem.

“Na realidade a gente estudou muito, buscou muitas informações sobre questões de novos currículos e simplesmente o que a gente tinha em mente era formar um curso, formular um curso que desse condições a que as enfermeiras de Alagoas sáisse com condições de atender as áreas básicas, na época consideradas prioritárias no Brasil, que era obstetrícia, ou seja, na época já não se tinha mais o conceito de obstetrícia, mas de saúde materna, na área infantil, na área de doenças transmissíveis, administração e saúde pública. Era esse o perfil, porque uma das grandes discussões para se montar o currículo foi definir o perfil de enfermeiro que a gente queria. Foi o ponto de partida, foi o perfil do enfermeiro que se queria. (Lígia)

Em síntese, segundo o Novo Modelo Curricular, que serviu de base para a formação da primeira turma, o curso tinha a proposta de formar enfermeiros líderes para cuidar de indivíduos/famílias/comunidades sadios ou doentes, com capacidade de administrar os serviços e participar de pesquisas e programas de ensino.

Este Projeto Pedagógico pretende proporcionar competências que extrapolam o que, supostamente, é garantido por cursos dessa natureza. Esse discurso parece fundamentar-se em “uma cláusula que por ser tácita, impõe-se antes de tudo, aos

próprios portadores desses diplomas que, deste modo, são intimados a assenhorar-se realmente dos atributos que estatutariamente, lhes são conferidos” (BOURDIEU, 2007, p. 29).

Essa parece ser a lógica que induz aos efeitos dos títulos sociais de crédito, os quais, a exemplo do título escolar, funcionam como espécie de credencial que multiplica de maneira duradoura o valor de seu portador, ao multiplicar a extensão e a intensidade de crença em seu valor.

Diante do exposto, no próximo capítulo apresentam-se as estratégias para o reconhecimento social do curso, sob o pressuposto de que tal preocupação se justifica pela possibilidade de valorizar o diploma de enfermeiro, cujo efeito de imposição simbólica atinge sua máxima intensidade, quando atribuído por escola reconhecida.

Capítulo 4 - Os efeitos simbólicos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na UFAL.

4.1 A entrada das alunas no campo da Enfermagem

No presente capítulo, a ênfase recai na inserção das pioneiras nos campos de prática e nos espaços ocupados/conquistados pelas mesmas após a formatura. Ao mesmo tempo se destaca a luta para criação do Departamento de Enfermagem da UFAL, com conseqüente desvinculação do curso ao Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina; o encerramento do projeto HOPE e as providências para reconhecimento do curso pelo MEC.

Em continuidade, são realçados os ganhos simbólicos e práticos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na UFAL. Com suporte no pensamento de Bourdieu (2011) quanto à noção de campo, identifica-se que o meio universitário da UFAL, como ocorre em outros ambientes acadêmicos e científicos, configurou-se como espaço de posições alcançadas através das propriedades dos agentes, os quais engajaram-se em luta para obter reconhecimento do curso. Em se tratando de luta de poder, os participantes investiram-se de um corpo de disposições que lhes permitiram agir em consonância com as possibilidades concretas presentes no campo.

Ao abordar o campo universitário francês, retratando os espaços de dominação e conflito, Bourdieu apresenta um valioso guia que serve também para análise da história das estruturas no campo acadêmico brasileiro, obviamente considerando as particularidades do país, e no presente estudo, as peculiaridades de uma instituição de ensino (UFAL) criada em uma cidade do Nordeste no início da década de 1960. Sendo assim, sublinha-se que “analisar cientificamente o mundo universitário é tomar como objeto uma instituição que é socialmente reconhecida como fundada para realizar uma objetivação que pretende a objetividade e a universalidade” (BOURDIEU, 2011, p. 289)

Considerando que o mundo social se organiza em torno de uma economia simbólica, o desafio é identificar os bens simbólicos que circulam nesse campo. Com suporte nessa premissa, a distribuição das diversas formas de capital dos agentes envolvidos (professoras enfermeiras, enfermeiras norte-americanas, alunas, professores médicos da faculdade de medicina e gestores da UFAL) relacionou-se dialeticamente com a prática das lutas travadas na universidade.

Denota-se, então, o quão complexo é discutir os interesses, conflitos, parcerias, (des)equilíbrios, relações de força, acordos, dentre tantos aspectos, durante o processo de consolidação de um curso de graduação em Enfermagem no cenário de uma instituição (UFAL) a qual se atribui elevado poder simbólico no âmbito sócio-cultural.

Em se tratando da inserção das pioneiras nos campos de prática, cumpre mencionar que, das 20 ingressantes no curso em março de 1974, apenas 9 concluíram a graduação em junho de 1977. Segundo as próprias alunas, a evasão, reprovação e transferências de curso decorreram de fatores como as exigências e rigor do processo de formação.

“Eram 20. E eu dividi a turma porque era 20 no primeiro semestre e 20 no segundo semestre e eu tirei em vigésimo lugar. Então foram 20 e desses 20 ficaram 9 que se formaram. Foi peneirando, foi peneirando”. (Elzira)

Mesmo antes da formatura das pioneiras, os efeitos advindos da criação do curso de enfermagem da UFAL já se observavam com a inserção das alunas nos campos de prática e nos estágios extracurriculares, conforme os seguintes relatos:

“E quando a gente fazia o plano de cuidados, que a Bárbara [enfermeira norte-americana] orientava a gente, a gente chegava no paciente e fazia todo aquele plano de cuidados, que ele [um médico] foi pegar, eu estava bem próxima a ele, aí quando ele olhou assim ele disse ‘isso é que é uma assistência de enfermagem, isso que é um plano de ação junto ao paciente’. Então ele reconheceu a atuação da gente nas evoluções”. (Elzira)

“Aí, por exemplo, quando a gente chegava com os alunos de enfermagem os pacientes adoravam, você entendeu? Porque a gente tinha um tempo para cuidar diferente do tempo do pessoal, que era uma coisa mais técnica, e a gente conversava, chegava, tinha que fazer plano de cuidado, tinha que levantar dados, você tinha que conversar, conversar.[...]Mas aí eu dizia assim, no plano de cuidado: colocar no colo a criança é prescrição de enfermagem. Pois é, veja só! Aí eu me lembro que eles [pessoal de enfermagem do serviço] diziam ‘mas quando vocês saem daqui, deixam os meninos cheios de dengo’ ”. (Heliana)

As mudanças nas práticas de cuidado de enfermagem começaram a ser percebidas, como se, tanto as professoras enfermeiras, quanto as enfermeiras norte-americanas, tivessem desenvolvido um processo de inculcação nas alunas tendo em vista o exercício de uma enfermagem autônoma, com vistas à elaboração de um plano de cuidados individualizado ao paciente sob seus cuidados.

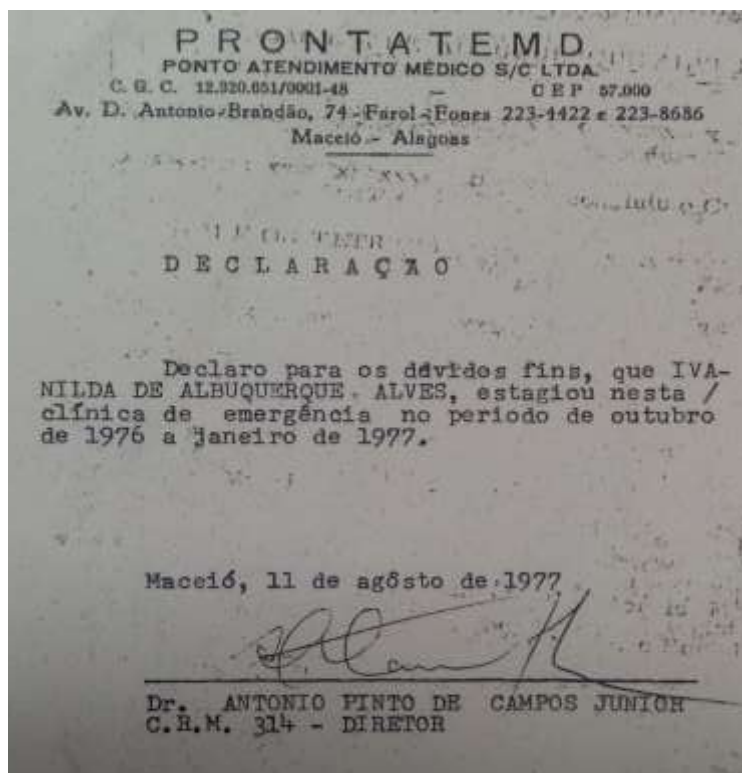
Como se pode deprender, as alunas participavam de um jogo arbitrariamente determinado, onde era preciso incorporar um *habitus* que obrigava a fazer determinadas coisas e proibia outras. Em seu processo de formação, além das práticas curriculares em

sentido estrito, elas fizeram estágios (alguns remunerados) em serviços de saúde, antes mesmo da formatura, como atestam os seguintes documentos:



Fac símile 17: Certificado conferido pelo Instituto Nacional da Previdência Social em Parceria com o Projeto RONDON à aluna Maria das Graças Pereira Lima pela finalização de estágio remunerado.

Fonte: Arquivo pessoal da depoente.



Fac símile 18: Declaração emitida pelo serviço de saúde denominado PROTATEMD sobre o estágio realizado pela aluna Ivanilda de Albuquerque Alves.

Fonte: Arquivo Central da UFAL.

O relato de Ana Maria destaca o pioneirismo das alunas do curso de graduação em enfermagem da UFAL como estagiárias remuneradas na Santa Casa de Misericórdia de Maceió, hospital conveniado à UFAL, onde as alunas também desenvolviam os estágios curriculares.

“Tanto que a gente conseguiu vários estágios aqui em Maceió. Conseguiu no ‘Prontatemd’, que não existe mais, conseguiu na Santa Casa. Nós fomos, a enfermagem, as primeiras estagiárias da Santa Casa, remunerada”. (Ana Maria)

Por certo, as oportunidades de atuação conferiram visibilidade ao trabalho do profissional enfermeiro cuja conclusão de curso ocorreria em junho de 1977. É interessante ressaltar que uma das entrevistadas descreve como atuava sob a supervisão de professora do curso:

“E eu era responsável pelo Segundo Pavilhão com orientação da professora Cristina, que para mim é um marco porque ela me deu todo apoio durante todo o tempo. Eu fiquei dois anos estagiando na Santa Casa, os dois últimos anos de enfermagem, e ela me deu todo apoio. A gente organizou o Segundo Pavilhão, que doente morria por escara. A gente conseguiu fazer um trabalho muito bom lá dentro e doente não tinha mais escara, conseguimos controlar diabetes que era tudo descontrolado, não tinha uma rotina e a gente conseguiu organizar a rotina para diabético, rotina para hipertenso, com orientação da professora Cristina. E o Paulo [diretor médico], observando isso, ele me convidou, que ele já estava como diretor do setor de pessoal, aí ele me convidou para ficar chefiando”. (Ana Maria)

Preocupadas com a formação das pioneiras, as professoras do curso providenciaram outras oportunidades de atuação, até mesmo em horários não convencionais, isto porque estes agentes (as professoras) possuíam um senso prático, que lhes permitia perceber, pensar e agir de acordo com a estrutura do campo e a posição que ocupavam.

“ Fizemos uma viagem, que a gente foi para Penedo conhecer a Unidade de Saúde Pública lá do SESP, da Fundação SESP”. (Neide)

“E outra coisa, a Lenir, tudo que ela ia fazer, como ela era da Secretaria e trabalhava na Saúde Pública, por exemplo, se ela ia organizar um Centro de Saúde no interior aí ela convidava quem queria ir, aí eu ia, Ana Maria também foi muito, eu ia para aprender. Isso era nos finais de semana, de sexta para segunda, entendeu? Onde ela tinha trabalho para mostrar, coisa boa e que a gente podia ver para modificar ela levava a gente. Era lindo demais!”. (Graça)

Provavelmente, devido às particularidades da formação e também à escassez de enfermeiras graduadas nos serviços de saúde, houve convite de emprego, mesmo antes da formatura:

“E quando eu estava para me formar, o professor Paulo de Lira me chamou para eu ficar chefiando a Santa Casa, e eu não pretendia terminar o curso e ficar aqui na mesmice. Eu já tinha feito tudo com orientação da Lúcia e da Regina para fazer a prova para Residência no Rio de Janeiro”. (Ana Maria)

Esse relato sugere que a escola, vista como mercado simbólico, opera como espaço instituidor de competências essenciais aos agentes para atuar em diferentes campos. Talvez com alicerce na distinção conquistada, a então aluna Ana Maria, sentiu-se apta para, após a formatura, viajar para o Rio de Janeiro, cidade berço de inserção da enfermagem moderna no país na década de 1920 e concorrer a vaga em Curso de Residência.

As nove enfermeiras formadas na primeira turma receberam, de certa forma, orientação dos professores sobre os caminhos a trilhar após a saída da universidade. Para que se avalie essa repercussão, apresenta-se a seguir um quadro síntese dos rumos tomados pelas pioneiras:

Quadro nº 8: Breve descrição sobre os espaços ocupados pelas primeiras enfermeiras formadas pela UFAL, Maceió, 2016.

N.º	Nome	Destino
1	Ana Maria Oliveira Santos	Foi para o Rio de Janeiro fazer residência em enfermagem no Hospital Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense. Logo em seguida passou no concurso do INAMPS, também no Rio de Janeiro. No início da década de 1980 fez concurso para o Hospital Universitário da UFAL; passou, retornou à Maceió para assumir o cargo e trabalhou no mesmo até se aposentar.
2	Elzira de Macêdo Figueiredo	Trabalhou por pouco tempo no Hospital da Santa Casa e logo em seguida ingressou como professora na Escola de Auxiliares de Enfermagem de Alagoas, onde atuou até se aposentar.
3	Fátima Maria Fontan Silva	Foi absorvida como professora colaboradora no Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL. Posteriormente fez concurso público para professor efetivo, assumiu e trabalhou no curso de enfermagem até se aposentar.
4	Ivanilda de Albuquerque Alves	Foi para Recife fazer habilitação em Saúde Pública. Ao terminar o curso retornou para Alagoas onde assumiu o cargo de supervisora da segunda região de saúde à época, em pouco tempo foi promovida a coordenadora da regional, assumindo a supervisão de vários municípios. Sempre atuou na área da saúde coletiva e trabalha até os dias atuais como enfermeira da Estratégia Saúde da Família em uma cidade do interior do Estado.
5	Luiza de Almeida Santos	Foi para o Rio de Janeiro fazer residência em enfermagem no Hospital Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense. Logo em seguida passou no concurso do INAMPS, também no Rio de Janeiro. Trabalhou no Hospital de Ipanema até se aposentar.

6	Maria das Graças Pereira Lima	Foi absorvida como professora colaboradora no Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL. Posteriormente fez concurso público para professor efetivo, assumiu e trabalhou no curso de enfermagem até se aposentar. Hoje ainda atua como docente em outra Instituição de Ensino.
7	Maria Helena Brandão Vilela	Foi para o Rio Grande do Sul, trabalhar em um hospital na cidade de Arroio dos Ratos, por intermédio da Professora Zandra Candiotti. Em seguida migrou para São Paulo, onde atua na área de educação até os dias atuais.
8	Maria Neide Santos Silva	Foi absorvida como professora colaboradora no Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL, à convite da professora Lenir Nunes. Posteriormente fez concurso público para professor efetivo, assumiu e trabalhou no curso de enfermagem até se aposentar. Hoje ainda atua como docente em outra Instituição de Ensino.
9	Noraci Pedrosa Moreira	Foi para Recife fazer habilitação em Saúde Pública. Retornou à Maceió e começou atuar na área de saúde coletiva, no início da década de 1980 fez concurso para professor efetivo para o curso de Enfermagem da UFAL, assumiu e atuou até seu falecimento no ano de 1986. Participou de momentos políticos importantes do Brasil, teve grande importância para a organização sindical em Alagoas, atuou de forma intensa do Movimento Participação, participou de vários acontecimentos na enfermagem alagoana e contribuiu de várias formas para o desenvolvimento da enfermagem alagoana e brasileira.

Em paralelo à organização da escola para a formatura da primeira turma, as professoras já estavam engajadas no processo de criação do Departamento de Enfermagem, com vistas ao reconhecimento do curso. Tratando do assunto, a formanda Neide descreve como se deu o convite para ingressar no Curso de Graduação em Enfermagem da UFAL, na qualidade de professora colaboradora.

“Foi assim, é porque eu já era professora primária do estado, porque eu tinha feito o curso pedagógico, aí eu ensinava a noite, e quando eu estava na missa, assistindo a missa da formatura a Lenir chegou assim, eu não esqueço nunca, ela chegou assim e se ajoelhou perto de mim e disse assim ‘quer ser professora do curso?’ Aí, eu olhei assim para ela e disse ‘como?’. Ela disse ‘é porque a Cristina vai sair para o mestrado e vai ter uma vaga para colaborador, aí você fica e se você gostar, se der certo, quando houver concurso faz’. Eu disse ‘quero, claro’. [...] Então aquela foi uma oportunidade maravilhosa pra mim, então eu aceitei na hora. [...] Era um contrato temporário, assim tipo uma fundação. Veja bem, ela pegava os certificados da gente, os títulos da gente, aí eu tinha já no meu currículo que eu dava aula. Muitas professoras foram contratadas assim, como colaboradoras”. (Neide)

O relato acima demonstra que a professora Lenir preocupava-se em suprir a deficiência quantitativa de professores do curso, sem prejuízo da qualidade, mediante a contratação de uma egressa. O problema foi igualmente objeto de discussão em reunião do corpo docente do setor de estudos de enfermagem, como se lê em ata do evento:

“Abrindo a sessão a professora Lenir Nunes da Silva Oliveira, coordenadora do curso, explicou a necessidade de se refazer a projeção do Curso de Enfermagem para encaminhamento ao Diretor do CSAU com o objetivo de contratação imediata de no mínimo três professores, sem contar com a previsão das saídas para mestrado” (trecho da ata da 1ª Reunião do Corpo Docente do Setor de Estudos de Enfermagem, datada de 18.03.1977)

Nesse movimento de fortalecimento do corpo docente, não só Neide, mas também Graça e Fátima foram absorvidas como professoras colaboradoras:

“Pronto, aí depois a gente entrou, eu, Neide e a Fátima, como professor colaborador na UFAL, que era o título, não é? Professora colaboradora. Então a gente ficou até 1981”. (Graça)

O documento a seguir também comprova tal situação:



Fac símile 19: Documento emitido pela UFAL declarando o período de atuação de Maria das Graças Pereira Lima como professora colaboradora.

Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

Como se pode inferir, enquanto não se fazia concurso para professor efetivo no âmbito UFAL, a saída encontrada foi a contratação das três enfermeiras citadas para ficarem lotadas no HU; no entanto, propiciavam suporte ao desenvolvimento do curso, conforme anunciou a professora Lenir em reunião do corpo docente:

“Continuando, foi comunicada a contratação pela Reitoria de três enfermeiras que prestarão serviços no Hospital Universitário e participarão da Disciplina Introdução à Enfermagem” (Trecho da ata da 5ª reunião do Corpo Docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 19.08.1977)

O envolvimento das professoras enfermeiras com o serviço de enfermagem do HU evidencia conquista concreta e simbólica advinda da criação do curso de enfermagem da UFAL. A partir de então, todos os setores do hospital contavam com a colaboração das professoras, desde a direção de enfermagem até a chefia das clínicas, fato também registrado em ata de reunião:

“Iniciando a sessão, a coordenadora do curso comentou a reunião do corpo docente de enfermagem com a direção do Hospital Universitário e a direção do Centro onde foi definida a função de cada professor no Hospital Universitário [...] Em seguida foi feito um levantamento das necessidades de cada clínica do Hospital Universitário em função da Integração Docente-Assistencial”. (Trecho da ata da 5ª reunião do Corpo Docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 19.08.1977)

Como a IDA permaneceu em discussão nacional, em 17 de julho de 1975 foi sancionada a Lei nº 6.229 (revogada pela Lei nº 8.080/1990), que dispõe sobre a organização do Sistema Nacional de Saúde e considera que os hospitais de ensino são instrumentos essenciais na política da IDA. A programação e filosofia do curso de enfermagem acompanhou o movimento nacional.

Dando seguimento ao caminho tomado pelas primeiras enfermeiras formadas em Alagoas, Ana Maria e Luiza, decidiram ir para o Rio e Janeiro fazer residência:

“Eu disse: ‘eu vou para o Rio, vou fazer prova para Residência e se eu passar eu vou permanecer lá’. E eu fui morrendo de medo. Por que eu ia concorrer e a Anna Nery [referindo-se as alunas formadas nesta escola], naquela época, era o supprassumo da enfermagem no Brasil, não é? Aí eu morria de medo de concorrer com Fluminense, com Anna Nery, Luiza de Marillac, morria de medo, mas a gente foi, eu e Luiza, porque a Helena não quis ir para o Rio. Helena queria ir para o Arroio dos Ratos. [...] Nunca tinha ido ao Rio, nunca tinha saído nem daqui, era daqui para Piaçabuçu. E fui para o Rio, para casa do tio da Luiza, eu e Luiza. A gente fez prova, a gente chegou no domingo. Segunda-feira de manhã foi a prova, na Fluminense [Universidade Federal Fluminense]. A gente começou a Residência na Fluminense. Aí fizemos a prova, só três vagas, só três vagas, eu digo: ‘Meu Jesus, passo nada! Passo

não'. E a gente passou! Eu, Luiza e uma do Rio. Aí ficamos na Fluminense".
(Ana Maria)

Nessa manifestação de Ana Maria, percebe-se que em 1977 em Alagoas ainda persistia no imaginário social a mística do Padrão Anna Nery, através do entendimento de que enfermeira era aquela que se formava segundo os critérios instituídos pelo Decreto n.º 20.109/1931 o qual foi revogado pela Lei n. 775/1949. De acordo com este Decreto, as escolas somente poderiam diplomar suas alunas se estivessem organizadas e funcionassem nas mesmas condições da Escola de Enfermagem Anna Nery.

Outro aspecto importante é que “as grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico [por exemplo, Rio de Janeiro/Maceió] tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão” (BOURDIEU, 2012, p. 162). De maneira concreta, se, por um lado, o deslocamento do corpo (a ida de Ana Maria e Luiza para o Rio de Janeiro) diminui a distância espacial, por outro, reafirma a distância social, através da incorporação insensível das estruturas da ordem do campo. Cabe também registrar que, durante muito tempo, precisamente de 1763 a 1960, a cidade do Rio de Janeiro era a capital federal do Brasil, concentrando o núcleo do poder político e institucional em todas as áreas e também na formação em Enfermagem.

Sobre este aspecto, por analogia, recorre-se a Bourdieu (2012, p. 162), quando afirma que “a capital é [...] o lugar do espaço físico onde se encontram concentrados os polos positivos de todos os campos e a maior parte dos agentes que ocupam essas posições dominantes”.

4.2 Repercussão das lutas simbólicas na visibilidade e reconhecimento social da Enfermagem

Conquanto que, em 1977, ano de formatura da primeira turma do curso de enfermagem, o Rio de Janeiro era recém-saído da condição de capital da república, ainda concentrava as mais tradicionais escolas de formação de enfermeira. Nesse passo, a então enfermeira recém-formada Luiza relatou:

“Aí como você vê como o curso da gente foi bom, porque quando a gente veio para o Antônio Pedro [Hospital Universitário da UFF], para residência, eram três vagas para o Brasil, quando se fala em Residência é para o Brasil. Eram três vagas só. E era a única Residência que estava tendo concurso em junho, porque a maioria era em dezembro para iniciar em janeiro. Então estava tendo em junho, era eu, Aninha e outras concorrentes para três vagas. E eu tirei em primeiro lugar, a Aninha tirou em segundo lugar e uma do Rio

tirou em terceiro lugar, quer dizer, a gente estava muito bem, muito bem formada, então”. (Luiza)

Mesmo considerando os componentes dos efeitos do espaço geográfico, onde o valor das diferentes regiões do espaço social reificado é definido pela relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens, pode-se admitir que as enfermeiras recém graduadas adquiriram um *habitus* profissional compatível com novas experiências, repercutindo como ganho simbólico para a UFAL, devido a sua inserção no mundo do trabalho.

Ademais, segundo as normas vigentes, o concurso público classifica para sempre, determina um antes e um depois. Recorrendo novamente a Bourdieu (1998, p. 100) “entre o primeiro lugar e o último da lista de aprovados, o concurso cria diferenças que vão do tudo ao nada e que permanecem para toda a vida”. O princípio classificatório, assim estabelecido reconhece as competências apreciadas pelo sistema educacional, no qual o rigor das técnicas de avaliação determina a relação entre o desempenho e o diploma que certifica a competência.

Além de passar em primeiro e segundo lugar, estas duas alunas também concorreram para outro Curso de Residência, também no Rio de Janeiro, para onde migraram:

“Então a gente já tinha passado no concurso do INAMPS para Residência, que era a melhor, lá no Rio também. A gente já tinha feito outra prova porque a gente não tinha gostado muito da Universidade Federal Fluminense porque era mais burocracia e quando você se forma você quer ver ação, cuidar, você quer isso, você não quer ir para um birô fazer levantamento de papel, de quantos foram atendidos, não. A gente não queria isso. Então a gente se decepcionou, mas a Fluminense era um ano a residência e no INAMPS eram dois anos”. (Ana Maria)

No Curso de Residência em Enfermagem do INAMPS, ambas foram designadas para o Hospital de Ipanema, onde atuaram e inclusive estavam a frente em alguns aspectos da assistência, visto que o projeto HOPE em Alagoas já havia oportunizado o contato com a alta tecnologia da época:

“E quando acabou a residência, fizemos prova para o Ministério da Saúde, do INAMPS, passei também. Então era muito boa a formação da gente. [...] E legal isso, você sentir que o curso da gente não devia para nenhum outro curso, não tinha diferença, de quem tinha tradição em enfermagem, não é? Eu morei em república e minhas colegas eram da Escola de Itajubá, que era uma Escola de Enfermagem tradicional, antiga, mas não tinha diferença, ao contrário, eu e Aninha, a gente tinha essa coisa avançada. A gente chegou no Hospital de Ipanema, tinha bomba infusora, o pessoal olhava ‘bomba

infusora?’, eu e Ana Maria sabia mexer, porque a gente tinha visto no projeto HOPE essas coisas. Então não tinha bicho de sete cabeças para a gente, as coisas descartáveis a gente já tinha visto lá trás, era tudo obsoleto o que a gente via. Então deu muito segurança para a gente, fomos muito bem formadas, fui muito bem formada”. (Luiza)

“Quando eu cheguei no Ipanema [hospital], tinha o doutor Portela, que era o chefe da Cirurgia do Ipanema. Aí, começando como residente, quando eu cheguei no andar, quem fazia curativo eram os residentes de medicina. Desde quando médico faz curativo? Eu disse: ‘Ô Aninha’, Aninha era enfermeira chefe, ‘Aninha, eu acho isso errado, concordo não que os residentes de medicina façam curativo não. Concordo de jeito nenhum’. Aí ela disse ‘menina, menina, olhe, a gente está tão acostumada com isso que a gente não faz curativo não. A gente não faz curativo não, deixe isso para eles. Menos trabalho para gente’. Isso é postura? Aí eu digo ‘não, não vai ficar assim não’. Aí chamei o chefe dos residentes e conversei com ele. Aí perguntei a ele se ele tinha embasamento, quem foi que treinou para ele fazer curativo, se ele sabia quais são os passos do curativo. Sabia nada! Aí eu disse ‘eu sei, a enfermagem sabe’. Aí ele disse ‘Então, Ana, vamos fazer o seguinte, vocês fazem os curativos mas chamam a gente quando tiver alguma coisa diferente para a gente ver’. A gente combinou. Aí quando eu estava fazendo o curativo na Unidade Intermediária, entra o doutor Portela com todos os residentes e fala ‘A senhora é o quê?’, aí eu disse ‘Residente de Enfermagem’. Aí ele falou ‘Quem mandou a senhora fazer o curativo?’. Aí eu disse ‘E quem disse ao senhor que curativo é de Residente Médico?’. (Ana Maria)

A dificuldade encontrada pela enfermeira Ana Maria no tocante à realização do curativo deriva do fato de que qualquer tentativa de instituir uma nova ordem no campo, ou mesmo subverter a ordem existente, conta com a resistência daqueles que hegemonicamente ocupam a posição de dominantes e que tem total interesse na manutenção de uma relação *dóxica* com o mundo social que tomam como naturais as divisões estabelecidas, materializando assim um sistema de violência simbólica.

Violência simbólica porque, a residente em enfermagem aceitou tacitamente as regras do jogo, especialmente diante da necessidade de chamar os médicos diante de uma situação não rotineira, certamente, condição para concessão da autoridade diante do curativo. Isso porque, os dominados, conscientemente, tomam partido de determinado discurso, até porque só conseguem se constituir enquanto grupo separado através da mobilização de suas potenciais forças [no presente caso, conhecimento, habilidade e atitude], para questionar as categorias de percepção da ordem social, das quais são produto e as reconhecem, desta forma, reafirmando sua condição de submissão.

Outras três graduandas resolveram ir para a cidade do Recife fazer Habilitação na área de Saúde Pública, isto porque, apesar do currículo do curso de enfermagem da UFAL guardar relações com o parecer 163/72, não era ofertado o terceiro tronco que se

referia as Habilitações, havia sim uma ênfase na área de Obstetrícia, e aqueles que desejavam especializar-se em outras áreas teriam que sair de Maceió para se qualificar. Destas três, uma recuou, como exposto a seguir:

“Eu me arrumei todinha para ir para Recife com a Nora e com a Ivanilda. Fazer a habilitação. É, depois dei ré, porque eu era afetivamente muito imatura, era muito apegada à família, muito mesmo. E eu tinha essa dificuldade, na época, muito grande e terminei desistindo. Fui lá, a gente foi lá nos Hospitais, na Restauração, conhecer as coisas e na hora “H” eu não fui. Mas tudo Deus reserva um caminho para você, não é? E elas caminharam por essa área e eu caminhei por outra. [...] E quando me formei eu fui para Santa Casa. Eu tinha um tio que tinha certo conhecimento e eu fui, mas com dois meses eu fui chamada para Escola de Auxiliares. Então assim, meu início profissional eu posso dizer que foi lá. Eu me formei em julho e em dezembro eu já estava contratada pela Escola e eu fiquei lá até hoje, me aposentei lá e continuo lá. É meu emprego. E todo o desenrolar da minha vida foi lá”. (Elzira)

“Elzira mesmo que foi da primeira turma foi trabalhar na Escola de Auxiliares”. (Lenir)

Mesmo com a desistência de Elzira, as outras (Noraci e Ivanilda) foram para Recife fazer especialização na área de saúde pública e quando retornaram, assumiram cargos importantes e de poder decisório junto à Secretaria Estadual de Saúde de Alagoas, como foi esclarecido, inclusive com avaliação da repercussão e relevância social do próprio trabalho:

“Nossa, olhe, quando eu paro para pensar que a gente chegou e encontrou tudo que é município, que tinha um percentual de cobertura vacinal tudo lá em baixo, não tinha criança vacinada, parecia que estava começando tudo do zero, entendeu? [...] Porque na época quando eu comecei a trabalhar, o estado era dividido em regionais, então eu fui trabalhar na segunda região de saúde, fui ser enfermeira supervisora lá, aí essa segunda região de saúde eram dezoito municípios que a gente supervisionava, e eu passei, acho que oito meses, talvez menos, seis ou sete meses, como supervisora, depois passei a ser coordenadora da regional”. (Ivanilda)

Pelo exposto, o *habitus*, concebido como forma de perceber, avaliar e reconhecer o mundo, determina uma forma de agir, um senso prático, pois contém em si o (re)conhecimento das regras do jogo. No caso, o processo de formação de um “*habitus* de enfermeira” ensejou a busca por mais conhecimento no campo específico da profissão. Esse investimento contribuiu para que, no retorno à sua cidade natal (Maceió), ocupassem cargos de poder decisório [Coordenadora da Regional] dentro da estrutura administrativa da Secretaria Estadual de Saúde, configurando mais um ganho simbólico para a UFAL, sobretudo para o Curso de Enfermagem.

Cabe assinalar que esta pesquisa se realizou posteriormente a morte da enfermeira Noraci Pedrosa, a qual faleceu em 1986, vítima de um acidente automobilístico. Sua trajetória na enfermagem foi de apenas nove anos; porém marcante. Após retornar do curso de especialização em saúde pública, atuou junto à Secretaria Estadual de Saúde e, no início da década de 1980, prestou concurso público para professor do curso de enfermagem da UFAL, berço de sua formação, onde trabalhou até seu falecimento.

Sua atuação também foi fundamental para a organização sindical em Alagoas. Noraci foi a líder de um grupo de enfermeiras que oficializaram a Associação Profissional dos Enfermeiros de Alagoas (APENAL), a qual durante seus quatro anos de existência, atuou nas diversas discussões sobre as políticas de saúde e interferiu nas condições de trabalho para os profissionais de enfermagem. A APENAL foi uma entidade base para a oficialização do Sindicato dos Enfermeiros de Alagoas. (CHAVES; NASCIMENTO, 2006)

A militância de Noraci também foi dinâmica em outras frentes, tanto que, junto a outras companheiras de todo o Brasil, participou da institucionalização da Federação Nacional dos Enfermeiros (FNE). Como se pode perceber, sua presença foi marcante, sendo considerada uma das referências em Saúde Pública no Brasil. Em Alagoas liderou, junto a outras personalidades, o movimento pela Reforma Sanitária; também teve participação destacada na organização da 8ª Conferência de Saúde. Como repercussão de sua liderança, foi convidada pelo então Ministro da Saúde, para exercer o cargo de Delegada de Saúde no Estado (CHAVES; NASCIMENTO, 2006). Essas conquistas demonstram cabalmente o capital político desta enfermeira, que até extrapolou o espaço social alagoano.

Outra medida que demonstra o reconhecimento de sua relevância para a enfermagem brasileira foi a instituição do prêmio “NORACI PEDROSA MOREIRA” em 1987, pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) no âmbito dos Congressos Brasileiros de Enfermagem. A institucionalização de um prêmio com o seu nome, um ano após a sua morte, expressa a confirmação do mérito de uma enfermeira digna de ser homenageada e imortalizada. A esse respeito, é pertinente sublinhar que a memória sacralizada é um bem simbólico do grupo que, transmitido como herança, especialmente, através de emblemas e ritos, contribuem para a institucionalização dos elementos identificadores da profissão.

O referido prêmio é patrocinado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e destina-se exclusivamente a trabalhos realizados por associados efetivos da ABEn, que versem sobre o tema central do CBEn do ano em curso.

Certamente a primeira formatura de enfermeiras em Alagoas foi um marco, pois a partir de então cabia à UFAL o dever de enriquecer a sociedade local com enfermeiras graduadas [diplomadas]. Por outro lado, o impacto da inserção dessas enfermeiras no mundo do trabalho não ocorreu de imediato, sobretudo devido ao reduzido número de alunas graduadas a cada semestre. Apresenta-se a seguir um quadro demonstrativo do número de formadas no recorte temporal do presente estudo:

Quadro nº 9: Número de formados pelo curso de enfermagem entre 1977 a 1979.

Semestre	Quantidade
1977.1	09
1977.2	06
1978.1	11
1978.2	Não houve formatura
1979.1	35
1979.2	07
TOTAL	68

O número de graduadas no primeiro semestre de 1979 foi mais elevado, porque agregou duas turmas (1978.2 e 1979.1). Como demonstrado no quadro em exame, no final da década de 1970 a UFAL havia graduado 68 enfermeiras, de um universo potencial de 120, considerando o total de 20 vagas ofertadas por semestre.

Estudo sobre a luta das primeiras enfermeiras formadas na UFAL por melhores posições no campo da saúde concluiu que este campo era ocupado por atendentes e auxiliares de enfermagem, algumas enfermeiras formadas em outros estados e médicos [dominantes do campo], e que estas enfermeiras precisaram lutar e empreender estratégias simbólicas no intuito de subverter a ordem estabelecida [enfermeira como auxiliar de médico] (MACÊDO, 2013).

Nessa linha de entendimento, a enfermeira Bárbara relata a principal luta enfrentada pelas pioneiras:

“Uma das nossas maiores dificuldades nessa época foi como você vai substituir em um hospital um auxiliar de enfermagem que faz 25 anos que está à frente de um serviço de enfermagem... Vamos dizer na Santa Casa ou em algum hospital e, de repente, você dizer: ‘você não é mais, agora nós temos enfermeira’, a partir da primeira formatura, não é?” (Bárbara)

Essa manifestação sugere a existência de luta subliminar, travada no campo da saúde; em concomitância persistia a luta pela criação do Departamento de Enfermagem na universidade, o que correspondia ao desejo das professoras enfermeiras de

desvincular o curso do Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina, como informam os seguintes depoimentos:

“Quando eu fui contratada como professora colaboradora, ainda era vinculado a esse departamento [Medicina Interna], me lembro que a minha chefe era a doutora Arlene”. (Neide)

“Nós éramos um apêndice no departamento de Medicina Interna”. (Lúcia)

Com relação à gênese e ao desenvolvimento histórico do ensino de graduação em enfermagem no Brasil, cabe recordar que, até a década de 1980, a maioria das escolas de enfermagem foi oriunda de escolas de medicina. Portanto, as histórias desses cursos estão intrinsecamente relacionadas (COSTA, SANTOS, TREZZA, ROZENDO, ALMEIDA, 2012).

No caso do curso de enfermagem da UFAL criado em 1973, com a primeira turma iniciada em março de 1974 e formatura em junho de 1977, a situação não perdurou por muito tempo, pois as professoras começaram a desenvolver estratégias simbólicas para criação do Departamento de Enfermagem, como se infere do trecho do depoimento transcrito a seguir:

“Porque depois de um certo tempo a gente, o grupo notou que não dava mais para ficar ligado ao Departamento de Medicina Interna, o curso foi crescendo, chegaram mais professores, mais docentes, se formou a primeira turma, da qual três, parece que três, ficaram na escola, ficaram como professoras, é, então não dava mais para pertencer ao Departamento de Medicina Interna. Então começou uma batalha entre aspas, não é? Para fazer o desligamento do Departamento Medicina de Interna e ficar independente, um curso de enfermagem independente. Muito trabalho, muitas lutas e muitas discussões, muitas reuniões para provar para a direção superior da necessidade dessa separação. Eu não me lembro quanto tempo durou isso, mas só sei que foi um acontecimento histórico”. (Lúcia)

As professoras recém ingressas no curso (todas recém-formadas, pela UFAL, ou vindas de outros estados) não se envolviam nesse movimento, pois não tinham permissão para tal atuação. Conhecendo as regras do jogo, porque a acumulação do capital universitário leva certo tempo, as professoras mais jovens se ocupavam com as atividades didáticas (teóricas e práticas), certamente pela ausência dos signos institucionalizados de prestígio na cena universitária: É interessante refletir sobre o que segue:

“Olhe, eu não me envolvia muito com essa parte”. (Heliana)

“Olha, sinceramente, eu não me envolvi com isso não, porque como a gente era colaborador, eram mais com os professores que eram mais antigos lá, que eram professores concursados, eles que travaram essa luta. Não vou dizer a você, porque eu nem me envolvi, só vi a festa lá quando saiu o resultado que tinha virado departamento, e que o curso tinha sido reconhecido e tudo, participei das festividades, das comemorações, agora da

luta, sinceramente, eu não participei. Porque estava lá começando, a gente lá no cantinho da gente, recém formadas. (Neide)

“Eu lembro das reuniões de coordenação, de professores, mas sempre ficava mais concentrado entre aquelas professoras que participaram da etapa da implantação, as outras professoras. [...] Quando eu cheguei em 1978, para mim foi uma demanda muito grande para assumir um trabalho onde eu mal saí da Universidade eu tinha que estar numa sala de aula. Então foi uma demanda muito intensa de trabalho, de estudo, eu passava um bom tempo com a Irmã Mirian [do HOPE] estudando com ela, então o meu foco era a sala de aula. Minha grande preocupação era o campo de prática e a sala de aula. Então essas questões que diziam respeito à parte administrativa eu não me envolvia, e eu não me lembro do nível de preocupação para com essas questões que você lembrou agora de providências, as mais variadas. Eu me lembro do concurso que a gente fez em 1979, eu acredito que foi tudo no mesmo período, o concurso que efetivou, aí nós passamos a ser professor auxiliar e não mais professor colaborador”. (Marcina)

A fala da professora Marcina deixa claro que o contexto social faz com que cada um perceba e atue no limite do possível. Sugere, por outro lado, limitações da formação política do curso, eis que as jovens professoras evidenciaram a incorporação de um *habitus* como interiorização de determinações externas, onde se aceita e assume o que é determinado pelo próprio campo.

Todavia, a realidade é dinâmica e contraditória: a luta para criação do Departamento de Enfermagem na estrutura administrativa da universidade passou a ser um dos pontos de pauta para o reconhecimento do curso, juntamente com outras providências. As falas de alguns professores fazem referência a essa preocupação:

“Para ele [curso] ser reconhecido precisava ter o departamento. Alguns requisitos o MEC impunha para colocar, para reconhecer um curso. Tinha que ter uma biblioteca, tinha que ter um corpo docente adequado, tinha que ter uma estrutura técnico-administrativa e tinha que ter o campo para poder a enfermagem se desenvolver, o curso se desenvolver. Então nós tínhamos, eu tenho a impressão que foi reconhecido em 1978, eu não tenho certeza da data, mas eu posso lhe dizer com segurança que a primeira Chefe de Departamento foi Rosa Maria da Silva Medeiros e posso dizer que eu me sentei, que eu trabalhei muito no Regimento desse Departamento. (Regina)

“Então eu me lembro que o MEC mandou pessoas aqui, verificou a estrutura, sala de aula, laboratório, ‘tem laboratório ou não tem laboratório?’, todos os critérios que ainda o MEC tem para realmente credenciar qualquer escola. Naquela época nós tivemos várias conferências, *workshops*, esse tipo de coisa, com o pessoal do MEC para o primeiro reconhecimento do curso”. (Bárbara)

Lígia, coordenadora do curso e porta-voz autorizada do grupo, providenciou as condições necessárias à qualificação do corpo docente, sobretudo no que tange a sua formação didática:

“Lígia cuidou muito dessa parte, ela foi muito importante nessa questão de qualificar os professores”. (Lúcia)

“Eu lembro que eu viajei em janeiro de 1979 para fazer uma especialização no Rio de Janeiro, porque todos precisavam dessa especialização então eu fui a primeira turma, depois foram outras colegas. Era um período curto de dois a três meses e eu tenho a impressão que assim que nós chegamos não demorou muito, não sei se no final do ano, pode até ter sido no final do ano de 1979 [reconhecimento do curso]”. (Marcina)

Para Bourdieu (2011), a notoriedade intelectual é a única espécie de capital que realmente pertence ao campo intelectual. Admitida essa premissa, era preciso envidar todos os esforços para qualificar todo o corpo professoral, eis que o somatório dos atributos de cada membro do curso definiria o seu peso social no espaço universitário.

Nessa luta, a professora Lígia, então coordenadora do curso, estabelecia contatos internamente [campo da UFAL] como externamente [outras instituições de ensino, sobretudo no sudeste do país, São Paulo e Rio de Janeiro]. Apresenta-se a seguir um certificado conferido pela Pró-reitoria para Assuntos Universitários e Comunitários da UFAL para ilustrar uma destas iniciativas:



Fac símile 20: Certificado conferido à professora Maria das Graças Pereira Lima pela sua participação no Seminário intitulado “Desenvolvimento e Avaliação do Curso de Enfermagem”.

Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

Ocupar um cargo [coordenação do curso de enfermagem] na estrutura acadêmica propicia condições para emprender iniciativas que fortalecem o grupo, o que inclui a qualificação do corpo docente. Nas palavras de Bourdieu (2011, p. 115), “o capital universitário se obtém e se mantém por meio da ocupação de posições que permitem dominar outras posições e seus ocupantes”

Trecho de uma ata de reunião do colegiado do curso de Enfermagem da UFAL relata a ida da professora Lígia a São Paulo, pois a mesma cuidou das condições necessárias [aquilo que o campo permitia] para qualificar o corpo docente, incluindo-a neste processo:

“Iniciando a reunião, a vice coordenadora justificou a ausência da Professora Lígia Leite, coordenadora que se encontrava em São Paulo, onde manteria contato com diretores da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) com o objetivo de colher informações visando a reformulação do currículo do curso atualmente oferecido, além de informações sobre o Curso de Mestrado ao qual deverá submeter-se brevemente”. (Trecho da ata da 3ª reunião do Colegiado do Curso de Enfermagem da UFAL, realizada no Centro de Ciências da Saúde no dia 22 de setembro de 1975)

Sobre o assunto, cabe destacar que o surgimento da pós-graduação brasileira, no teor da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 e aprovada pelo Conselho Federal de Educação em 1965, ocorreu em um contexto político de promoção do desenvolvimento econômico com vistas à formação de recursos humanos para atender à criação de novos empregos, bem como desenvolver pesquisas imprescindíveis à modernização conservadora do país, como se comentou anteriormente.

No âmbito da enfermagem, a Escola de Enfermagem Anna Nery foi pioneira nesse processo no início dos anos 1970, quando duas de suas docentes foram designadas como assessoras da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no intuito de mobilizar as Escolas de Enfermagem para discutir a pós-graduação na área (SCOCHI; MUNARI; GELBCKE; ERDMANN; GUTIÉRREZ; RODRIGUES, 2013).

Nesse contexto, a enfermagem brasileira começou a incorporar a prática da produção científica e sua difusão e, em 1972, teve início o primeiro curso de mestrado na EEAN. Logo em seguida, conforme a política desenvolvimentista vigente no país, foram criados mais oito cursos de mestrado, quais sejam: Escola de Enfermagem da USP (1973 – Enfermagem), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP/ USP (1975 – Enfermagem Psiquiátrica e 1979 – Enfermagem Fundamental), Universidade

Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina (1978), Universidade Federal da Bahia (1979) e Universidade Federal da Paraíba (1979). (SCOCHI; MUNARI; GELBCKE; ERDMANN; GUTIÉRREZ; RODRIGUES, 2013).

Além da ampliação e qualificação do corpo docente, o curso precisava de estrutura adequada para funcionar e atender às recomendações do MEC, conforme fez relembrar a professora Neide:

“Isso, fazer uma biblioteca, um laboratório, e a gente teve um laboratório muito bom, doado pelo navio Hope, que deixou um laboratório bom e que assim durante muito tempo ninguém tinha um laboratório daquele, que serviu o tempo todo para a gente dar aula, eu acho que enquanto eu estava lá foi tudo a mesma coisa deixada pelo Hope, foi muito bom. Então tudo isso serviu para o reconhecimento, porque o pessoal veio para cá e viu que, apesar da escola naquela época funcionar de maneira bem precária, era nos galpões da PETROBRAS, mas o curso era bom, e essas coisas, o laboratório que a gente tinha, os professores que saíram para fazer mestrado, a Cristina, a Vera, e aquele setor, tudo isso mostrou que o curso era bem organizado e atendia as exigências que o MEC fazia na época”. (Neide)

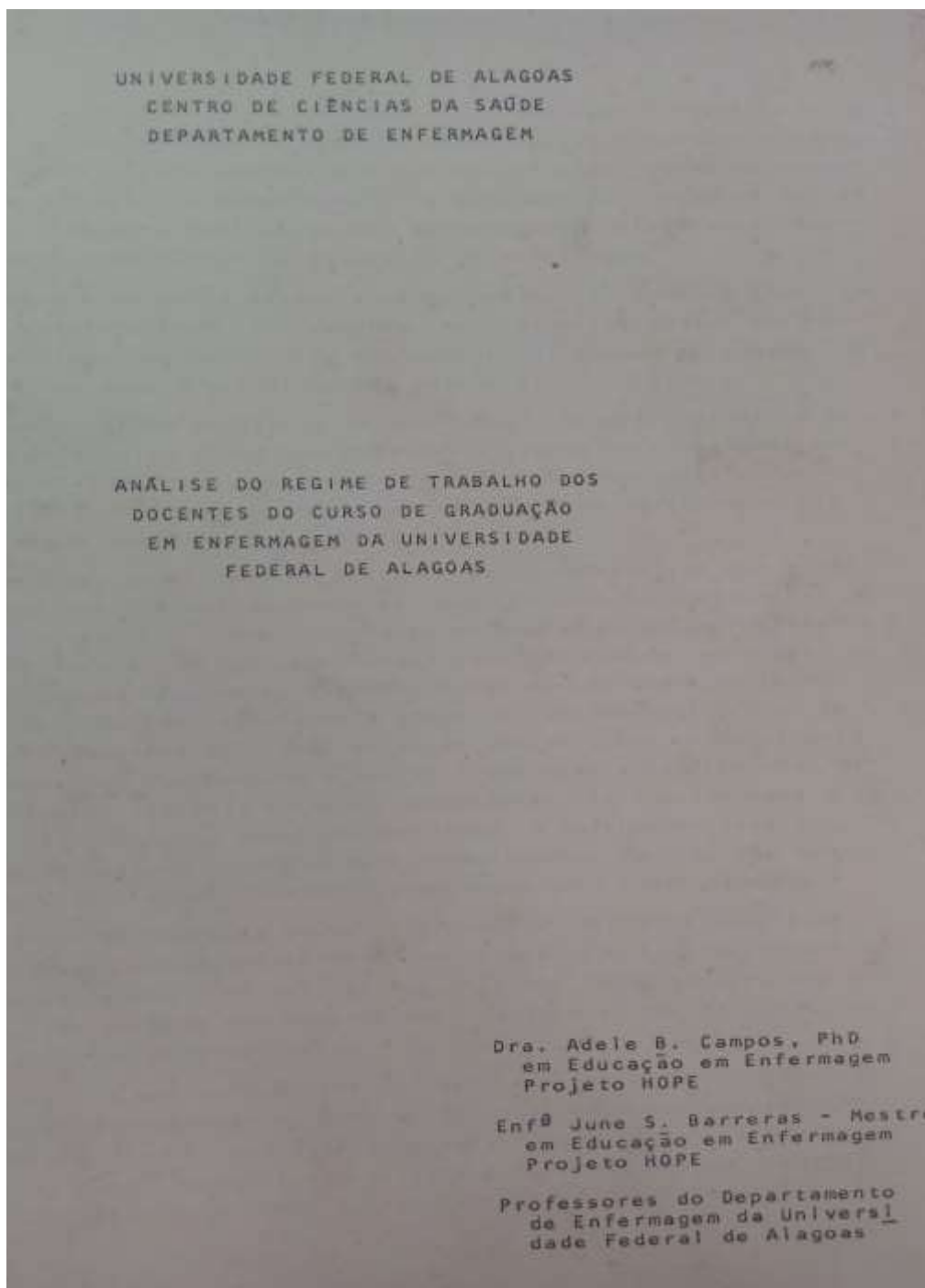
Esse depoimento mostra que, durante as providências para reconhecimento do curso, o projeto HOPE continuou a cooperar. Isso ocorreu mediante doação de insumos e equipamentos para composição do primeiro laboratório de enfermagem da UFAL. Para homenagear esse apoio, posteriormente o espaço foi denominado “Laboratório de Enfermagem June Sessil Barreras”, nome de uma das enfermeiras norte-americanas vinculadas ao projeto.

Mais uma vez, reitera-se a estreita relação entre as enfermeiras norte-americanas e as professoras enfermeiras nos primeiros anos de funcionamento. Um dos indicadores dessa cooperação foi o retorno da chefe do serviço de enfermagem do navio a Alagoas. VeNeta Masson prestou assistência ao curso durante dois anos e regressou ao seu país, sendo que, no dia trinta de setembro de 1977, participou de reunião ordinária do corpo docente e destacou as mudanças visualizadas no campo da saúde, como se infere de excerto do documento transcrito a seguir:

“usou a palavra a Enf. VeNeta Masson que fez um retrospecto sobre a enfermagem de Alagoas quando de sua estadia aqui em mil novecentos e setenta e cinco comparando com a visão que já está tendo agora com as atividades do Curso de Enfermagem da universidade Federal de Alagoas, que procura mostrar a comunidade local o valor da profissão”. (Trecho da ata da 8ª reunião do corpo docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 30.09.1977)

Mais uma fonte que evidencia a parceria trata-se de estudo desenvolvido por duas enfermeiras norte-americanas (Adele B. Campos e June S. Barreras) e todo o corpo

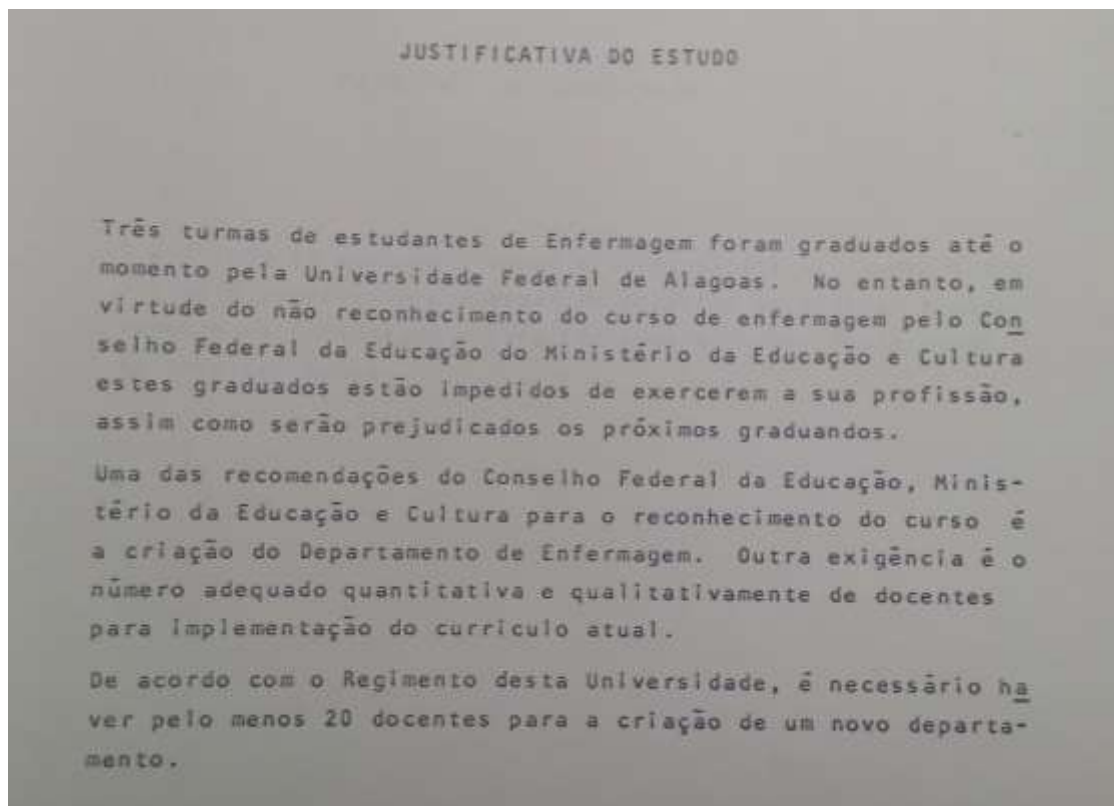
docente do curso de enfermagem, o qual objetivava analisar o regime do trabalho dos professores do curso, com vistas a produzir dados consistentes para solicitar a ampliação do número de docentes com conseqüente criação do Departamento de Enfermagem. Por evidente, os resultados da pesquisa contribuiriam sobremaneira para atendimento de demandas do curso e conseqüente reconhecimento pelo MEC, visto que essa era uma das exigências em pauta.



Fac símile 21: Capa do trabalho desenvolvido por duas enfermeiras norte-americanas (Adele B. Campos e June S. Barreras) e todo o corpo docente do curso de enfermagem.

Fonte: Arquivo do LADOPHE

Através da justificativa deste estudo deduz-se que o trabalho foi iniciado após a formatura da terceira turma do curso, que aconteceu em junho de 1978:



Fac símile 22: Justificativa do estudo desenvolvido por duas enfermeiras norte-americanas (Adele B. Campos e June S. Barreras) e todo o corpo docente do curso de enfermagem.
Fonte: Arquivo do LADOPHE

Apenas levando em consideração o ciclo profissionalizante do curso de enfermagem, este estudo, finalizado em 1979 após a criação do Departamento de Enfermagem, concluiu que o número de docentes era insuficiente para implementar a proposta curricular e dar continuidade às atividades do Departamento, recomendando: a elaboração de um plano de recrutamento de pessoal a longo prazo; a contratação imediata de alguns enfermeiros qualificados; a destinação de verba específica para contratação de pessoal e a publicação de notas atrativas sobre a oportunidade de contrato de trabalho pela UFAL para área de educação em enfermagem.

Esse diagnóstico se agravava, levando-se em conta a previsão de saída de algumas professoras para ingressar em curso de pós-graduação (mestrado). A primeira a se afastar foi a professora Lígia, conforme trecho de uma ata de reunião do colegiado do curso:

“a presidente comunicou seu próximo afastamento para curso a nível de mestrado, deixando a Professora Lenir Nunes da Silva Oliveira atuando como coordenadora deste curso e seu colegiado”. (Trecho da ata da 7ª

reunião do Colegiado do Curso de Enfermagem da UFAL, realizada no Centro de Ciências da Saúde no dia 17 de março de 1977)

A partir do entendimento de que o exercício do poder acadêmico pressupõe a destreza adquirida socialmente, para compreender as possibilidades que o campo lhe apresenta e oferece, depreende-se que a professora Lígia enxergou na professora Lenir um agente com capital suficiente para dar continuidade às providências para a criação do Departamento e conseqüente reconhecimento do curso. Assim, Lenir Nunes, enfermeira graduada na Universidade Federal Fluminense na década de sessenta, tendo trabalhado por muitos anos na fundação SESP e na Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas, ingressou na UFAL em 1973, tornando-se a terceira coordenadora do curso (Portaria emitida pela UFAL de nº 383 de 23 de maio de 1977).

A esse respeito, é interessante refletir sobre as informações sobre andamento do processo para reconhecimento do curso:

“A primeira diligência quase que não existiu, foi um negócio assim muito rápido. A segunda diligência é que foi mais forte, que eles exigiram mesmo a criação do Departamento. Nesse tempo a Lígia já tinha ido fazer mestrado, já tinha deixado o barril de pólvora comigo, aí eu virei coordenadora do curso. [...] Porque o curso só seria reconhecido com um Departamento, que precisava de dezoito pessoas.”. (Lenir)

“Eram reuniões e reuniões, documentos e documentos, e mandavam e voltavam e era um tal de vai e volta, mas aí foi. Lembro sim do movimento! Principalmente Lenir e Vera. [...] Eu estava em sala de aula quando a gente recebe a notícia. Meu Deus! Bom demais! Aí foi um alívio não é? Um alívio porque um curso reconhecido é outra coisa, até para que você se sinta melhor com seus alunos, você agora faz um curso que tenha um reconhecimento do MEC”. (Graça)

Outro problema que realçava a urgente necessidade de reconhecimento do curso era a resistência do Conselho Regional de Enfermagem de Alagoas, instalado em 1975, em registrar as recém-graduadas em enfermagem pela UFAL, como relatou a professora Lenir:

“O conselho não podia fazer nada porque o curso não era reconhecido”. (Lenir)

Essa professora participou ativamente do processo de instalação do COREn-AL, o que demonstra mais um ganho simbólico advindo da criação do Curso de Enfermagem da UFAL. A partir de então, as professoras que compunham o primeiro corpo docente do curso passaram a se envolver com as atividades das organizações civis da enfermagem existentes no Estado à época, quais sejam: A Associação Brasileira de

Enfermagem – Seção Alagoas (criada em 1963) e o Conselho Regional de Enfermagem de Alagoas (instalado em 1975).

A Associação Brasileira de Enfermagem, matriz organizativa da profissão no Brasil, foi criada em 12 de agosto de agosto de 1926, com a denominação de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (ANED), por um grupo de enfermeiras, ex-alunas da EEAN, no intuito de concretizar a ideia de que, para a profissão progredir, precisava de uma associação. Possivelmente, desde então, a ABEn constitui o maior patrimônio da enfermagem brasileira, postando-se à frente de outros importantes acontecimentos e lutas que marcaram a profissão. No ano de 1929 com o objetivo de filiar-se ao International Council of Nurses (ICN) e atender à necessidade estatutária do mesmo foi acrescentado o gentílico “brasileiras”, passando a denominar-se Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras. No curso de seus 90 anos (completados em 2016), recebeu ainda, em 1944, a denominação de Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas e; Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn, de 1954 aos dias atuais) (CABRAL, ALMEIDA FILHO; 2013).

A difusão da ABEn em todo o país foi marcante e se deu por meio de suas Seções, Regionais e Núcleos. A ABEn-AL foi criada em 21 de março de 1963 na sede da EAEA. Na verdade, à época a escola passava por um processo de reestruturação, devido a uma séria crise administrativa, que mobilizou a vinda de mais enfermeiras para Alagoas, dentre elas Dona Isabel Macintyre, uma enfermeira brasileira que herdou dos pais escoceses seu capital cultural e religioso. Esse movimento fez crescer o sentimento de união profissional entre as que estavam em Maceió e encamparam uma luta para criação da seção da entidade em Alagoas (SILVA, SANTOS, MACEDO, COSTA, SANTOS; 2015).

A cerimônia de fundação da ABEn-AL contou a com a presença de Dona Marina de Andrade Resende, que representou a presidente da ABEn Nacional à época, D. Clarice Ferrarini. A representante teve o cuidado de prestar esclarecimentos sobre os compromissos da ABEn e presidiu a solenidade de fundação da ABEn-AL (SILVA, SANTOS, MACEDO, COSTA, SANTOS; 2015).

Cabe resgatar esta história, pois a professora Lenir Nunes mantinha estreita ligação com Dona Isabel Macintyre, primeira presidente da ABEn-AL, como ela própria relatou:

“A dona Isabel Macintyre, que eu trabalhei com ela em Aracaju, então ela tinha um apego muito grande a mim”. (Lenir)

Antes de ingressar como professora do curso, Lenir já participava das atividades da ABEn-AL e transferiu esse capital ao campo acadêmico, tanto que por diversas vezes chamava a atenção dos professores para participar dos Congressos Brasileiros de Enfermagem, maior evento da categoria, promovido anualmente pela ABEn-Nacional:

“a coordenadora do curso [...] lembrou aos professores que fossem participar do Congresso Brasileiro de Enfermagem e a necessidade de encaminhar seus pedidos de dispensa ao departamento o mais breve possível”. (Trecho da ata da 8ª reunião do corpo docente do Curso de Enfermagem da UFAL, datada de 30.09.1977)

Além disso, também providenciava a organização das Semanas Brasileiras de Enfermagem, evento patenteado pela ABEn, cuja a primeira edição aconteceu em 1940, na Escola de Enfermagem Anna Nery, na gestão de Laís Netto dos Reys. A Semana Brasileira de Enfermagem é comemorada de 12 a 20 de maio: a primeira data corresponde ao aniversário de Florence Nightingale e a segunda a morte de Anna Nery, duas mulheres de contribuição muito significativa para a Enfermagem.

“Sempre na associação [ABEn-AL], na Semana de Enfermagem [SBEn], a gente sempre estava montando alguma coisa, convidando pessoas de fora para falar sobre enfermagem, não era para falar sobre política, para falar sobre enfermagem na semana. [...] Naquela semana eram para serem discutidos os aspectos sociais, científicos e culturais da profissão, que hoje em dia eu nem escuto mais. Então assim, eu procurava na semana, promover, mandar buscar alguém, saía pedindo a secretaria, pedindo a não sei quem, para mandar passagem para buscar alguém pra fazer uma palestra”. (Lenir)



Fotografia 3: Registrada na Solenidade de abertura das comemorações da 38ª Semana Brasileira de Enfermagem, Maio, 1977.

Fonte: Arquivo do LADOPHE.


Lenir era muito bem relacionada na sociedade alagoana e o fato de ser professora da UFAL agregava valor ao seu capital social. Em todo espaço pertinente, sobretudo em eventos sociais de destaque, ela apresentava a profissão, argumentando que a “nova” enfermagem ia conquistando seu espaço no cenário alagoano e estreitava as relações com as instâncias governamentais. A professora Lígia recordou esses momentos e informou:

“E nós tínhamos um relacionamento muito bom com a Secretaria de Saúde, porque quando eu comecei a grande discussão na época da Saúde Pública, da saúde de um modo geral, era a chamada assistência primária. A Secretaria de Saúde estava se direcionando para essa linha e a minha tese girava sobre esta experiência de assistência primária desenvolvida pela Secretaria de Saúde. Já existiam discussões para criação do Sistema Único de Saúde, já estava havendo conferências preparatórias para descambar nisso aí. Discussões, não era fato. [...] Com isso a gente criou um relacionamento muito bom com Prefeituras e principalmente com a Superintendência de Saúde”. (Lígia)

Esse movimento ampliou o leque de atuação do curso de Enfermagem no Estado, possibilitando a inserção das alunas em estágios curriculares em outras cidades, resultando na interiorização das atividades práticas do curso, como revelou a professora Lúcia:

“Então nós colocávamos os estudantes no interior para fazer os dois estágios, tanto o de Saúde Pública como o da Unidade Hospitalar, porque um ficava por conta da assistência de saúde pública e o outro ficava por conta da assistência do hospital, da dinâmica do hospital, escala de serviço e pessoal, e material e tudo que precisava nas unidades no interior. E o que é interessante é que nós colocávamos os alunos e nós também íamos, nós íamos fazer a supervisão, nós viajávamos juntas, eu e Lígia. Todos os interiores, aí ela fazia a parte dela da supervisão e eu fazia a minha parte, então era muito bem direcionado, muito bem construído”. (Lúcia)

Provavelmente, a proatividade da professora Lúcia determinou sua designação como Coordenadora do Programa Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária – CRUTAC para área de enfermagem no âmbito da UFAL, pela Portaria nº 347, de 11 de maio de 1977.


 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

20

Portaria nº 347, de 11 de maio de 1979

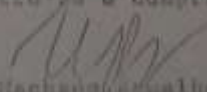
O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, e tendo em vista o que consta do Processo nº 3226/79,

R E S O L V E:

Designar os docentes abaixo relacionados, para exercerem as atribuições de Coordenadores do CRUTAC, de conformidade com as áreas discriminadas:

NOME	CAT. DOCENTE	ÁREA
Benedito Lili Carqueiro	Prof. Titular	Direito
Marcos Antônio Mateus	Aux. Ensino	Educação Física
Lúcia Maria Leite	Aux. Ensino	Enfermagem
Maria Civeleta Pinto	Prof. Colaborador	Administração Fiscal
Maria Lucrecia de A. Rosa	Prof. Colaborador	Agricultura

Registre-se e Cumpra-se


 Prof. Manoel Machado, Machado de Assis
 -Reitor-

UFAL - 310/79
 Assessoria de F. Adm.

Fac símile 23: Portaria de nomeação dos membros do CRUTAC da UFAL.
 Fonte: Arquivo Central da UFAL.

A experiência exitosa do estágio supervisionado do Projeto Político Pedagógico do curso de Enfermagem não passou despercebida no campo da UFAL, como se pode constatar na informação transcrita a seguir:

“Foi participado ao corpo docente que o Diretor do Centro de Ciências da Saúde participará do I Encontro de Análise Curricular do Curso de Medicina e solicitou dados sobre o planejamento e execução dos Estágios Supervisionados do Curso de Enfermagem por considerá-los organizados”. (Trecho da ata da 7ª reunião do corpo docente do curso de enfermagem da UFAL, datada de 23.09.1977)

Sobre o assunto, a professora Regina complementou:

“Se lembre de que umas das coisas maravilhosas que este curso fez foi interiorizar a Universidade Federal de Alagoas através do Estágio Curricular Final”. (Regina)

Retomando a questão do ganho simbólico a partir da instalação do COREN-AL, cabe mencionar que para abordar a história de criação do Conselho Federal de Enfermagem – COFEN no Brasil, é necessário retomar a trajetória da ABEn, a qual envidou esforços para regulamentar a profissão desde 1945, quando sua presidente, Zaira Cintra Vidal (Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas - ABED à época) apresentou ao Congresso Nacional o primeiro projeto de lei, que se transformou no Decreto-Lei nº 8.778/1946, primeira tentativa de regulação do trabalho da Enfermagem no Brasil (CARVALHO, 2008). Após anos de luta, em 12 de julho de 1973, por meio da Lei nº 5.905, foi criado o sistema COFEN/Conselhos Regionais.

Em Alagoas não foi diferente, o grupo responsável pela instalação do COREN-AL era basicamente formado por enfermeiras da ABEn-AL:

“A ligação com a ABEn é porque foi através da ABEn que a gente chegou ao conselho, a criação do conselho [em Alagoas]”. (Lenir)

No emaranhado das relações, destaca-se, novamente, a presença da professora Lenir. A cerimônia de posse da primeira gestão do COREN-AL ocorreu no dia 30 de outubro de 1975, também na sede da EAEA, pelas mãos de José de Barros de Albuquerque, Delegado Regional do Trabalho de Alagoas, que foi designado pelo atual presidente da Autarquia para empossar por um mandato de três anos a partir daquela data, as enfermeiras Cinira Alves, **Lenir Nunes e Maria Violeta Dantas**, representantes do Quadro I do Conselho recém-implantado; as Auxiliares de Enfermagem Maria Rita Moraes e Zuleica Barbosa Silva no Quadro II e III. Tendo ainda como suplentes: as enfermeiras Dona Isabel Macintyre, Rachel Nunes, Yacy

Lopes e as Auxiliares de Enfermagem Ednaura Marinho e Elizete dos Santos. (SILVA, 2016)

Na primeira diretoria do COREN-AL, destaca-se a presença de duas professoras do curso de enfermagem da UFAL. Uma delas, Violeta Dantas, responsável por apresentar a enfermeira Rosa Medeiros ao corpo docente do curso. Sobre este aspecto, Rosa Medeiros esclarece que seu primeiro contato com o Curso de Enfermagem da UFAL ocorreu a partir de sua participação nas reuniões da ABEn-AL, que também era frequentada por outras professoras do curso:

“Eu não conhecia ninguém no Departamento [antes de ser contratada como professora colaboradora em 1978], Violeta foi uma pessoa assim, porque a minha amizade com Violeta vinha da ABEn”. (Rosa Medeiros)

Como o capital social de determinado agente depende da sua rede de relações, a professora Rosa Medeiros, a convite da professora Violeta, ajudou a ministrar curso de Primeiros Socorros na UFAL. A partir de então, estabeleceu contato com a professora Arlene, chefe do Departamento de Medicina Interna, ao qual o curso de Enfermagem era vinculado, à época.

A princípio, houve resistência por parte do marido da professora Rosa, senhor José Medeiros, vice-diretor do Centro de Ciências Biológicas, dirigido pelo Professor Nabuco Lopes, ex-reitor da UFAL (gestão 1971-1975):

“Então fui, quando eu falei com a doutora Arlene, aí ela fez uma requisição para o reitor, e Nabuco era diretor do Centro de Ciências Biológicas, onde José Medeiros era o vice-diretor, era tudo ligado. Aí chegou na mão dele, ele disse ‘não, você não vai’, eu disse ‘eu vou dar um curso de primeiros socorros’, eu fui”. (Rosa)

Rosa Medeiros entrou na universidade com a intenção de ver as possibilidades de trabalho como professora, visto que não desejava ficar em casa subutilizando o conhecimento adquirido na sua formação de enfermeira no Rio de Janeiro. Veja-se como tratou desse assunto, em seu relato:

“Mas acontece que eu fui para lá, dar o curso de Primeiros Socorros, mas o curso de Primeiros Socorros eu não ganhava nada, aí fiquei naquela. A Violeta quem me ajudava, porque a gente não é preparada didaticamente nem metodologicamente para ensinar, não é? Aí eu disse: ‘espera aí’, eu vou começar a fazer os cursos dentro da universidade, aí como a doutora Valéria Hora e a doutora Gisélia foram colegas de turma de Zé Medeiros, a Valéria era do departamento, aí começou a dar cursos e me avisar, de Metodologia, disso e daquilo, de Didática aplicada à Enfermagem e aí eu fui, fazia, porque não impedia ninguém. E quando eu dei fé estava com carga horária para

poder dar aula, e nessa carga horária para poder dar aula eu disse para Lenir, porque a Lenir era a coordenadora do curso, que ela me botasse em uma disciplina que eu tivesse somente que fazer a parte didática e não a parte prática, a parte teórica e não a parte de técnica. [...] Aí ministrei Exercício da Enfermagem I e II, que era História da Enfermagem, Ética, as leis todas. Aí terminou o semestre, doutor Araújo [diretor do Centro de Ciências da Saúde] me chamou e disse ‘Ô Rosa você quer ficar fazendo parte do Departamento?’.” (Rosa)

Rosa Medeiros detinha considerável de capital social, entendido, conforme Bourdieu (2015, p. 75), como um “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”, onde os agentes envolvidos estão unidos por ligações permanentes e úteis.

Parece ter sido esse capital um fator determinou de sua indicação, apesar de ter sido contratada como professora colaboradora, para ser a primeira chefe do Departamento de Enfermagem. Esse aspecto ficou claro na fala da professora Lenir:

“Eu era a Coordenadora do Curso e eu botei ela como chefe de Departamento, eu fiz a indicação dela para Chefe de Departamento por ela ser esposa do doutor Medeiros, que tinha sido também Pró-Reitor, porque, entendeu? E doutor Araújo disse “é mesmo, é mesmo”, por uma questão de traquejo social, o que sem dúvida a gente ia precisar, porque vinha esse povo de fora e a gente não podia, a gente tinha que lidar com esse povo com muito, muito traquejo, não é? Porque o povo diz que isso é elitismo, não é elitismo não, isso é ter traquejo, senão você não consegue”. (Lenir)

A nomeação da professora Rosa Medeiros foi mais uma estratégia para alcançar o reconhecimento do curso, que exigia entre os requisitos também uma biblioteca específica do setor de enfermagem. Ambas, cada uma em sua rede de relações, lutaram para dar conta dessa exigência:

“Foi na primeira diligência que eles já estavam querendo a questão da biblioteca, da relação de títulos que a gente não tinha ninguém que fizesse isso [...] porque eles queriam títulos ligados a enfermagem, não é? E não tinha, não tinha. E eu fui fazer isso sabe aonde? Na Escola de Auxiliares. Cataloguei tudo que tinha na Escola de Auxiliares e incorporei como se fosse da universidade, título, material para montar um o laboratório”. (Lenir)

“Sim, aí eu peguei, procurei Carlos Mendonça que era o diretor da biblioteca e o ministério fazia questão de ter não sei quantos títulos para poder ser criado. [...] pedi a ele emprestado uns livros, comecei a organizar uma biblioteca, organizei a biblioteca, botei cortina, os biombos, pintei a sala, botei as salas para poder os alunos irem lá consultar os livros, uma pessoa na porta, uma bolsista na porta”. (Rosa)

Com relação às providências para reconhecimento do curso, a professora Lenir deixou claros seus vínculos com a reitoria:

“E o professor Manoel Ramalho na época era ele o Reitor, ele autorizou, ‘olhe professora o que precisar, até em questão de dinheiro, a senhora gasta, gaste e me traga a nota que eu, a gente ver aqui como reembolsar’.” (Lenir)

A fala da professora Zandra corrobora essa informação, quando disse que:

“Nós tínhamos inclusive um lugar de destaque na reitoria, nós tínhamos, o que a gente pedia era cedido”. (Zandra)

Ademais, existia vontade expressa do grupo para que o curso se efetivasse da melhor forma. Nesse contexto, o capital social de cada agente serviu para que se estabelecesse uma rede de relacionamentos passíveis de mobilização, na qual a ideia de confiança ocupa lugar significativo. A confiança entre os membros do grupo favoreceu a solidariedade necessária à mobilização para a criação do Departamento de Enfermagem e também para o reconhecimento do curso.

Alguns relatos expressam este desejo do grupo:

“Mesmo com o espaço físico ainda muito sofrível, uma área desconfortabilíssima como era a área dos espaços da Petrobrás, mas ali estávamos todos empenhados em levar o melhor para o aluno, o melhor para o curso, e hoje a gente vê o quanto a gente cresceu ao longo desses anos”. (Marcina)


“Então assim, eu acho que havia uma, como é que se diz, um interesse comum da gente fazer o melhor possível para o curso”. (Heliana)

“Era ótimo, elas faziam de tudo, de tudo para o curso ser bom, dando tudo delas, aquelas meninas recém-formadas, mas davam o sangue mesmo para a coisa funcionar direito”. (Neide)

“Era todo mundo querendo mesmo que o curso desse certo”. (Graça)

Como o “campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes” (BOURDIEU, 2011, p. 12), foi no ambiente universitário, onde coexistiam relações de forças específicas, que as professoras enfermeiras empreenderam luta simbólica para transformar a realidade [criação do Departamento de Enfermagem na estrutura administrativa da UFAL] com vistas a impor uma organização do mundo social mais coerente com os interesses da enfermagem no espaço da universidade.

O efeito concreto desses embates foi materializado por meio de Portaria publicada no Diário Oficial da União:


 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
 DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ACADÊMICOS
 SEÇÃO DE EXPEDIÇÃO E REGISTRO DE DIPLOMAS

RECONHECIMENTO DO CURSO DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA
 HABILITAÇÃO GERAL DE ENFERMAGEM

D.O.U. - 29 de agosto de 1979.

O Ministro de Estado DA EDUCAÇÃO E CULTURA, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 83.857, de 15 de agosto de 1979, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 773/79, conforme consta do Processo nº 504/77-CFE e 229.198/79 do Ministério da Educação e Cultura,

R E S O L V E :

Nº 825 - Art. 1º - É concedido reconhecimento ao Curso de Enfermagem e Obstetrícia, com habilitação geral de Enfermeiro, ministrado pela Universidade Federal de Alagoas, com sede na cidade de Maceió, Estado de Alagoas.

Art. 2º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PROGRAD

Recebido em _____/_____/____

As _____ horas

Assinatura _____

Mud. 01 - 8

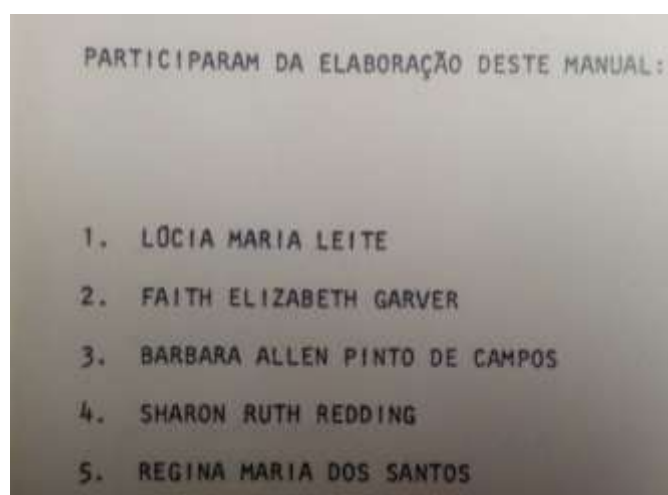
Fac símile 24: Portaria de Reconhecimento do Curso de Enfermagem da UFAL pelo Ministério de Educação e Cultura, de 29 de agosto de 1979.

Fonte: Arquivo Central da UFAL.

Cerca de dois meses após o reconhecimento do curso, o projeto HOPE encerrou suas atividades em Alagoas, segundo relato da enfermeira norte-americana Bárbara:

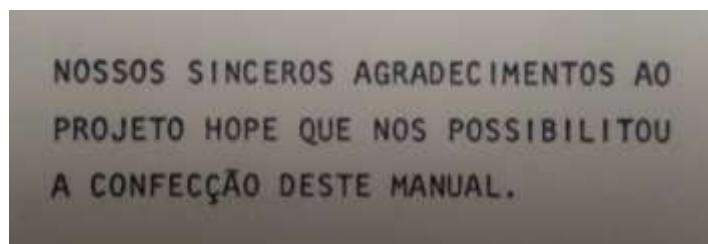
“Porque eu, na verdade, eu fui a pessoa que fechou o projeto aqui, em outubro de 1979. [...] então eu fiz contato com o projeto HOPE e na verdade eu fechei o projeto aqui [...] O projeto HOPE foi a semente, porque naquela semente foi plantada aqui, mas se realmente a população local, os brasileiros, a área de Medicina e de Enfermagem, a área de saúde em geral, não se interessasse em cuidar daquela semente você não estaria com HU do jeito que está hoje em dia, um hospital com seis andares, referência a nível nacional, principalmente para o nordeste do Brasil, então isso eu acho que é mérito do pessoal da daqui, todo mundo estava querendo, querendo realmente avançar aqui”. (Bárbara)

Mais um ganho simbólico e material advindo da parceria com as enfermeiras norte-americanas foi a elaboração de um “Manual da Unidade de Enfermagem” para o HU, finalizado em agosto de 1980, um ano após o encerramento do projeto HOPE. Apresentam-se a seguir ilustrações do citado documento:



Fac símile 25: Relação das pessoas que elaboraram o “Manual da Unidade de Enfermagem” do HU da UFAL.

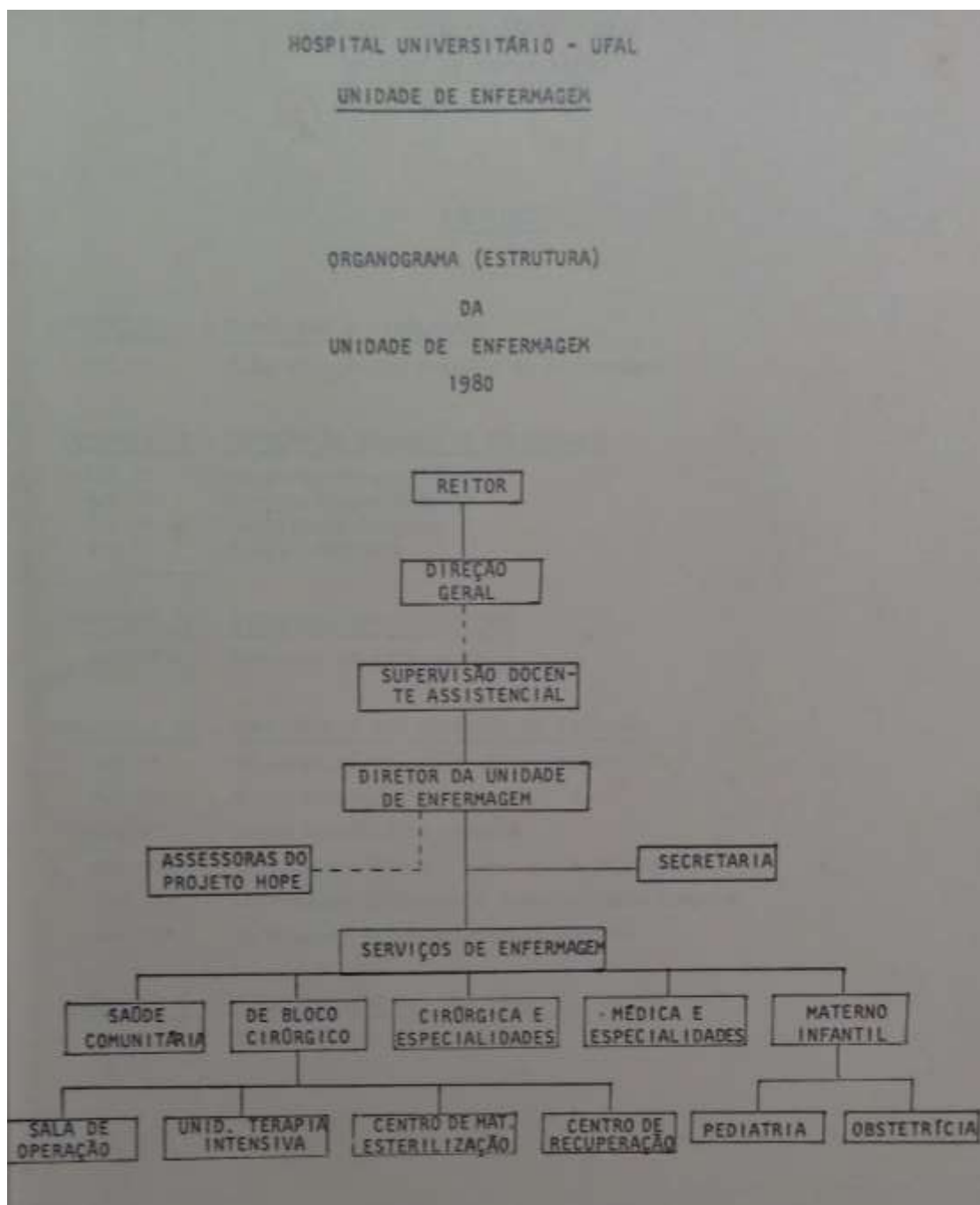
Fonte: Arquivo do LADOPHE



Fac símile 26: Agradecimento escrito no “Manual da Unidade de Enfermagem” do HU da UFAL.

Fonte: Arquivo do LADOPHE

Trata-se do primeiro manual de enfermagem para o HU, que contemplava sua filosofia, objetivos, regimento, atribuições do pessoal de enfermagem, rotinas administrativas relacionadas com a unidade de enfermagem e o seguinte organograma:




Fac símile 27: Organograma descrito no “Manual da Unidade de Enfermagem” do HU da UFAL.

Fonte: Arquivo do LADOPHE

Pela ilustração acima, depreende-se que o documento normatizou os diversos setores do HU onde existia assistência de enfermagem. Esse dado de realidade comprova que à época, a universidade contava com um corpo de enfermeiras que tinha o discurso autorizado sobre as questões da profissão no Estado. Esse reconhecimento

extrapolou os muros da universidade, como bem evidencia um documento encaminhado à UFAL pela diretoria do Hospital Portugal Ramalho, cumprimentando pelos relevantes serviços prestados pelas professoras e estagiárias do curso de Enfermagem:


 Nº 015203

ESTADO DE ALAGOAS
 SECRETARIA DE SAÚDE E SERVIÇO SOCIAL SSSS
 FUNDAÇÃO DE SAÚDE E SERVIÇO SOCIAL DO ESTADO DE ALAGOAS - FUSAL
 HOSPITAL PORTUGAL RAMALHO

Of. n° 280/79HPR.

Maceió, 30 de novembro de 1979.

Prasac
 06.12.79
[Signature]

Magnífico Reitor:

Com o presente, agradecemos e parabenizamos através de V. Excia., às professoras June S. Barreras, Maria das Graças Pereira Lima, Maria Violeta Dantas e estagiárias de Enfermagem da UFAL, cuja equipe docente e discente, concluem neste data seus trabalhos de estágio neste Nosocômio no período de 03/09/79 à 30/11/79, com amor, dedicação e eficiência, contribuindo assim com esta direção, funcionários e pacientes para uma maior e melhor assistência ao doente mental, dando prova dos valores que possuem o ensino Superior da nossa Universidade Federal de Alagoas.

Agradecemos penhoradamente, e enviamos nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente.

Romão Rodrigues P. de Azevedo
 Dra. Rosane Rodrigues Azevedo de Alencar
 Diretora Geral - 379

Exmº Sr.
 Dr. João Azevedo
 DD. Reitor da Universidade Federal de Alagoas

Neste

(Segue em anexo relação dos alunos estagiários)

RECIBO DO 16206
 EM 31 DE 79
 113 337

Recebido em
 14/12/79

Fac símile 28: Ofício nº 280/70 HPR de 30 de novembro de 1979.
 Fonte: Arquivo Pessoal da Depoente Graça Lima.

Enfim, o grupo mobilizou-se para o reconhecimento do curso e através de suas estratégias conquistaram visibilidade, confiança e reconhecimento como professoras-enfermeiras, tanto na UFAL como no Estado de Alagoas.

“Então a criação da escola foi um impacto muito grande, e muito bom a partir do momento que ela passou a jogar no mercado de trabalho enfermeiros, e enfermeiros competentes”. (Lúcia)

“porque uma vez que a sociedade se sente mais bem cuidada e sabe que existe um curso de nível superior de enfermagem, coisa que eles desconheciam da existência, e passam a perceber que aquelas pessoas que tinham curso de enfermagem elas tinham uma instrução maior e uma qualidade melhor para atender a sociedade nos hospitais, nas unidades, ou mesmo na área de saúde pública, é, isso sem dúvida nenhuma é um impacto, é um diferencial na construção dessa sociedade”. (Lena)

“A não existência de uma enfermeira responsável por aquela área de trabalho deixava a desejar a assistência, porque por mais que o auxiliar de enfermagem fosse preparado, mas havia limitação nas ações, num plano de trabalho, num plano de cuidados, isso foi o que a gente mais pregou na época era que o paciente tivesse um plano de cuidado, uma prescrição de enfermagem e isso só foi possível a partir do momento em que a enfermeira entrou no campo de trabalho”. (Marcina)

“À medida que foi liberando enfermeiro, liberando enfermeiro, aí eu acho que começou o impacto, quando os hospitais sentiram a necessidade, pelo conhecimento que era diferenciado, pela postura que era diferenciada, porque você sabe, eles diziam bem assim ‘Ah, você é enfermeira chefe, não é?’. Não existe enfermeira chefe. Existe enfermeira e os outros profissionais da área. Mas aí eu acho que começou a sentir essa diferença”. (Ana Maria)

“Muito impacto, até não seria difícil deduzir porque a gente sabe que a enfermagem é uma profissão que tem uma responsabilidade muito grande com a saúde, não ter enfermeiro é relegar a saúde a um nível mais rudimentar possível”. (Zandra)

“Foi aí onde a gente começou a mostrar o que é a profissão, foi a partir daí. A mostrar, porque até então não havia. Ninguém sabia o que era um enfermeiro, apesar dele ser chamado de enfermeiro chefe, mas ninguém sabia e a gente ficava muito preocupada em manter esse padrão para que as pessoas reconhecessem, porque não era só falar. A gente tinha que exercer adequadamente para ser reconhecido enquanto enfermeiro. Porque reconhecimento social é a partir do que você faz, daquilo que você desenvolve”. (Graça)

Por fim, a fala da professora Lígia sintetiza as questões discutidas sobre a luta do grupo de atores sociais envolvidos na criação e reconhecimento do curso de Enfermagem na UFAL:

“Nós tivemos uma grande capacidade de luta (...) éramos também um grupo muito participativo na universidade, e nós participávamos de todas as discussões que aconteciam na universidade. Então foi um grupo assim reconhecido como um grupo forte, um grupo coeso, um grupo politicamente

avançado, e isso fez com que tivéssemos um nome na Universidade Federal de Alagoas”. (Lígia)

Este capítulo se propôs a discutir os efeitos simbólicos advindos da inserção do curso de graduação em enfermagem na UFAL. Sendo assim, todo o processo de implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas, criado no âmbito da UFAL no ano de 1973, proporcionou lucros diretos, primeiramente no mercado do campo universitário, é claro, não obstante em outros lugares, e também lucros de distinção às estudantes, às professoras enfermeiras e à enfermagem alagoana, através do reconhecimento da qualidade da competência adquirida pelo grupo.

CONCLUSÃO

Não há nesta seção a menor pretensão de esgotar o assunto, considerando a complexidade e abrangência do objeto desta Tese, a qual abarca dimensões subjetivas e objetivas, inerentes a empreendimentos humanos que envolvem relações de poder, paixões e as correspondentes estratégias para alcançar seus propósitos, bem como a vastidão de fontes potenciais de consulta. Nesta parte da investigação é pertinente enfrentar o desafio de apresentar algumas considerações, derivadas dos resultados encontrados.

A pesquisa ora desenvolvida considera a investigação sobre a história da enfermagem de suma importância para prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade. No presente caso, procurou-se descortinar uma etapa relevante da história desta profissão em Alagoas, qual seja, a inserção do ensino de graduação em enfermagem no Estado, a partir da criação, implantação e consolidação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas.

Para tanto, acompanhando o que propõe o movimento da *Escola dos Annales*, foi preciso apresentar uma narrativa que não enfoca apenas fatos e datas importantes para a historiografia tradicional positivista, mas sim a incorporação de variados tipos de fontes de pesquisa, à partir da construção de um texto mais analítico com base na contextualização de estrutura e conjuntura.

Não obstante o obscurantismo de se viver na política brasileira um período autoritário nas relações entre governo e sociedade, o modelo de modernização conservadora, implantado no período da ditadura e em plena vigência na década de 1970, privilegiou a formação de mão de obra qualificada em diferentes áreas e setores, em nível superior. De certa forma, a formação em Enfermagem, cujo diagnóstico indicava elevadíssima carência de profissionais em âmbito nacional, particularmente nas regiões Norte e Nordeste, foi beneficiada com a política de abertura de cursos superiores.

Para ilustrar, cumpre referir que, à época do recorte temporal da presente Tese, o Estado de Alagoas não dispunha de qualquer oportunidade de formação de enfermeiros, num cenário em que a população sofria com precaríssimas condições de saúde. Num retrato sem retoques, os cuidados de saúde eram prestados por médicos e por irmãs de caridade ou atendentes de enfermagem. Esse atendimento aos pacientes prestado pelas

atendentes era supervisionado pelas irmãs ou simplesmente segundo a “metodologia do ensaio e erro”.

Sobre este aspecto conjuntural, o primeiro capítulo dos resultados descreveu como a enfermagem estava organizada social e profissionalmente no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, explicando que esse contexto, acrescido às particularidades do espaço social alagoano, determinaram a criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no estado.

Uma das principais peculiaridades foi a vinda do navio-escola HOPE, por meio de um convênio firmado entre a universidade, o governo do estado e próprio projeto norte-americano. O navio permaneceu atracado no porto de Maceió por nove meses durante o ano de 1973, dando visibilidade ao capital simbólico das enfermeiras estrangeiras, que tinham traços culturais, pessoais e de enfermagem tão diferentes dos encontrados no Brasil, sobretudo em Maceió-Alagoas.

No que tange a categoria de enfermagem, o navio só contava com a atuação de enfermeiras, até porque nos Estados Unidos não havia (e ainda não há) uma fragmentação da categoria semelhante à que existe no Brasil. Estas enfermeiras norte-americanas conseguiram operar mudanças na localidade, com ênfase na autonomia do exercício do cuidado de enfermagem, no reconhecimento da enfermagem como uma profissão importante e imprescindível para o sucesso da atenção à saúde, na sistematização da assistência, na organização do serviço de enfermagem do Hospital Universitário, e no recrutamento/treinamento/ensino dos auxiliares de enfermagem da região. É de suma relevância sublinhar que as estrangeiras se faziam acompanhar de profissional local, numa abordagem que se poderia designar como treinamento em serviço.

Apesar de existir, nos anos de 1970, um movimento nacional de ampliação dos cursos de graduação em enfermagem, sobretudo no âmbito das universidades federais que ainda não possuíam, a UFAL não representava uma necessidade premente para o Ministério da Educação e Cultura, visto que já existia cursos desta natureza em vários estados do nordeste brasileiro. O que aconteceu foi um momento favorável pois a atuação das enfermeiras norte-americanas possibilitou uma nova visão do potencial do trabalho da enfermeira e a grande necessidade de profissionais deste nível para a localidade. Um dos importantes aliados deste processo foi o reitor da UFAL, que encampou o projeto de abertura do curso, dando-lhe ágil tramitação.

Após a criação do curso, que ocorreu ainda no ano de 1973, o segundo capítulo versou sobre o *modus operandi* da escola e as estratégias de luta das enfermeiras que

compuseram o primeiro corpo docente para conquistar um espaço no campo universitário. É nesse momento que vêm à tona as estratégias e habilidades políticas do grupo de professoras enfermeiras, provenientes de vários estados brasileiros, para alcançar seus propósitos. De pronto, buscaram apoio em diferentes instâncias políticas e da sociedade alagoana para dar visibilidade à profissão de enfermeira e das repercussões de seu trabalho.

Neste processo não são desprezíveis os esforços para constituição do corpo docente, formulação do currículo com base no parecer 163/172, vigente à época, outras providências, algumas burocráticas, para obter respaldo das instâncias superiores. Cabe salientar que durante todo o período de implantação, o curso continuou contando com a colaboração do projeto HOPE, que permaneceu em terra por mais de cinco anos, mobilizando enfermeiras norte-americanas sempre que alguma necessidade específica se apresentava, seja para questões educacionais ou para conteúdos práticos do curso. A interação destas enfermeiras com as professoras se materializava através de um sistema de contra-parte, onde cada profissional estrangeira ficava com uma profissional brasileira.

Outra estratégia de luta das docentes para marcar sua posição no campo foi a ocupação do Hospital Universitário, assumindo a chefia das clínicas e a direção de enfermagem. Neste espaço houve um intenso embate com os médicos e o compartilhamento dos cuidados de enfermagem com as atendentes e auxiliares de enfermagem, pois a partir daquele momento tudo que dissesse respeito a enfermagem seria administrado pelas enfermeiras docentes, como uma espécie de senso prático, onde elas diagnosticaram o que era preciso ser feito e em qual momento.

Dando seguimento, o terceiro capítulo, procurou discutir os ganhos simbólicos advindos da inserção do curso de enfermagem da UFAL. Para tanto, o próprio campo determinou o que cada agente poderia fazer a partir de seu capital individual e coletivo. O principal engajamento do grupo se deu em torno das renhidas lutas para o reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação e Cultura, fato que aconteceu em 29 de agosto de 1979.

Vários outros ganhos simbólicos e materiais foram adquiridos, quais sejam: a ampliação do corpo docente; a criação do Departamento de Enfermagem dentro da estrutura administrativa da UFAL (até então o curso funcionou vinculado ao Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina); a inserção das alunas e professoras nos campos de prática (curriculares e extra-curriculares), reconfigurando o cuidado de enfermagem; os espaços de destaque ocupados pelas primeiras enfermeiras

formadas em Alagoas; a contribuição das professoras enfermeiras no desenvolvimento da Associação Brasileiras de Enfermagem – Seção Alagoas; a contribuição na instalação do Conselho Regional de Enfermagem de Alagoas; a interiorização do curso à partir da efetivação do Estágio Curricular Supervisionado; e a construção e implementação do primeiro Manual da Unidade de Enfermagem para o Hospital Universitário.

Diante do exposto, a Tese de pesquisa foi confirmada, pois foi neste campo universitário, onde coexistiram relações de forças específicas (devido ao poder simbólico de cada agente), que as professoras enfermeiras, fazendo uso de seu capital simbólico e a partir de um *habitus* (interiorização de determinações externas), precisaram empreender uma luta simbólica para transformar a realidade com vistas à impor uma organização do mundo social mais conforme aos interesses da enfermagem no campo da universidade e no campo da saúde no estado.

Em face destas breves considerações, sem sombra de dúvidas, as estratégias de lutas das professoras enfermeiras foram bem sucedidas, proporcionando significativa visibilidade acadêmica e social ao relevante trabalho autônomo da enfermeira na prestação de cuidados de saúde.

Como limitações do estudo, podemos citar a percepção do autor, que escreve de um lugar social, ou seja, a partir de um ponto de vista que é atravessado por subjetividades. Destarte, a tarefa de produzir um estudo histórico não prescinde de múltiplas influências, que tem relação com sua inscrição em dada comunidade (universitária, como é o caso) que é atualizada pela sua própria época.

Ainda assim, recomenda-se a realização de estudos históricos sobre o desenvolvimento da enfermagem, pois só o conhecimento da história possibilita a compreensão de como a enfermagem tem se construído e avançado ao longo do tempo, favorecendo o desenvolvimento de um compromisso com a profissão.

Com relação ao plano de disseminação do presente estudo, cabe ressaltar que: um artigo sobre a configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas já foi publicado na Revista Brasileira de Enfermagem no ano de 2014; um segundo artigo que trata do capital simbólico das enfermeiras norte-americanas do navio HOPE foi elaborado e submetido e encontra-se aguardando avaliação; um terceiro artigo será elaborado a partir dos resultados finais; e, um instrumento didático (talvez um livro) pode ser escrito a partir dos dados encontrados nesta pesquisa, para ser incorporado à disciplina que aborda os conteúdos de história da enfermagem do Curso de Enfermagem da UFAL, que hoje já comemora mais de 40

anos de existência e permanece como uma instituição de referência para formação de enfermeiras em Alagoas.

Como uma última observação conclusiva, parece oportuno sublinhar a compreensão de que a conquista de espaço profissional pela Enfermagem é resultado de luta de poder com outros atores sociais no espaço dos cuidados e de que a força dos enfermeiros encontra alicerces na formação, competência técnica, conhecimento das atribuições profissionais, associada ao compromisso político com os ideais da profissão.

Para isso, as primeiras professoras enfermeiras da UFAL nos deixam a lição de que um bom enfermeiro não foge à luta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. W. S.; BASTOS, M. L. A.; COSTA, T. J. G.; MONTEIRO, V. G. N. A trajetória da ABEn – Alagoas. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 54(2): 268-270, abr.-jun. 2001.

ALVES, Emiliano Rivello. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Soc. estado**. [online]. 2008, vol.23, n.1, pp. 179-184. ISSN 0102-6992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n1/a09v23n1.pdf>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Dados sobre a formação do pessoal de enfermagem no Brasil**. São Paulo: Comissão de Documentação e Estudos – ABEn, 1969.

BACELLAR, C. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, C. B. et al. *Fontes Históricas*. 3. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, julho 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n3/13480.pdf>

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escola do tema ao quadro teórico**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____, José D'Assunção. *Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica*. **Mouseion**, n. 12, mai-ago/2012, pp. 129-159. ISSN 1981-7207.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre (SP/RS): Edusp/Zouk, 2007.

_____, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____, P. **O poder simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Capinas, SP: Papyrus, 1996.

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. **Dicionário crítico de sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____, P. **Escritos de Educação**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

BRASIL. **Lei 5.540/1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média.

BURKE, P. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011.

CABRAL, Ivone Evangelista; ALMEIDA FILHO, Antonio José de. 85 anos de ABEn® e 80 de REBEn® promovendo o desenvolvimento científico e profissional da Enfermagem brasileira. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. spe, p. 13-23, Sept. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700002&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000700002>.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARLOS, D. J. D.; PADILHA, M. I.; VILLARINHO, M. V.; BORENSTEIN, M. S.; MAIA, A. R. C. R. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene**. 2014 mar-abr; 15(2): 326-33.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan; MUNARI, Denize Bouttelet; GELBCKE, Francine Lima; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; GUTIÉRREZ, Maria Gaby Rivero de; RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani. Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 66, n. spe, p. 80-89, Sept. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700011&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Sept. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000700011>.

CARVALHO, A. C. **Associação Brasileira de Enfermagem: 1926-1976 (Documentário)**. 2ed. Brasília-DF: ABEn Nacional, 2008.

CASTRO, H. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CODATO, N. A. **Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia**. Rev Sociol Polít. Curitiba. 2005; 25:83-106. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n25/31113.pdf>

COSTA, L. M. C.; SANTOS, R. M.; SANTOS, T. C. F.; TREZZA, M. C. S. F.; LEITE, J. L. Contribuição do Projeto HOPE para a configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras alagoanas, 1973 a 1977. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 67, n. 4, Aug. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n4/0034-7167-reben-67-04-0535.pdf>

COSTA, L. M. C. **Tecitura da identidade profissional da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL: contribuição do corpo docente– 1973/1977**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem e Farmácia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

COSTA, LMC; SANTOS, RM; TREZZA, MCSF; ROZENDO, CA; ALMEIDA, LMWS. Produção de pesquisa histórica relativa a criação de cursos de graduação em enfermagem: uma revisão integrativa. **Hist Enferm Rev Eletronica** [Internet]. 2012

[acesso em 31 de janeiro de 2013];3(1):1-16. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrode-memoria/here/vol3num1artigo1.pdf>

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 13ª Ed. São Paulo: Edusp, 2010.

FIGUEIREDO, M. C. S.; MENDONÇA, M. R. A.; SANTOS, R. M. **Avaliação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Alagoas**. Maceió, 1987.

GARCIA, T. R. REBEn: arauto da produção técnico-científica e do projeto político-social da Enfermagem brasileira. **Rev Bras Enferm.**, 66(esp):7-8, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea01.pdf>

GARCIA, T. R. Conquistas da REBEn. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, set-out; 64(5): 807, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n5/a01v64n5.pdf>

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1145/5743>

Integração docente-assistencial e a enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 83-84, June 1984. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671984000200001&lng=en&nrm=iso>. Access on 15 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671984000200001>.

LIRA, Sandra. **Alagoas 2000-2013**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MACEDO, Amanda Cavalcante de. **A luta das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas por melhores posições no campo da saúde (1977-1979)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Maceió: UFAL/ESENFAR. 2013. 105f.

MANCIA, J. R.; PADILHA, M. I. C. S.; RAMOS, F. R. S.; CORDOVA, F. P.; AMARAL, N. V. Congresso Brasileiro de Enfermagem: sessenta anos de história. **Rev Bras Enferm**, Brasília, maio-jun; 62(3): 471-9, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n3/23.pdf>

MASSON, VeNeta. **Internacional Nursing**. Springer Publishing Company, 1981.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDES, I.A.C.; LEITE, J.L.; LEITE, J.L.; TREVIZAN, M.A. A REBEn no contexto da história da enfermagem brasileira: a importância da memória de Dª Glete de Alcântara. **Rev. Bras. Enferm.**, v.55, n.3, p.270-274, 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/Lais/Downloads/545f98fb0cf2c1a63bfdb861%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lais/Downloads/545f98fb0cf2c1a63bfdb861%20(1).pdf)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA / DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS. **Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil**. Brasília: MEC, 1979.

MONTEIRO, Márcia Rocha. **Hospital do açúcar de Alagoas: arquitetura e assistência à saúde: 50 anos de história**. Maceió: EDUFAL, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Rev. Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 575-584, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a15v14n4.pdf>

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. 2ª Ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2015.

QUEIROZ A. **Episódios da História de Alagoas**. 2ª ed. Maceió: Edições Catavento, 1999.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANFELICE, J. L. História e historiografia de instituições escolares. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 192-200, set. 2009 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf

SANNA, M. C.; CAGNACCI, C. V. História das escolas de enfermagem como objeto de pesquisa. **R. pesq.: cuid. fundam.** [Online], v. 2, Ed. Supl., p. 808-812, out/dez 2010. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1140/pdf_289.

SANTOS, R. M.; TAVARES, L. V. S.; CRUZ, D. E.; TREZZA, M. C. S. F. Circunstâncias de criação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas: um estudo preliminar. **HERE – História da Enfermagem – Revista Eletrônica.** 2010; 1(1):4. Disponível em: http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n1vol1ano1_artigo5.pdf

_____, R. M.; LIRA, Y. C. M. S.; NASCIMENTO, R. F. **O navio HOPE: um novo encontro entre a enfermagem brasileira e a norte-americana.** Maceió: Edufal, 2009.

SANTOS, T. C. F. A memória e o “por em cena” da história da Enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, Sept. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n3/v14n3a01.pdf>

_____, T. C. F.; BARREIRA, I. A.; FONTE, A. S.; OLIVEIRA, A. B. **Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920.** *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 45, n. 4, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n4/v45n4a25.pdf>

_____, T. C. F.; BARREIRA, I. A.; GOMES, M. L. B.; BAPTISTA, S. S.; PERES, M. A. A.; ALMEIDA FILHO, A. J. A memória, o controle das lembranças e a pesquisa em história da enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, Sept. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n3/a25v15n3.pdf>

SCOCHI, C. G. S.; MUNARI, D. B.; GELBCKE, F. L.; ERDMANN, A. L.; GUTIÉRREZ, M. G. R.; RODRIGUES, R. A. P. Pós-graduação Stricto Sensu em enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev Bras Enferm.** 66(esp):80-9, 2013.

SILVA, N. A. R.; SANTOS, R. M. S.; MACEDO, A. C.; COSTA, L. M. C.; SANTOS, J. F. E. [The struggle for civil organization of nursing of the Alagoas: the creation of Brazilian Association of Nursing-AL (1962-1965)]. **Hist enferm Rev eletrônica**[Internet]. 2015;6(1):21-36.Portuguese.

SILVA, Nayara Alexandra Rodrigues da. **Circunstâncias de instalação do Conselho Regional de Enfermagem de Alagoas.** Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas. Escola de Enfermagem e Farmácia. Curso de Enfermagem. Maceió, 2016.

SILVEIRA, C. A.; PAIVA, S. M. A. A evolução do ensino de enfermagem no brasil: uma revisão histórica. **Cienc Cuid Saude** 2011 Jan/Mar; 10(1):176-183. DOI: 10.4025/ciencucidsaude.v10i1.6967. Disponível em: <file:///C:/Users/Lais/Downloads/6967-59312-1-PB.pdf>

TEIXEIRA, E.; VALE, E. G.; FERNANDES, J. D.; SORDI, M. R. L. (orgs). **O ensino de graduação em enfermagem no Brasil: o ontem, o hoje e o amanhã.** Brasília: Inep; 2006.

TEIXEIRA, E.; VALE E.G.; FERNANDES, J.D.; SORDI, M. R. L. (orgs). **O ensino de graduação em enfermagem no Brasil: o ontem, o hoje e o amanhã.** Brasília: INEP, 2006. BRASIL.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP.** Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e ampliação nas áreas da saúde e humanas.** 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. **Educ. Soc. [online]**. 2002, vol.23, n.78, pp. 77-87. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>

VELOSO, F. A.; VILLELA, A.; GIAMBIAGI, F. **Determinantes do “milagre” econômico brasileiro (1968-19732): uma análise empírica**. RBE. Rio de Janeiro. 2008; 62(2): 221-246. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbe/v62n2/06.pdf>

VERÇOSA, E. G.; CAVALCANTE, S. (Orgs) **Universidade Federal de Alagoas: o livro dos 50 anos**. 2ª Ed. Maceió: EDUFAL, 2013.

Apêndice A

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Parte 1 – Dados para caracterização dos sujeitos:

Entrevistado n.º _____
() Docente () Discente () Outro: _____
Pseudônimo _____
Idade _____ anos
Natural de _____
Ano de formado _____
Idade que se formou _____
Pós-graduação _____
Situação profissional atual _____


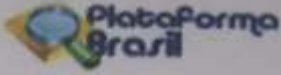
Parte 2 – Dados relativos ao objeto do estudo

1. Fale sobre a criação do curso de enfermagem da UFAL.
2. Como o curso foi organizado? Que alianças estabeleceram? Como se relacionaram com o corpo discente/docente?
3. Como se deu sua inserção e atuação no curso de enfermagem da UFAL?
4. Que estratégias foram desenvolvidas para a implantação do curso?
5. Quais foram as facilidades e dificuldades do processo de implantação?
6. Como era o relacionamento estabelecido entre o corpo social do curso de enfermagem com os outros cursos da área da saúde, no âmbito da UFAL?
7. Que acontecimentos/mudanças foram percebidas a partir da implantação do curso de enfermagem?
8. Como se sentia enquanto membro do corpo social deste curso?
9. Você gostaria de fazer algum comentário adicional sobre este assunto?

Parte 3 –

Agradecer pelas contribuições e realização da entrevista.
Agradar dia para validação/correção da entrevista transcrita.

ANEXO – A

	ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY - EEAN/ UFRJ - HOSPITAL ESCOLA SÃO									
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP										
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA										
Título da Pesquisa: O Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (1973-1979): lutas simbólicas para implantação e consolidação.										
Pesquisador: Lais de Miranda Crispim Costa										
Área Temática:										
Versão: 1										
CAAE: 42610215.7.0000.5238										
Instituição Proponente: Escola de Enfermagem Anna Nery										
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio										
DADOS DO PARECER										
Número do Parecer: 1.007.812										
Data da Relatoria: 31/03/2015										
Apresentação do Projeto:										
Projeto de tese com abordagem histórico-sociológica referente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, que tem como objeto, a implantação e consolidação do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.										
Objetivo da Pesquisa:										
<ul style="list-style-type: none"> • Descrever o processo de implantação do Curso de Graduação em Enfermagem na UFAL. • Analisar as estratégias de luta das docentes pela conquista de um espaço na universidade. • Discutir os efeitos simbólicos advindos do reconhecimento social do curso de graduação em enfermagem da UFAL para a sociedade alagoana. 										
Avaliação dos Riscos e Benefícios:										
O estudo proposto oferece riscos mínimos, como desconforto, emoção, cansaço, impaciência; porém propicia o benefício de relembrar o passado, resgatar fatos e circunstâncias, o que pode se revelar como prazer.										
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:										
Projeto bem elaborado, respeitando todos os parâmetros sócio-políticos que favorecem a compreensão da relevância histórica do estudo. Cenário bem constituído, sendo participantes										
<table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td data-bbox="284 1693 619 1715">Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275</td> <td data-bbox="715 1715 874 1738">CEP: 20.211-110</td> </tr> <tr> <td data-bbox="284 1715 475 1738">Bairro: Cidade Nova</td> <td data-bbox="475 1738 715 1760">Município: RIO DE JANEIRO</td> </tr> <tr> <td data-bbox="284 1738 507 1760">UF: RJ</td> <td data-bbox="826 1760 1114 1783">E-mail: cepecanhesfa@gmail.com</td> </tr> <tr> <td data-bbox="284 1760 507 1783">Telefone: (21)2293-8146</td> <td></td> </tr> </table>			Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275	CEP: 20.211-110	Bairro: Cidade Nova	Município: RIO DE JANEIRO	UF: RJ	E-mail: cepecanhesfa@gmail.com	Telefone: (21)2293-8146	
Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275	CEP: 20.211-110									
Bairro: Cidade Nova	Município: RIO DE JANEIRO									
UF: RJ	E-mail: cepecanhesfa@gmail.com									
Telefone: (21)2293-8146										
Página 01 de 03										



ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY - EEAN/ UFRJ -
HOSPITAL ESCOLA SÃO



Contribuição do Parecer: 1.007.812

professores e ex-professores da UFAL com critérios de inclusão perfeitamente delimitados. Técnica de História Oral Temática com entrevista semi-dirigida e pesquisa em documentos comprobatórios da implantação do curso de graduação em enfermagem na instituição. Análise a partir dos conceitos de sociologia de Pierre Bourdieu com a triangulação do contexto histórico, das estruturas sociais existentes no campo e do universo simbólico no qual se inserirão os discursos analisados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos: apresentado
- 2) Projeto de Pesquisa: apresentado
- 3) Orçamento financeiro e fontes de financiamento: apresentado
- 4) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: apresentado
- 5) Cronograma: apresentado
- 6) Carta de anuência: apresentado
- 7) Instrumento de coleta de dados (Roteiro para Análise de Documentos e Roteiro para Entrevista): apresentados
- 8) Termo de Doação de Depoimento: apresentado

Recomendações:

Incluir Logo das instituições Proponente e coparticipante nos documentos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da EEAN/HESFA atendendo o previsto na Resolução 466/12 do CNS/MS APROVOU o referido projeto na reunião ocorrida em 31 de março de 2015. Caso o(a) pesquisador(a) altere a pesquisa é necessário que o projeto retorne ao Sistema Plataforma Brasil para uma futura avaliação e emissão de novo parecer. Lembramos que o(a) pesquisador(a) deverá encaminhar o relatório da pesquisa após a sua conclusão, como um compromisso junto a esta instituição e o Sistema Plataforma Brasil.

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275

Bairro: Cidade Nova

CEP: 20.211-110

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2293-8148

E-mail: cepeeahesfa@gmail.com



ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY - EEAN/ UFRJ -
HOSPITAL ESCOLA SÃO



Contribuição do Paciente: 1.007,812

RIO DE JANEIRO, 01 de Abril de 2015

Assinado por:

Maria Aparecida Vasconcelos Moura
(Coordenador)

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275

Bairro: Cidade Nova

UF: RJ

Telefone: (21)2293-8148

CEP: 20.211-110

Município: RIO DE JANEIRO

E-mail: cepasanheta@gmail.com

ANEXO – C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(em 2 vias, firmado por cada participante-voluntário (a) da pesquisa e pelo responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____

tendo sido convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo intitulado **“O Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (1973 – 1979): lutas simbólicas para implantação e consolidação”**, recebi das enfermeiras e professoras Laís de Miranda Crispim Costa e Tânia Cristina Franco Santos, responsáveis por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que este estudo se refere a tese de doutorado da Enfermeira e Professora Laís de Miranda Crispim Costa, sob orientação da Dra. Tânia Cristina Franco Santos.
- Que o estudo tem os seguintes objetivos: descrever o processo de implantação do Curso de Graduação em Enfermagem na UFAL; analisar as estratégias de luta das docentes pela conquista de um espaço na universidade; e discutir os efeitos simbólicos advindos do reconhecimento social do curso de graduação em enfermagem da UFAL para a sociedade alagoana;
- Que a importância deste estudo é a de preencher uma das várias lacunas que compõem a história da Enfermagem Alagoana, tendo em vista a carência de dados a esse respeito, além de incentivar para novas produções em termos de pesquisa histórica neste Estado;
- Que este estudo começará em janeiro de 2015 e terminará em dezembro de 2016;
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: a pesquisadora irá buscar documentos oficiais nos Arquivos da Universidade Federal de Alagoas; utilizará outros documentos não formais que servirão de fontes primárias, além de documentos orais resultantes de entrevista semi-estruturada. Após tudo isso, a pesquisadora irá organizar, discutir, analisar e divulgar os resultados;
- Que eu participei da entrevista semi-estruturada;
- Que eu também posso contribuir com o estudo disponibilizando documentos não-formais com meu consentimento;
- Que o estudo proposto oferece riscos mínimos, quais sejam, desconforto, emoção, cansaço, impaciência, porém relembrar o passado, resgatar fatos e circunstâncias das minhas memórias, também pode se revelar como prazer;
- Que não haverá nenhum risco adicional;
- Que eu serei entrevistado no local que eu escolher;
- Que não serei beneficiado (a) financeiramente, mas contribuirei para a escrita da História da Enfermagem Brasileira e Alagoana, respeitando suas singularidades e suas influências na conjuntura atual;
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Que, a qualquer momento, eu poderei me recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto se eu permitir;
- Que o estudo finalizado poderá ser publicado em periódicos e apresentados em eventos científicos.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do (a) participante-voluntário(a):

Domicílio: (rua, praça, conjunto)

Bloco/ n°/complemento:

Bairro/ CEP/ Cidade/Telefone:

Ponto de referência:

Endereço das responsáveis pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Nome: **Laís de Miranda Crispim Costa**

Endereço residencial: Rua Dr. Roland Simons, n° 575, Edif.: Amaraji, apt° 301, Mangabeiras, Maceió – Alagoas. CEP: 57.035-552

Telefones: (82) 3032-2261 / 9326-0522 / 8864-1900

Endereço comercial: Escola de Enfermagem e Farmácia da UFAL, Av. Lourival de Melo Mota, s/n, Campus A.C. Simões - BR 104 - Norte Km 97, Tabuleiro do Martins - Maceió -Al, CEP 57072-970. Fone: (82) 3214 1154

Nome: **Tânia Cristina Franco Santos**

Endereço residencial: Rua Conde do Bonfim, n° 827, apt° 209, Tijuca. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20520-051.

Telefones: (21) 97193-6767

Endereço comercial: Escola de Enfermagem Anna Nery - Rua Afonso Cavalcanti, 275 – Secretaria de Pós-Graduação – Cidade Nova. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20211-110

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery / Hospital Escola Francisco de Assis localizado na Rua Afonso Cavalcante, 275, Cidade Nova. Rio de Janeiro-RJ. Tel: (21) 2293-8148. R: 228. E-mail: cepeanhesfa@gmail.com Atendimento: de segunda a sexta, das 08:00 às 13:00 horas.

Maceió,

<p>(Assinatura do (a) voluntário(a) – Rubricar as demais folhas)</p>	<p>Nome e Assinatura da responsável pelo estudo (rubricar as demais folhas)</p>
--	---

ANEXO D**TERMO DE DOAÇÃO DE DEPOIMENTO**

Eu, _____,
CONCORDO em doar meu depoimento, gravado através de aparelho eletrônico (gravador), para a guarda no Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem – LADOPHE administrado pelo Grupo de Estudos D. Isabel Macintyre (GEDIM) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob a forma de mídia e ou registro escrito, tendo o mesmo sido apresentado anteriormente a minha pessoa para a prévia apreciação e autorização.

Declaro ainda que este meu depoimento, tal como se encontra e é de meu conhecimento e autorização, pode ser utilizado como fonte primária para futuros estudos sobre a história da Enfermagem alagoana.

Maceió, de de

Assinatura do entrevistado